

ANGELA MARTINES MIRANDA

**UMA EXPERIÊNCIA COM GRUPO DE PAIS DE
ADOLESCENTES NUMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Campinas

1998

ANGELA MARTINES MIRANDA

**UMA EXPERIÊNCIA COM GRUPO DE PAIS DE
ADOLESCENTES NUMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Antônio I. Terzis

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas
1998**

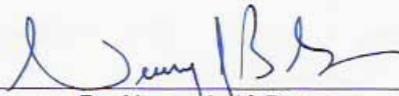
ANGELA MARTINES MIRANDA

**UMA EXPERIÊNCIA COM GRUPO DE PAIS DE
ADOLESCENTES NUMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR**

Comissão Julgadora



Dra. Vera Engler Cury



Dr. Neury José Botega



Dr. Antônio I. Têrzis
Orientador

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade
Católica de Campinas.

*“Mudam-se os tempos,
mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades”*

(Luís de Camões)

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que acreditaram nesta busca.

Ao grande incentivador deste trabalho, meu companheiro Haron Alain Kori.

Aos meus pais Miguel Miranda e Dirce Martines I. Miranda (in memoriam), que sempre apoiaram minhas escolhas.

Ao professor e orientador Dr. Antônio Têrzi, pelos caminhos que pode mostrar.

Ao Dr. Roosevelt M. S. Cassorla pelo seu apoio e contribuição.

À Pontifícia Universidade Católica de Campinas pela credibilidade neste trabalho; ao Departamento de Pós-Graduação em Psicologia e ao corpo docente pelos ensinamentos.

Aos amigos do mestrado pelas experiências e trocas: à Andréa Schilling, Olga A. Angeli e Vera Alves.

Às amigas e irmãs sempre presentes: Roseli V. Bettini e Bruneide M. Padilha (também do mestrado), Renate Knabe, Nídia Leão, Maria de Fátima M.C.Gonzaga e Bernardete Pacheco.

Ao CNPq pela concessão da bolsa.

À coordenação da Escola CEFI pelo incentivo neste trabalho.

Aos pais que participaram do grupo, que venceram vários obstáculos e, ainda me proporcionaram um rico aprendizado.

MIRANDA, ANGELA MARTINES (1998)- **Uma Experiência com Grupo de Pais de Adolescentes numa Instituição Escolar**. Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP. (Dissertação de Mestrado), 146 p.

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência de um grupo de pais de adolescentes pertencentes a uma escola particular. Teve por objetivos a abertura de um espaço de reflexão aos pais de alunos com queixa de dificuldades no relacionamento com os filhos, bem como a pertinência e adequação deste tipo de trabalho como instrumento de busca na melhoria nas relações pais e filhos a partir da troca de experiências e reflexão crítica.

Este estudo abordou um grupo de oito pessoas, sete mães e um pai. A técnica grupal utilizada foi a dos Grupos de Reflexão e a abordagem para o desenvolvimento dos grupos foi a psicodinâmica. O enquadre foi adaptado as condições da instituição onde o grupo foi realizado.

Os resultados obtidos revelaram que, dentro do espaço grupal, os pais foram capazes de reconhecer elementos causais das dificuldades atuais na relação com os filhos. Eles foram motivados a fazer uso do pensamento e busca de soluções para seus conflitos. A tarefa proposta propiciou coesão grupal, criando uma atmosfera de solidariedade e continência para que os pais pudessem se expor. As trocas de experiências, o processo vivencial no grupo e as aprendizagens que ocorreram mostraram que este modelo de intervenção se constitui num recurso adequado para revelar estados emocionais e possibilidade de mudanças.

MIRANDA, ANGELA MARTINES (1998) - **An Experiment with Group of Adolescent's Parents in a School** .Post-Graduation Department in Clinical Psychology. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP. (Master's Degree Dissertacion), 146p.

SUMMARY

This work is about an experiment made with a group of parents of adolescents at private school. Its aim was not only to open some room for reflection from parents who had trouble relating with their children, but also to adjust and fit them into this opening in order to search for betterment in the parent-child relationship based on both the sharing of experiences and a critical reflection.

This experiment was carried out with eight people - seven mothers and one father. The group technique applied in this case was of the Reflection Groups and the approach used to develop the groups was psychodynamics. The work had to be adapted to the conditions of the institution where it was held.

The results have proved that the parents - as part of the group - were able to recognize some of the elements that make the parent-child relationship so difficult nowadays; they were incited to think over and search for the proper solutions for their conflicts. This task propitiated a clanship, thus creating an atmosphere of solidarity and continence so that the parents could reveal themselves. The sharing of experiences, the living process of the group, and the learning process itself have showed that this intervention model is, beyond any doubt, an appropriate source for unveiling emotional states and possible changes.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Grupo- Conceituação.....	4
1.2. Histórico de Grupo.....	6
1.3. Trabalho Grupal na Instituição Escolar	13
1.4. Grupo de Reflexão.....	16
1.5. Pais de Adolescentes e Adolescentes.....	18
1.6. Grupo de Pais: Contribuições Teóricas.....	21
1.7. Considerações Teóricas para Análise do Material	24
2. OBJETIVOS.....	32
3. MÉTODO	33
3.1. Sujeitos	34
3.2. Campo de Pesquisa	37
3.3. Instrumentos	37
3.3.1. O Funcionamento do Grupo	37
3.3.2. Registro do Material.....	38
3.4. Procedimentos.....	38
3.4.1. Enquadre	39
3.4.2. Papel do Coordenador.....	40
3.5. Análise do material	41

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	45
4.1. Primeira Reunião	45
4.1.1. Análise da Relação dos Pais com seus Filhos	54
4.1.2. Análise da Relação dos Pais no Processo Grupal	59
4.1.3. A Vivência do Coordenador	64
4.2. Sétima Reunião	64
4.2.1. Análise da Relação dos Pais com com seus Filhos	81
4.2.2. Análise da Relação dos Pais no Processo Grupal	86
4.2.3. A Vivência do Coordenador	91
4.3. Décima Primeira Reunião	91
4.3.1. Análise da Relação dos Pais com seus Filhos	107
4.3.2. Análise da Relação dos Pais no Processo Grupal	112
4.3.3. A Vivência do Coordenador	117
4.4. Análise Horizontal	117
4.4.1. A Relação dos Pais com seus filhos	118
4.4.2. A Relação dos Pais no Processo Grupal	123
4.4.3. A Vivência do Coordenador	127
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES	131
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
7. ANEXOS	145
7.1. Ficha de Interesse	145
7.2. Contrato: Pesquisa sobre Grupo de Pais	146

1. INTRODUÇÃO

“De todas as coisas, esta parece a mais fácil, e, no entanto, é a mais difícil: ver com os próprios olhos o que está diante deles”

(Goethe)

Este estudo visa discorrer sobre a vivência de um grupo de pais de adolescentes, atendidos através da técnica dos *grupos de reflexão*, proposto por Delarossa (1979), numa escola particular em Atibaia, São Paulo. A escolha por esta técnica deve-se ao fato de que este tipo de encontro possibilita a troca de experiências, ou seja, a partir de uma interação emocional, verbal, corporal, os integrantes podem sentir-se apoiados para busca de compreensão de seus conflitos, e busca de modificações necessárias na relação pais-filhos (Budinik, 1987).

O atendimento grupal é uma das modalidades de tratamento recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS,1984), que pode ter tanto propósitos terapêuticos, quanto de promoção e prevenção de saúde. A reflexão em grupo, através do processo associativo circulante, permite aos membros do grupo uma facilidade maior para encontrarem compreensão e busca de soluções para seus conflitos.

A trajetória para chegar até este grupo de pais teve início a partir das queixas que estes levavam para a escola sobre as

atitudes e comportamentos dos filhos, e a dificuldade que tinham nesta relação. A coordenação da escola, preocupada com o bem estar de seus alunos e convicta de que não tinha os recursos necessários para atender estas demandas, possibilitou a realização de um grupo de pais coordenado por uma psicóloga que desenvolve este tipo de trabalho.

Na prática clínica observamos que parte das dificuldades e conflitos dos adolescentes, têm origem na relação com os pais. Acompanhando famílias cujos filhos estão em psicoterapia, percebemos o quanto os pais ainda não puderam assumir o papel de pais dos próprios filhos, passagem fundamental de “ser filho (a)” à “ser pai/mãe”. Outras vezes os pais repetem os modelos vinculares estabelecidos com seus próprios pais, como modelos identificatórios ou contra-identificatórios, ou seja, repetindo com seus filhos a maneira que foram educados ou de uma maneira oposta (Valle,1994). Mas não há quem culpar, pois aparentemente as intenções destes pais são as melhores para seus filhos, e dificilmente têm consciência de que situações difíceis na relação com os filhos são originadas em aspectos não resolvidos por eles próprios (pais), ou por questões próprias do desenvolvimento, deles e/ou dos filhos (Fisch,1995).

Estas considerações, junto a demanda explícita da escola, levou-nos a propôr um modelo de intervenção: um grupo de pais na escola. Este grupo foi criado como espaço preservado para falarem, refletirem e analisarem seus problemas na relação com os filhos, e confrontarem com diversas dificuldades que permitam pensar que suas ansiedades não são exclusivas, que há algo de comum nas famílias onde há adolescentes. Num trabalho grupal, as pessoas podem perceber suas próprias histórias, como

lidam com seus próprios limites e sentimentos. Como é um grupo, a experiência de um pai (mãe), permite que outros possam questionar suas experiências e dimensioná-las de outra maneira; podem ir resolvendo seus dilemas e com isto se sentirem menos culpados, sentimento muito comum nas famílias quando os filhos não correspondem as suas expectativas. Podem descobrir que são capazes de resolver seus problemas, saindo de uma determinada posição e postura, para outra que facilite suas relações (Efron, Pitzer e Stane, 1992).

A prática do trabalho grupal tem mostrado que neste espaço há tendência de reprodução de situações vividas, e isto pode ser o início da busca de compreensão de conflitos, de novos caminhos e novas maneiras de se relacionarem com os filhos (Térzis,1995). Num grupo terapêutico as pessoas podem aprender a lidar com seus conflitos e dificuldades de vida, rompendo estereótipos de conduta, reabrindo a possibilidade de novas aprendizagens, e esta supõe uma não-alienação e humanização que ocorre num processo de trocas (Bleger, 1984).

A partir destas considerações, procuramos realizar este estudo que permitiu a investigação dos conflitos mais comuns na relação dos pais com seus filhos adolescentes, dos processos mentais que ocorrem na situação grupal, e também pôde contribuir com uma demanda da comunidade na busca de prevenção e promoção de saúde mental.

Consideramos que este estudo poderá ser útil àqueles profissionais que trabalham com grupos em instituições e/ou clínicas privadas.

Para falarmos deste grupo de pais apresentaremos algumas contribuições no que diz respeito a trabalhos grupais.

1.1. Grupo-Conceituação

Este conceito grupo provém do início do século XVII do italiano *gruppo*. Este termo era utilizado nas Belas Artes para demonstrar vários indivíduos pintados que compunham um tema. Para Anzieu (1994), o grupo começa a significar uma reunião de pessoas na metade do século XVIII, na França, Inglaterra e Alemanha, referindo-se à concentrações científicas e sociais.

Do ponto de vista psicológico, os autores que utilizam o grupo como espaço de atuação, colocam que ele é o lugar em comum de sentimentos, vontades e representações (Fourier, séc.XIX). Numa abordagem psicodinâmica o grupo passa a ser compreendido como um organismo vivo, um objeto, e que em seu interior há uma organização psíquica que funciona como em qualquer sujeito. O grupo é compreendido como um espaço responsável em ordenar as relações entre seus participantes, estando presentes emoções que governam sua existência. Para Bales (1950) o grupo representa uma série de comunicações entre seus participantes e só progredem pela troca em comum das percepções que cada um tem de si mesmo e dos demais. Para Anzieu e Martin (1971) o grupo é a vivência de um sonho, ou seja, uma realização imaginária de um desejo. Neste modo de compreender grupo, os participantes vivenciam um sonho comum de realização de desejos. Desta forma, as pessoas depositam imagens, pensamentos e emoções nos participantes do grupo, funcionando como uma tela de cinema, na qual os membros projetam um filme cujas imagens são aquelas das suas próprias vidas. Complementando esta idéia, Pichon-Rivière (1994) propôs

a idéia de que o grupo é um conjunto de pessoas articuladas por sua mútua representação interna.

Para Kaës (1976) o sujeito existe em relação à sua posição no grupo: um grupo intersubjetivo, organizado, onde cada indivíduo tem seu lugar que vai determinar sua representação psíquica. Compreende o grupo como um espaço de construção das relações entre a realidade psíquica, social e material, um lugar que permite a manifestação do desejo, assim como ocorre nos sonhos na teoria psicanalítica. Desta forma, as pessoas se dirigem para os grupos para vivenciarem um corpo imaginário onde acreditam serem amados pelos seus membros; fazem uma busca da unidade perdida no nascimento de cada participante; buscam realizar o desejo de se fundirem ao corpo materno pertencente a um momento de suas vidas no qual possuíam todo conforto e proteção. Os indivíduos se utilizam de referenciais endopsíquicos, denominados organizadores psíquicos, e referenciais sócio-culturais (organizadores sócio-culturais), que funcionam como códigos da maneira como se deve viver em sociedade. Ao propôr a existência destes organizadores na mente de um indivíduo baseou-se nos ensinamentos de Freud (1921) no artigo “Psicologia das Massas e Análise do Ego” que referiu a existência de estruturas presentes no psiquismo dos indivíduos que determinam a forma como estes vivenciam um grupo qualquer, ou seja, que na mente das pessoas estariam depositadas certas representações psíquicas que governariam suas vidas em grupo. Portanto, mostra-nos que um grupo é a representação da imagem de um corpo, mais especificamente um corpo materno, onde as pessoas fazem uma busca do objeto perdido na infância através do objeto grupal.

Em 1963, Pontalis propôs uma noção de grupo como um organismo, que não é um objeto real, mas um objeto representado, ou seja, o mesmo não existe de uma forma concreta, e sim, uma imagem de um objeto. O grupo representa a imagem de um corpo, e assim ele funciona. Os autores que contribuíram para a formação de trabalhos grupais, a grupanálise, a psicoterapia analítica de grupo, grupos operativos, grupos de reflexão, assinalam o grupo como representante do aparelho psíquico em seu conjunto. A formação de um grupo com regras específicas de funcionamento, que o caracterizam como psicoterapêutico, operativo ou de reflexão, possibilitam um espaço de mudança e transformação em seus participantes (Anzieu e Martin, 1971).

1.2. Histórico de grupo

Um histórico sobre grupos poderá ilustrar a importância dos mesmos na busca de compreensão e elaboração de conflitos humanos, e a opção pelo trabalho grupal no presente estudo.

Um dos primeiros trabalhos realizados com grupos de pacientes data de 1906, com Pratt (1908), onde formava grupos de orientação, utilizando uma técnica sugestiva que denominou *método de regime de higiene* à seus pacientes tuberculosos. Incluía na programação o repouso, ar fresco e boa alimentação, no sentido de ajudá-los a lidar com sua moléstia crônica. Esta técnica sugestiva foi estendida para pacientes psiquiátricos pelo sucesso que obteve em outras doenças.

Em 1909, Lazzell (1921) e Marsh (1931), começaram a trabalhar com um tipo de técnica denominada *revivescimento inspirativo* ou *terapias de estrutura fraternal* cujo objetivo consistia em que o grupo estimulasse a homogeneização e a igualdade entre os participantes para melhora de seus problemas. Formava classes de aproximadamente sessenta pessoas que incluíam pacientes psiquiátricos, parentes, professores, enfermeiras, todos como estudantes. O hospital era chamado de *lar e classe de higiene mental* destacando a educação: ensinando, em vez de tratando. Estes autores ofereciam conferências nas quais apresentavam temas, tais como: a situação da família, a infância, os empregos, os problemas sociais, emocionais e sexuais. A psicologia de grupo surgiu para nivelar muitas diferenças, e muito cedo o grupo adquiriu uma uniformidade de interesses e de progressos.

Em meados da década de 20, Burrow (1925), um dos fundadores da Associação Psicanalítica Americana, abandonou o uso do divã em favor de pequenos grupos de debate ao ar livre, que incluíam pacientes, familiares e colegas, utilizando o que denominou *análise de grupo*. Tinha como objetivo principal estudar o comportamento social, pois considerava que qualquer desajuste individual tinha como causa o desajuste social. Seu método consistia em encorajar os pacientes a falarem sobre seus problemas em reuniões de grupo.

Na década de 30, Schilder (1936) começou a praticar uma forma de psicoterapia analítica de grupo, onde a ênfase estava sobre o indivíduo no grupo. Os grupos eram formados de duas a sete pessoas e as discussões eram iniciadas com o estudo dos membros do grupo com perguntas acompanhadas por uma

discussão livre. As associações, a exposição livre de pensamentos e sentimentos, assim como a abertura de conflitos, estimulavam a participação de todos e permitiam que os indivíduos percebessem que seus problemas não eram tão exclusivos. Ainda nesta proposta, Wender (1949) e Slavson (1976) iniciaram trabalhos de grupo com pacientes internados, utilizando conceitos da *psicologia de grupo* de Freud (1920), onde o terapeuta enfocava suas intervenções e interpretações para o indivíduo ou para as relações que se estabeleciam entre pacientes do grupo e a transferência com o terapeuta.

Slavson (1976), em 1930, mostrou através de seu trabalho com grupos de crianças, que num contexto grupal elas tornavam-se mais espontâneas. A partir de 1943 desenvolveu seu trabalho com adolescentes e adultos.

Moreno (1978), na década de 20 iniciou *método de ação dramática* com grupos em Viena, mas a utilização desta abordagem psicodramática como proposta clínica de tratamento surgiu nos E.U.A, em meados da década de 30, com a fundação de um hospital psiquiátrico em Beacon, Nova York, e de dois institutos de formação.

Ainda na década de 30, Wolf (1962) desenvolveu uma abordagem psicanalítica à terapia de grupo de adultos, o que se denominou *método de psicanálise em grupos*. A partir da associação livre do grupo, incluía a análise da transferência, resistências e interpretação dos sonhos, pelos princípios da Psicanálise.

Em 1940, na Inglaterra, Foulkes trouxe uma visão de grupo comparado a uma sala de espelhos onde o indivíduo entra em confronto com sua imagem social, psicológica e corporal .

Mostrou preocupação com o inconsciente dinâmico, a interpretação da resistência e transferência (Foulkes,1948) .Este autor é considerado o pai da Grupanálise.

Na mesma época, Lewin (1948) começou a utilizar o termo *dinâmica de grupo*, ressaltando que o trabalho grupal proporciona alteração no comportamento de um membro ou de todos, a partir da relação que se estabelece entre as pessoas.

Após a II Guerra Mundial houve um crescimento na popularidade da psicoterapia de grupo até em função da necessidade de atendimentos aos militares e os poucos psiquiatras militares que haviam (Menninger, 1946). Bion (1975), relatou sua experiência de grupos com 400 soldados num hospital militar, onde reinava a indisciplina e anarquia; reunindo os soldados em grupos, onde não tomava qualquer medida de proibição, conseguiu com que os mesmos progressivamente fossem mudando para uma postura mais cooperativa. Notou que na situação grupal, três pressupostos básicos obstruíam o desenvolvimento da comunidade e dos indivíduos que a compunham: *dependência, luta e fuga e pareamento (emparelhamento)*.

Em 1956, surgiram na França os *grupos diagnósticos*, inspirados nos T-Group (*Training-Group*) que tiveram início nos EUA em 1947. Estes trabalhos foram de suma importância para o desenvolvimento da formação dinâmica dos grupos. Eram realizados seminários com duração de dez sessões, com no mínimo oito participantes e no máximo doze, sob a coordenação de um terapeuta. A partir destes seminários, foi possível viabilizar as regras que devem ocorrer na conduta do terapeuta de grupo: atenção flutuante, neutralidade, abstinência, interpretação dirigida

ao grupo, ou seja, as mesmas condutas no atendimento psicoterápico individual com abordagem psicodinâmica (Anzieu e Martin, 1971). A partir de 1960, os psicanalistas Anzieu, Kaës, Béjarano, Missenard, Pontalis (1978), desenvolveram trabalhos grupais que permitiram o aprofundando do conceito de inconsciente grupal, com articulações Freudianas, Kleinianas e Lacanianas.

Nos anos 60 e 70 foram apresentadas novas idéias no campo da psicologia dos grupos. Anzieu (1994), em 1966 partiu da descoberta de Freud (1909) de que o sonho é a realização alucinatória do desejo, e passou a considerar que as pessoas vão aos grupos da mesma maneira que ao dormir entram no sono. Coloca que o grupo é um sonho onde as pessoas procuram livrar-se dos desejos sexuais, da crueldade sádica, etc., e este desejo que é realizado no grupo, é um desejo reprimido e não satisfeito nas relações interpessoais.

Jacques (1965), na década de 60, da Clínica Tavistock, parte de concepções Kleinianas para compreender grupos de instituições. Considerou que os grupos se estruturam como defesas contra ansiedades persecutórias e depressivas. Salientou as fantasias inconscientes, jogos de identificações projetivas e introjetivas, o que explicaria as dificuldades encontradas nos grupos (Bion, 1975).

Kaës (1976), em sua tese sobre *aparelho psíquico grupal*, considerou que os grupos humanos são objetos de catexias psíquicas e sociais. O grupo é representado através das relações constituídas dentro do grupo familiar, assim, o grupo mobiliza o princípio de *repetição da relações objetais infantis*, e é a sede das manifestações reprimidas e dos afetos reprimidos.

Na Argentina, na década de 80, Pichon-Riviere (1994) e José Bleger (1993), desenvolveram estudos e investigações de trabalhos grupais em instituições. Desenvolveram a técnica grupal dos chamados *grupos operativos*, onde o objetivo é a mobilização de estruturas através da comunicação, esclarecimento, aprendizagem e resolução de problemas, para a busca da cura e criação de novos referenciais. Também na Argentina, outros autores foram dando impulso à psicoterapia de grupo, tais como Greinberg, Langer e Rodrigué (1976).

Delarossa (1979) criou os chamados *grupos de reflexão*, que como nos grupos operativos, têm a tarefa de mediador das ocorrências grupais. Estes grupos eram oferecidos aos seus alunos como uma oportunidade de experiência grupal, e o objetivo era trabalhar temas manifestos com os estudantes da teoria e técnica de coordenação de grupos, explicitando conflitos latentes que dificultavam as relações.

No Brasil, em 1951, Bahia desenvolveu os primeiros grupos terapêuticos com orientação psicanalítica e Martins, em 1956, iniciou atendimento de grupos em clínica privada (Zimmermann, 1971).

Em 1962, Blaya estabeleceu a aplicação do trabalho terapêutico com grupos no Hospital Psiquiátrico de Porto Alegre, sob a forma de *grupos operativos*. Em sua tese de doutoramento Zimmermann (1971) fez o estudo de técnicas grupais, colaborando muito para o desenvolvimento das técnicas grupais no Brasil. A Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo foi criada em 1963, que marcou o desenvolvimento desta técnica no Brasil (Kaplan e Sadock, 1996).

Vários trabalhos e pesquisas com grupos têm sido realizados na década de 90, e dentre eles ressaltamos o trabalho de Bernard (1991), que utilizou o *grupo de reflexão* na formação de analistas grupais, salientando os benefícios do estar em grupo para vivência e compreensão dos fenômenos psíquicos decorrentes neste tipo de trabalho. Muniz da Silva (1992) relatou a experiência pioneira da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro, onde destacou a importância do *grupo de reflexão* na formação da identidade do psicoterapeuta de grupo. Arcanjo (1993), propôs um estudo psicológico com grupos de alunos de pós-graduados, mostrando a importância e a possibilidade de compreensão dos conflitos psíquicos através de um trabalho grupal. Térzis (1993) desenvolveu um *grupo de reflexão* com alunos de pós-graduação para melhoria das relações interpessoais, e outros trabalhos com grupos vem sendo desenvolvidos em instituições e clínicas privadas com este objetivo. Fiorini (1995), a partir de sua tese de mestrado, apresentou os níveis de experiência de um grupo de psicoterapia com pacientes em enfermaria, assim como Melo (1994) enfatizou os aspectos emocionais de um grupo de enfermeiros. Gonçalves da Luz (1995) descreveu o trabalho realizado com *grupos de reflexão* com profissionais de nível universitário em hospital psiquiátrico, enfatizando os sentimentos de desconfiança no funcionamento institucional e entre os seus membros, e mostrou que este tipo de grupo facilita a integração e a melhora nas relações. Coelho (1997) desenvolveu um grupo de psicoterapia com base analítica com pais de adolescentes e mostrou o quanto esta forma de trabalho possibilita a compreensão de seus conflitos e busca de mudanças na relação com os filhos. Bettini (1997), com *grupo de reflexão* de pais anterior ao atendimento

psicoterápico dos filhos, mostrou a importância do mesmo para a melhora no desenvolvimento deles, fazendo com que se tornem participantes no processo de atendimento psicoterápico dos filhos. Angeli (1997), realizou um trabalho de grupo de reflexão com alunos médicos; os resultados revelaram que os alunos médicos puderam colocar e trabalhar no grupo os princípios do ensino médico em suas três dimensões: professores, condições de ensino e relacionamentos.

E assim, vários trabalhos, pesquisas, publicações em revistas e livros, congressos e simpósios têm sido realizados no Brasil, mostrando a importância destas técnicas na busca da promoção da saúde.

Esta exposição histórica sobre trabalhos grupais nos leva a observar as contribuições teóricas que vários autores trouxeram, mostrando as formas variadas para a prática do trabalho grupal e o caminho percorrido para a elaboração dos *grupos de reflexão*, cuja dimensão teórica está no corpo da teoria da psicologia dinâmica e da psicoterapia analítica de grupo.

1.3. Trabalho Grupal na Instituição Escolar

Segundo o pensamento de Bleger (1984), o papel do psicólogo não deveria restringir-se aos consultórios clínicos, mas à instituição e comunidade. Afirmou que o psicólogo deve desenvolver trabalhos socialmente abrangentes, colocando suas idéias em prática nas comunidades, nos grupos e nas instituições em benefício do bem-estar das pessoas. Este trabalho foi denominado de *psico-higiene*, no caminho de uma necessidade

social, com o objetivo de promover o bem estar humano no cotidiano das pessoas. A partir de um trabalho dentro da instituição há uma definição do papel social do psicólogo. A função social do psicólogo leva em conta a intersubjetividade na medida em que participa enquanto instância subjetiva, ou seja, atua sob as relações entre as pessoas e ocupa-se das relações interpessoais e do desenvolvimento da personalidade. Neste sentido, a função social do psicólogo caracteriza-se por uma intervenção investigadora, onde levanta hipóteses e atinge conclusões parciais retomadas por novas hipóteses que, por sua vez, permitem a relatividade de outras afirmações; e assim vai indefinidamente (Guirado,1987). Ressaltou Bleger (1984) que o psicólogo deve passar de uma atividade psicoterápica (doença/cura) à da *psico-higiene* (população sadia e promoção da saúde), com um enfoque que passa do individual para o social (grupais). Para atingir este objetivo é necessário o desenvolvimento de novos instrumentos de trabalho e o conhecimento de técnicas que possam fazer viável a tarefa e frutíferos os princípios. Mostrou a importância dos trabalhos grupais na instituição, visando as relações entre os grupos, a partir de um enfoque específico: o psicanalítico.

Para Kaës e Anzieu (1989) o espaço institucional é um lugar que pode propiciar aprendizagem, o conhecimento, a pesquisa e a reflexão.

A escola, embora culturalmente e socialmente seja compreendida com uma função específica de passagem de conhecimentos, as famílias esperam dela mais do que isto quando trazem suas queixas sobre as dificuldades que têm com seus filhos. Este tipo de instituição é vista como “divina”, ou seja,

aquela que pode dar caminhos para aliviar o sofrimento (Kaës, 1976). Segundo Térzis (1995), muitas instituições têm incorporado as técnicas de grupo, seja com grupos de funcionários, seja com a clientela com a finalidade de melhoria nas relações e a promoção da saúde e bem estar das pessoas. A técnica de grupo pode ser aplicada não só com grupos psicoterápicos ou grupos de formação, mas também nos grupos sociais chamados reais ou naturais (escolas, associações, equipes de trabalho, etc.).

A Psicoterapia Analítica de Grupo, assim como os trabalhos grupais que surgiram dela, como o *grupo de reflexão* proposto por Delarossa (1979), podem ser aplicados fora do contexto clínico como forma de possibilitar um espaço de desenvolvimento das pessoas. Ressaltou sobre o incentivo dado à prática com grupos nas instituições e nos trabalhos em equipe através dos *grupos de reflexão*, estes, assim como os operativos, têm a tarefa de mediador das ocorrências grupais, de reflexão sobre conteúdos manifestos, explicitando os conflitos latentes que impedem a consecução dos objetivos e visando esclarecimentos e aprendizagem.

A promoção da saúde mental, segundo Kaplan e Sadok (1996), é um conceito utilizado para designar a melhora na qualidade de vida das pessoas que procuram as instituições e que no seu dia a dia sofrem as contingências dos problemas sócio-político-culturais. Sendo assim, os profissionais da saúde e saúde mental devem estar atentos as propostas em sua prática com o ser humano.

Estas considerações fazem com que repensemos sobre nossa prática para além dos consultórios privados. Sendo assim, desenvolver um *grupo de reflexão* de pais no espaço escolar, parece atender estes objetivos apontados no sentido de promover a saúde num local onde há uma demanda explícita de ajuda psicológica.

1.4. Grupo de Reflexão

O *grupo de reflexão*, que utilizamos neste estudo, possibilita a elaboração de emoções e sentimentos que se dão nas relações (Delarossa,1979). Uma série de distúrbios nas relações podem ser evitados a partir da elaboração viável nos *grupos de reflexão*, nos diz Zimerman (1993), que tem tem larga experiência com este tipo de trabalho grupal.

As condições estáveis do *setting*, como dia, hora, local, proporcionam a regularidade e estabilidade necessárias e fundamentais para suportar o processo de mudança e crescimento. A partir dos conflitos trazidos pelos participantes, pode-se dar início a este processo (Oliveira Júnior,1996).

Bleger (1984), colocou que “o patológico não está no fato de uma organização ter problemas; o patológico está em não poder discutí-los”. Desta maneira, acreditamos que a escolha por este tipo de trabalho possa favorecer o crescimento das pessoas participantes.

Os *grupos de reflexão* foram iniciados com grupos de formação de alunos para coordenação de grupos, porém esta prática tem sido ampliada para outros tipos de grupos, como foi apresentado no ítem 1.2 deste estudo, e que mostraram resultados muito positivos na melhoria das relações e

desenvolvimento das pessoas. Sendo assim, parece ser um espaço que proporciona aos participantes olharem para si próprios e para os outros, tomando consciência de seus conflitos, e buscando mudanças.

Ao iniciar o grupo, a situação desconhecida desperta ansiedades e fantasias, emergindo material clínico importante para busca de compreensão, reconstrução e elaboração de conteúdos psíquicos manifestos e latentes. Para Delarossa (1979) o *grupo de reflexão* é uma técnica grupal que propicia aos integrantes o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o que vivenciam. Para ele, este tipo de situação grupal permite a cada membro projetar partes do ego nos outros participantes, que podem aprender a dominar o que não aceitam e podem adquirir as qualidades que tomam como modelos.

Há uma tendência à coesão grupal, fruto da existência de uma tarefa comum, e mecanismos que levam a estruturação do grupo, permitindo a organização psíquico-individual. A tarefa, comum ao grupo, proporciona esta coesão grupal, criando uma atmosfera de solidariedade e continência para que possam se expor. Pela atividade de trocas de experiências, pelo processo vivencial e de aprendizagem, há possibilidade de introjeção de novas idéias, alterações nos valores, e, conseqüentemente, desenvolvimento.

O coordenador do grupo (assim denominou Delarossa o profissional que coordena este tipo de grupo) precisa ser um facilitador deste processo: estabelecendo o enquadre e as regras de funcionamento; fazendo assinalamentos e interpretações dos conteúdos; valorizando a comunicação verbal, orientando os participantes à associação livre de idéias, o que vai propiciando

comunicações. Neste tipo de trabalho não é interpretada a transferência, o que caracterizaria um grupo de psicoterapia, porém a contratransferência é trabalhada assessorando o grupo em seu desenvolvimento.

1.5. Pais de Adolescentes e Adolescentes

Para chegarmos ao grupo de pais consideramos importante explorarmos a temática do grupo familiar, e os trabalhos realizados neste campo.

Compreendemos o grupo familiar como um conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, implícita e explicitamente, uma tarefa que constitui sua finalidade. É um espaço de relações interpessoais num grupo, que tem como objetivo fundamental a socialização dos sujeitos dando as bases para adaptação à realidade; adaptação, aqui compreendida como a possibilidade de estar no mundo, compreendendo as relações estabelecidas, localizando-se em espaços, modificando-se e modificando o meio (Pichon-Rivière, 1987).

A família é vista como um instrumento socializador, onde o sujeito constrói sua identidade a partir da interdependência pai-mãe e filho (situação triangular básica e universal) e nesta relação básica familiar será determinado os modelos de inter-relações com o mundo (Vilhena, 1984).

O modelo parental que temos em nossa sociedade é o do casal monogâmico, ligados por uma relação voluntária,

heterossexual e com tarefas que devem ser cumpridas. Embora este seja o padrão, há mudanças neste paradigma familiar, e tem sido substituído por estilos alternativos de agrupamento (Térzis, 1993). A cada dia a família passa por transformações nos modelos convencionais de relação e educação, e os filhos vivenciam estas mudanças em conjunto com os pais. Não parece mais possível estabelecer regras tão rígidas, afinal, nem a relação marital consegue manter estes padrões; as transformações culturais, tecnológicas, econômicas e políticas vêm contribuindo para novas formas de relação entre as pessoas, e isto é observado no âmbito das relações familiares. Os papéis dentro da família já não são os mesmos; a mulher (mãe) também conquistou um espaço no mercado de trabalho, seja por necessidade, seja por vontade, e sua função não está mais restrita ao lar e aos cuidados dos filhos. Os filhos têm uma participação mais ativa dentro do espaço familiar, pois também são compreendidos como pessoas pensantes e ativas e a cada dia são incentivadas a questionar, a não aceitar verdades absolutas passadas pelo adulto. Isto muda completamente o modo de relação, pois não aceitam imposição de regras de seus pais e de nenhum outro adulto. Isto fica mais evidenciado nos adolescentes.

Embora os pais da nossa sociedade tenham demonstrado satisfação nas mudanças que puderam realizar na educação de seus filhos, têm apontado dificuldades em lidar com estas mudanças. Enquanto os filhos são pequenos ainda mantêm um certo controle, fruto da própria dependência deles, porém na adolescência, este quadro muda pelas próprias particularidades desta fase de desenvolvimento (Maldonado, 1986).

A adolescência é compreendida como uma fase de grandes transformações e conflitos, que repercutem diretamente na relação dos sujeitos consigo próprio, com os pais e familiares e com o mundo. Conflitos no sentido de um processo de busca de construção da própria identidade, a partir da elaboração e compreensão das perdas próprias deste período da vida: perda do corpo infantil, perda dos pais da infância e perda do pensamento onipotente infantil. A elaboração dos lutos, pela perda da identidade infantil e pelos pais da infância promovem mudanças na dinâmica familiar, trazendo dificuldades para os pais que se vêem novamente perante sua própria adolescência, agora reeditadas. Os pais também se deparam com lutos e perdas, com a o processo de envelhecimento, com as mudanças corporais, e com o crescimento e desligamento dos filhos (Aberastury & Knobel, 1981).

A problemática que mais se evidencia com o adolescente é na relação com os pais , afinal estes são seus referenciais e aqueles dos quais precisa distanciar-se para poder crescer. Para os pais parece um processo desejado, porém muito difícil, pois também vão precisar abdicar dos papéis até então assumidos. Vão perdendo, pouco a pouco os filhos(as) que podiam controlar, e que os idolatravam como heróis, como donos de verdades absolutas. Compreender esta etapa do desenvolvimento como algo natural e normal parece que tem sido a busca de muitos pais, porém têm demonstrado muitas dificuldades nesta relação, e conseqüentemente, como agir com os filhos adolescentes. Os pais parecem reviver a própria adolescência, e os aspectos mal elaborados desta fase (Vilhena, 1991).

Partindo destas considerações é possível compreendermos o trabalho com uma parcela deste núcleo familiar, o grupo de pais, afinal estes convivem sistematicamente com os filhos.

1.6. Grupo de Pais: Contribuições Teóricas

Enfatizamos que a psicanálise valoriza profundamente o papel dos pais no desenvolvimento emocional e saúde mental das pessoas. Com Freud (1909) iniciou-se uma compreensão do desenvolvimento psíquico dos indivíduos a partir da relação estabelecida com os pais. A partir de uma orientação que fez ao pai de uma criança em “Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos”, possibilitou que este tivesse melhores condições de ajudar seu filho na organização de sua mente. Melaine Klein (1957), seguindo este mesmo pensamento, colocou a importância da investigação na infância e do inconsciente para compreender a personalidade adulta. Embora não realizasse trabalhos com os pais, considerava de suma importância a interação destes com a criança para seu desenvolvimento. Através de seus estudos e observações percebeu a importância das gratificações realizadas pela mãe em relação ao filho. Para ela, estas exercem influências na forma como as pessoas desenvolvem desde muito pequenas suas relações afetivas. A psicanálise de adultos revela os efeitos desta vida primitiva de fantasias para a vida psíquica das pessoas (Eiguer, 1985).

Para Soifer (1992) os pais imprimem na personalidade dos filhos uma maneira de ser, mas também há interferência das

características sociais na qual vivem: condição sócio-econômica, situações facilitadoras ou desfavoráveis que influenciarão na personalidade dos filhos. Para ela a família pode ser vista como uma estrutura social básica, que se configura pelo entrelaçamento de papéis diferenciados que constitui o modelo natural de interação em grupo, levando em conta a convivência das pessoas em determinado lugar, durante um tempo, mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consanguíneos. Na família, ressalta a autora, estão os primeiros modelos para o desenvolvimento psíquico da pessoa.

Winnicott (1980) estudou com profundidade o relacionamento da criança com seus pais, mostrando a importância desta relação para um desenvolvimento saudável do indivíduo. Mostrou que o grupo de pais pode ser um espaço de acolhimento, proporcionando um lugar de experiências, de aprendizagem para a elaboração de questões mal resolvidas.

Pincus & Dare (1987) estudaram as transformações que as famílias sofrem em relação às etapas do desenvolvimento dos filhos. Em cada estágio há conflitos entre as necessidades provenientes dos desejos internos, e a pressão oposta para se adaptar às necessidades do mundo externo. Bowlby (1982), destacou a importância que os pais exercem sobre os filhos, e mostrou que a partir dos contatos afetivos desta relação, é possível o desenvolvimento dos vínculos humanos futuros.

Para Maldonado (1986) criar os filhos é um grande desafio, e educar consiste sobretudo na possibilidade dos pais crescerem junto com cada filho, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência para a independência deles. Muitos pais projetam em seus filhos a esperança para que atinjam

metas as quais eles próprios não conseguiram em suas vidas, ou passam a culpar-se pelas imperfeições dos filhos, sentindo-se abalados em seu próprio narcisismo. Estes fatores influenciam a forma de relação estabelecida entre pais e filhos, e com certeza as compromete.

Em trabalhos com psicoterapia familiar, Coelho & Cyriaco (1994) mostraram as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos em função do modelo de relação estabelecido a partir da elaboração do complexo edípico, e da importância do trabalho com os pais para melhoria na qualidade desta relação.

Halton & Magagne (1994), em atendimentos a pais, perceberam que o maior foco de ansiedade deles está na relação com os filhos, e que as experiências mal elaboradas destes pais na sua própria infância e adolescência, vêm a tona no momento de serem pais. Estes autores são categóricos ao afirmarem que há necessidade de atendimento aos pais, para que haja progresso no tratamento dos filhos, quando estes estão em psicoterapia.

Fisch (1995), ao descrever sobre o atendimento de pais, ressaltou como objetivo fundamental deste trabalho, a melhor compreensão do processo de desenvolvimento dos filhos, o desenvolvimento da individualidade, a participação dos pais na vida emocional de seus filhos, elaboração de culpas, esclarecimento sobre as dificuldades emocionais do filho, ajudando-os a compreenderem suas expressões e condutas. Várias instituições da área de saúde mental têm cuidado dos pais através de várias abordagens terapêuticas, como os trabalhos de Funkel (1992), Zelsman (1994) e Rojas (1994). Arruda (1991) trabalhou grupos de mães em paralelo à psicoterapia dos filhos,

como possibilidade de uma efetiva mudança nas relações familiares e o apoio necessário para o progresso do filho em seu desenvolvimento.

Zimerman (1993) propôs o grupo de pais como uma modalidade eficaz de trabalho com pais, que pode e deve ser trabalhado como grupo terapêutico ou de auto-ajuda. Uma vez que as crianças e adolescentes vivem em sistemas familiares que não foram criadas por elas, e são dependentes dos pais ou outros cuidadores, a maior parte dos terapeutas grupais infantis reconhecem a importância do trabalho com os pais, ou família, afinal as mudanças intrapsíquicas podem ocorrer desde que os pais possam modificar seu comportamento em relação aos filhos (Davidson e Neuburguer, 1994).

A modalidade do trabalho grupal, grupo de reflexão de pais de adolescentes, pode ser, então, uma forma de promoção de saúde mental, e um trabalho de prevenção que possibilita o desenvolvimento de formas mais sadias de convivência, possibilitando às pessoas um maior conhecimento de si e dos outros (Yalon & Vinogradov, 1993).

1.7. Considerações Teóricas para Análise do Material

Segundo Zimerman (1993), a formação de um grupo vai além de uma soma de indivíduos com problemas pessoais; a reunião deles com o coordenador em função de uma tarefa comum, forma um campo dinâmico onde circulam e se

entrecruzam desejos, medos, culpas, defesas, necessidades, identificações, resistência, transferência, contratransferência, etc. Interpretar estes fenômenos, é poder compreender os aspectos que permeiam as relações entre pais e filhos no processo grupal, que é a tarefa deste estudo.

De forma direta ou indireta, vários psicanalistas têm contribuído para compreensão da técnica grupal, e os fenômenos mentais que nele ocorrem. Destacaremos entre eles: Freud, Bion, Anzieu e Kaës.

Contribuições de Freud

S. Freud construiu um sólido edifício teórico e técnico que se constitui como alicerce básico da dinâmica grupal, nos diz Zimmerman (1993). A descoberta do inconsciente dinâmico, o complexo de Édipo, superego, ansiedades, mecanismos de defesa, possibilitaram a compreensão dos fenômenos psíquicos que ocorrem na situação grupal. Apontou que a verdadeira realidade psíquica é o inconsciente e a consciência é aquela parte do funcionamento psíquico que tem função de um sistema percepção-consciência. Seu estudo sobre narcisismo é um marco na evolução de seu pensamento; abordou neste trabalho os problemas das relações entre o ego e os objetos externos, estabelecendo distinção entre a libido objetal e a libido do ego. Introduziu conceitos de ideal de ego e ego ideal e a instância reguladora que acabou denominando de superego.

Em “Luto e Melancolia” (1915) abordou a identificação como um estágio preliminar da escolha do objeto. O luto é uma

reação à perda de um objeto amado, e a melancolia é um estado mental de depressão com desinteresse pelo mundo externo, gerando sentimentos de baixa auto-estima, incapacidade de amar, auto-punição e auto-recriminação. Em “Além do Princípio do Prazer” (1920), explicitou o problema da destrutividade, fazendo um exame dos conceitos de princípio do prazer e princípio da realidade, abordando as pulsões de vida e de morte.

Em “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (1921) mostrou que na vida mental há sempre uma outra pessoa implicada como auxiliar, opositor ou modelo. Elaborou o conceito de identificação mais que um mecanismo psicológico, mas como uma operação pelo qual o indivíduo se constitui. Em “O Ego e o Id” (1923), distinguiu o id, o ego e o superego numa segunda teoria do aparelho psíquico.

Em 1925 escreveu um trabalho sobre “Inibição, Sintoma e Angústia”, onde aprofundou o conceito de resistência, as diversas relações entre luto, angústia e sofrimento; a distinção entre defesa e recalque.

Os modelos fundamentais da metapsicologia freudiana são fundamentalmente três:

1. *Dinâmico*: pulsões, instintos, forças, moção impulsora, etc.

2. *Tópico*: aparelho psíquico dividido em sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente (primeira tópica) ou ego, superego e id (segunda tópica).

3. *Econômico*: onde se observa o aparelho psíquico como distribuição, circulação e administração de uma energia quantificável- as catexias.

Os mecanismos de defesa de projeção, introjeção, clivagem, também são significativos no processo grupal, assim como a regressão, repressão e negação, entre outros (Freud, 1913).

Em “A Dinâmica da Transferência” (1912) mostrou o processo pelo qual os desejos inconscientes são atualizados em determinado objeto, a partir de uma relação estabelecida no quadro da relação analítica, ou seja, a transferência é um instrumento de compreensão dos fenômenos psíquicos latentes, uma vez atualizados e revividos no aqui-agora da situação analítica. Propôs conceito de contratransferência que são os sentimentos do analista em relação ao paciente.

Todos estes conceitos nos ajudaram a compreender os fenômenos psíquicos que ocorreram na situação grupal do presente estudo.

Contribuições de Bion

O grupo, segundo Bion (1975), passa a ser estruturado inconscientemente a partir de um clima emocional subjacente. Demonstrou interesse pela subjetividade e pela realidade externa. A investigação da subjetividade, abordando os temores e fantasias mais primitivas, constituiu sua descoberta sobre os *pressupostos básicos* e os *processos regressivos*. Para ele o

indivíduo é sempre membro de grupos. Nenhum indivíduo pode ser considerado isolado em tempo e espaço como fora de um grupo ou como falta de manifestações de psicologia de grupo. Ele abordou a problemática das ansiedades e defesas precoces, a partir dos conceitos de Klein (1957) e sua relação com a vida grupal. Quando um grupo se reúne para realizar uma tarefa específica se evidenciam, muitas vezes, atitudes e métodos que não parecem condizentes ao objetivo estabelecido. Há dois tipos de evidência: uma tendência a realização da tarefa proposta e outra por uma atividade mais regressiva e primária. Para o autor, ao estar em grupo, o adulto experimenta uma regressão; vive a sensação de perda de sua individualidade, e o grupo como uma instância unitária.

No *grupo de trabalho* a tarefa se acha ligada à realidade, e como tal, trabalha para modificá-la racionalmente. Porém se vê assistido por um clima emocional subjacente, por poderosas tendências emocionais que interferem na totalidade do grupo. Este tipo de atividade mental Bion denominou *suposto básico*, que tem como objetivo evitar a frustração inerente à aprendizagem por experiência; o suposto básico está a serviço do *princípio do prazer*. Nesta vivência regressiva, o grupo não reconhece um processo de desenvolvimento, nem busca compreensão por parte de seus membros; o que fica em primeiro plano são os aspectos mais primitivos do funcionamento psíquico (aspectos psicóticos). A linguagem é uma *linguagem de ação*, não é uma expressão do processo de pensamento (*processo secundário*).

Diferenciou três supostos básicos, que não podem funcionar simultaneamente, mas pode passar de um para outro:

1. *Suposto da Dependência*: o grupo se reúne para conseguir o apoio de um líder de quem depende para nutrir-se mental e espiritualmente, e para obter proteção. Este líder deve satisfazer todas suas necessidades e desejos. Estão presentes sentimentos de culpa e depressão. Ele remete às fantasias mais primitivas de *fusão*.

2. *Suposto de Ataque e Fuga*: implica na existência de um inimigo que põe em perigo o grupo ao qual este deve defender-se. Estão presentes as ansiedades vinculadas à agressão, ódio e destruição. Ele remete às fantasias de *castração*.

3. *Suposto de Pareamento (Emparelhamento) ou Messiânico*: assinala um acontecimento futuro, ou seja a existência de um par ou uma figura messiânica que resolverá todas as ansiedades do grupo. Este suposto pode ser considerado como equivalente às *fantasias fusionais*, vinculadas à *cena primária*, mas simultaneamente equivalente às *fantasias de sedução*.

O suposto básico é um produto de fantasias subjetivas, fantasias grupais de tipo onipotente e mágico e estão a serviço de satisfazer os desejos. Estes impulsos podem opôr-se à satisfação dos desejos e têm uma força que se manifesta na conduta do grupo; são fantasias primitivas, universais, que correspondem às primeiras *relações objetais*. Considerou os supostos básicos como formação de uma *cena primária* muito primitiva, elaborada no nível de objetos parciais, associada com ansiedades psicóticas e na qual estão presentes os *mecanismos de cisão, introjeção e*

projeção. Eles constituem fenômenos correspondentes à *fantasmática originária* nos grupos.

Contribuições de Anzieu e Kaës

O grupo é uma colocação em comum das imagens interiores e das angústias dos participantes, no diz Anzieu (1994). É um lugar de fomentação de imagens, onde sentimentos invadem as pessoas, agitam seus desejos, medos e angústias. Propôs o conceito de *defesa contra ferida narcísica*, que é o movimento do grupo em dissimular seus pontos fracos, quando se sentem narcisicamente ameaçados.

As pessoas se dirigem aos grupos para realização de desejos, sendo assim, o grupo é vivido como um sonho com possibilidade de uma realização imaginária. É o que denominou ilusão grupal, que consiste em uma sensação de que o grupo, por si só, atenderá as necessidades de cada um e de todos.

Anzieu desenvolveu três enunciados que explicam o paralelo entre o grupo e o sonho: o desejo realizado no grupo é um sonho, um desejo reprimido que não sendo satisfeito, são trazidos ao grupo; o desejo que se realiza no sonho ou no grupo, é um desejo infantil reprimido e ele, tanto no sonho como no grupo tem um sentido desconhecido, inconsciente. Sendo assim, os integrantes do grupo intercambiam fantasias, tal qual ocorre em toda relação entre sujeitos.

Kaës (1976) teorizou o caráter grupal da fantasia e como esta pode ser dramatizada no espaço imaginário grupal. Para que a circulação fantasmática esteja em jogo, é necessário uma

vibração conjunta entre as fantasias individuais, o que denominou *ressonância fantasmática*. A rede de lugares oferecidos é posta em jogo a nível da dramática, sempre que os participantes se identifiquem com algum lugar a partir de uma reatualização de suas próprias fantasias. A fantasia, numa estrutura grupal, constitui um dos organizadores da representação psíquica do grupo, e ao mesmo tempo, organiza o processo grupal. As fantasias originárias (*cena primária, sedução, castração e fantasias intra-uterinas*) constituem, para Kaës, a estrutura de relação básica que suporta o vínculo e as posições típicas nos grupos, sendo a fantasia da cena primária o modelo privilegiado da qual se origina outras fantasias originárias. O predomínio das fantasias originárias mostra que o grupo está numa posição que denominou ideológica, e predominando as fantasias secundárias, numa posição mitopoética. A passagem de uma posição para outra aponta um processo de individualização dos integrantes do grupo.

Formulou o conceito de organizadores psíquicos, que regem as representações do grupo, cujas formulações mais rudimentares se elaboram a partir das fantasias e teorias sexuais infantis. São os organizadores intrapsíquicos (imagem do corpo, fantasias originárias, complexos e imagens familiares e imagens do aparelho psíquico subjetivo), e os organizadores socioculturais. Para Kaës, o psiquismo não é um mero reflexo da realidade externa e sim, a realidade interna se organiza no contato com o objeto, e obedecem a determinações diversas.

Todos estes conceitos permearam nossa compreensão deste trabalho com um grupo de pais de adolescentes.

2. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem por objetivo geral, apresentar um modelo de intervenção de grupo de pais de adolescentes numa instituição escolar .

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Descrever e analisar os conteúdos principais que emergem nas situações vividas no grupo de pais na relação com seus filhos.
2. Identificar as formações psíquicas que operam no aqui-agora do grupo.
3. Apresentar as vivências do psicólogo- coordenador na relação com o grupo de pais.

3. MÉTODO

*“Tive um chão (mas já faz tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajedos
Agora (o tempo é que o fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas
Mas nele (devagar eu vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor”*

(Thiago de Mello)

O caminho percorrido neste trabalho é o que se denomina *clínico* no sentido de inclinar-se, curvar-se, para descrever as experiências vividas pelo grupo. O método clínico permite observar, descrever e compreender, com profundidade, os fenômenos humanos, os níveis de experiência psíquica a partir de uma relação afetiva entre o grupo e o profissional que os atende (Rúdio, 1985).

Para Ladrière (1977) o método clínico permite colocar em evidência as sensações e percepções dos sujeitos, daquilo que dizem e fazem no grupo.

Este método, em psicologia, caracteriza-se por uma observação detalhada, cuidadosa e completa, realizada em um enquadramento rigoroso com o estabelecimento de constantes que servem tanto para padronizar como para proporcionar um sistema de referência do observado, ou seja, o discurso e as condutas dos

sujeitos (Bleger,1984). Este trabalho, além do método clínico, valer-se-á das técnicas dos trabalhos de grupo analítico, no campo da psicanálise aplicada

3.1. Sujeitos

O grupo foi formado por oito pessoas, um pai e sete mães de adolescentes que freqüentam a escola de 5ª a 8ª série. A idade dos pais variou de 35 e 65 anos. Todos possuem poder aquisitivo médio, e com curso colegial. Quanto ao estado civil, as mulheres são casadas e o pai é separado por duas vezes. Houve a participação de um dos pares do casal, embora estivesse aberto para participação dos dois. O grupo foi fechado, ou seja, os mesmos participantes permaneceram no grupo durante os doze encontros. Foi proposto um contrato de participação no grupo (Anexo 7.2). Não houve evasão no decorrer do trabalho. Optamos por este número de reuniões por ser considerado ideal para realização da pesquisa e alcance dos objetivos propostos para o grupo (Delarossa, 1979).

Descreveremos os integrantes do grupo, que serão identificados com a letra P e as expectativas em relação a sua participação no grupo:

P1 (mãe) = inicial do nome dos filhos: L (13 anos) e R (11 anos)

É promotora de vendas, casada, 36 anos, e tem mais uma filha adotiva de 6 anos. Tem como expectativa no grupo

“compartilhar vivências para procurar entender e ajudar os filhos neste período de crescimento intenso”.

P2 (pai) = inicial do nome da filha = B (13 anos)

É representante comercial, separado do segundo casamento e cuida da filha sozinho, 68 anos. Os filhos do primeiro casamento já estão casados. Mostrou como expectativa no grupo “querer esclarecer dúvidas que surgem ou surgirão no relacionamento com minha filha”.

P3 (mãe) = inicial do nome dos filhos =F (14 anos), da filha = M (11 anos)

Gerente comercial, casada, 35 anos e tem como expectativa “ter maiores informações sobre adolescência e maneiras de lidar com fatos que venham acontecer mais tarde; como lidar com o momento de transição da criança para a adolescência e como tratar sobre sexo e drogas com naturalidade”.

P4 (mãe) = inicial do nome dos filhos =N (13 anos) e D (10 anos)

Professora de primeiro grau, casada, 34 anos. Relatou como expectativa “tentar conhecer e partilhar problemas que surgem na adolescência, para melhor lidar com filhos adolescentes; a expectativa maior é procurar fazer melhor para acertar”.

P5 (mãe)= inicial do nome da filha = I (12 anos)

Professora de primeiro grau, casada, 38 anos e tem mais um filho de 3 anos. Relatou como expectativa “as melhores possíveis, pois sinto-me impotente diante de alguns fatos relacionados a minha filha e sinto a necessidade de aprender a lidar melhor com ela” .

P6 (mãe)= inicial do nome do filho = U (11 anos), e da filha = A (10 anos)

Casada, do lar, 39 anos e tem mais um filho de 7 anos. Tem como expectativa “saber se só em minha família há o tipo de problemas dos meus filhos”.

P7 (mãe) = inicial do nome da filha = S (13 anos), e do filho =G (16 anos)

Comerciante, casada, 41 anos e tem mais uma filha de 19 anos. Relatou como expectativa “procurar entender melhor e conviver melhor com os adolescentes”.

P8 (mãe)= inicial do nome do filho = O (13 anos)

Secretária, casada, 45 anos e tem mais dois filhos, uma filha de 18 anos e um filho de 20 anos. Relatou como expectativas “verificar o desenvolvimento dos adolescentes em vários meios, educação dada pela família, pais e restante da sociedade que os envolve; a expectativa é de reafirmar para mim mesma que agi certo com os mais velhos, e estou indo pelo mesmo caminho com o mais novo”.

3.2. Campo de Pesquisa

O grupo de pais foi realizado numa escola particular que atende crianças e adolescentes, da pré-escola até oitava série. As famílias têm nível sócio econômico e alto. Esta escola inclui em sua programação, atividades que proporcionem inter-relação com as famílias, palestras com profissionais da área de saúde e educação, e outros trabalhos que promovam a socialização e melhoria nas relações. Estes dados foram fornecidos verbalmente pela coordenadora psico-pedagógica da escola.

3.3. Instrumentos

Descreveremos os instrumentos utilizados para realização deste trabalho.

3.3.1. O Funcionamento do Grupo

A técnica utilizada foi a grupal, mais especificamente o *grupo de reflexão* proposto por Delarossa (1979). A proposta fundamental da técnica grupal é de se ocupar com as operações funcionais que possibilitam vivências, compreensão e aprendizagem sobre o relacionamento com os filhos.

A técnica propiciou aos integrantes do grupo o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o que vivenciam e o reconhecimento de fatores que não observavam na

relação com os filhos adolescentes e deles próprios. Para que houvesse a possibilidade de funcionamento desta técnica, foi necessário a existência de uma tarefa comum à todos os membros do grupo, que foi a de conversarem livremente sobre a temática da relação com seus filhos; a tarefa foi o ponto central com a qual o grupo se envolveu e pela qual trabalhou e facilitou a coesão grupal. Criou-se uma atmosfera de permissividade, solidariedade e continência que possibilitou que os pais do grupo se expressassem.

3.3.2. Registro do Material

O material das reuniões do grupo foi registrado em gravação, fita K7, para que houvesse fidedignidade do estudo. Martins e Bicudo (1989) consideraram a gravação eficiente para tal propósito, uma vez que o registro das falas pode ser feito de forma integral. As reações, silêncio, intercâmbios verbais, faltas e atrasos, foram anotados pela psicóloga-coordenadora do grupo. Desta forma os registros gravados poderão ser considerados integrais e confiáveis.

3.4. Procedimentos

Estabelecemos uma situação grupal que preenchesse as exigências da técnica grupal e da pesquisa. A partir de uma palestra sobre adolescência para pais de alunos de 5^a a 8^a de uma escola particular numa cidade situada no interior de São

Paulo, foi apresentada a proposta de formação de um grupo de pais, apontando seus objetivos técnicos, ou seja, um espaço de reflexão sobre a relação com seus filhos, e de utilização desta experiência como objeto de estudo. Os pais participantes receberam uma *ficha de interesse* (Anexo 7.1), que devolveram à escola para ser analisado pela coordenadora (psicóloga) do grupo proposto e pela coordenadora psico-pedagógica da escola, para seleção de pais (pai e/ou mãe) que traziam constantemente queixas em relação aos seus filhos. Foram entregues para a escola dez fichas não sendo necessário a seleção, pois a intenção era formar um grupo com no máximo este número de participantes. Ao contatar os pais para o início do grupo, oito deles confirmaram sua participação.

Este grupo foi criado de forma artificial, ou seja, os participantes reuniram-se fora de seu ambiente natural, na escola, com a finalidade de refletirem suas dificuldades na relação com os filhos adolescentes.

3.4.1. Enquadre

Os dispositivos que criaram condições para realizar este trabalho com norteamo psicodinâmico, foram estabelecidos pelas regras básicas que sustentam um trabalho grupal e que foram propostos pelos autores da Grupanalise: Anzieu (1994), Cortesão (1994), Kaës (1976), Delarossa (1979) e que são fundamentalmente:

a. A *regra da não-omissão*, que garantiu a obrigatoriedade de intercâmbios verbais, com discussão livre e circulante dos sentimentos, pensamentos, fantasias, etc.

b. A *regra da abstinência*, onde os pais foram orientados ao não convívio social, concomitante à realização dos grupos, entre eles e deles com o coordenador.

c. A *regra da restituição*, onde conversas que ocorressem fora das reuniões fossem levadas para o grupo no encontro seguinte. Esta regra foi introduzida por ser um grupo formado por pessoas que se encontram fora das reuniões, no espaço da escola, evitando assim, que conversassem assuntos que pudessem interferir nos movimentos emocionais do grupo sem possibilidade de serem compreendidos.

Ainda como parte do enquadramento foram garantidos as três unidades necessárias de funcionamento grupal propostas pelos autores citados acima: unidade de lugar, de tempo e de ação. As doze reuniões ocorreram sempre no mesmo local (escola), no mesmo horário com duração de 75 minutos cada, e manteve-se a concentração num tipo de atividade e condução do grupo do começo ao fim.

3.4.2. Papel da Psicóloga-Coordenadora

O papel do coordenador do grupo (psicólogo analista do grupo de reflexão) foi de escuta e observação, com atenção flutuante, ou seja, uma atenção voltada para o que estava atrás do

que estava sendo dito explicitamente, com escuta analítica do grupo, que consiste em considerar que o discurso manifesto, assim como as ações, expressam e escondem um discurso latente. A busca foi de compreender os processos emocionais que ocorreram no grupo, e no momento oportuno a coordenadora fez assinalamentos no aqui-agora, principalmente em momentos de impasse, angústia e resistência. Não houve interpretação da transferência, “que se designa na psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos..., no quadro da relação analítica” (Laplanche e Pontalis, 1986, p.669) por não ser um grupo de psicoterapia e sim de reflexão, porém a contratransferência (sentimentos e reações inconscientes do coordenador em relação ao grupo) foi levada em consideração, como forma de compreender as relações ali estabelecidas. Procurou-se facilitar as experiências vivenciadas pelos pais com intervenções e levantamento de questões para aprofundamento das temáticas trazidas por eles.

A coordenadora cuidou da observância das regras básicas de funcionamento do grupo e da condução do trabalho, fundamentais para uma seguridade psíquica dos participantes (Greinberg, Langer e Rodrigué, 1976).

3.5. Análise do Material

A análise do conteúdo pode constituir uma importante escolha para o investigador que desenvolve pesquisa qualitativa, porque o inesperado volume de comunicações que as pessoas trazem no grupo, já é por si, algo preocupante. De certo modo,

iniciar a análise de um material volumoso é como situar-se frente à entrada de um labirinto: muitos caminhos distintos aparecem desde o princípio e, à medida que o investigador avança, novas alternativas vão surgindo continuamente, e este desconhece se um determinado caminho será eficiente e produtivo (Fiorini,1995). Assim, para sair deste labirinto, o investigador necessita ter claros os objetivos do estudo, e estes serão os parâmetros que nortearão o seu trabalho. Para Ferrari (1982), “faz parte do método científico proceder ao longo de um caminho, utilizando a reflexão, porque o conhecimento não é definitivo, absoluto ou final”.

A análise do material foi realizada no sentido de investigar os níveis de experiências, ou seja, os sentimentos, conflitos e convicções, que os pais do grupo procuraram compartilhar. A análise dos dados, assim como o enquadramento, numa abordagem psicodinâmica utilizada neste estudo, possibilitou investigar e interpretar a polissemia das situações observadas, assim como já colocou Rezende (1993). Não houve pretensão de esgotarmos os temas e fenômenos mentais que ocorreram na situação grupal, porém foram estabelecidas algumas diretrizes que nos possibilitaram caminhos a serem aprofundados.

Utilizamos três, das doze reuniões do *grupo de reflexão* de pais, transcrevendo-as integralmente, buscando compreender alguns dos problemas e conflitos que os pais experenciam em relação aos filhos adolescentes e deles próprios na situação grupal. As reuniões analisadas foram a 1ª, 7ª e 11ª, e foram eleitas desta forma por apontarem o processo de funcionamento do grupo (início, meio e fim). Nos baseamos na conclusão da dissertação de mestrado de Bettini (1997) que realizou a análise

das doze reuniões de um grupo de pais de filhos que iniciariam psicoterapia, mostrando que as temáticas se repetem no decorrer do trabalho com os pais e que elegendo algumas reuniões seria possível fazer a mesma análise; ressaltou que a partir da escolha de algumas reuniões é possível a análise do processo do grupo como um todo. Esta pesquisa, também procurou verificar em que medida o *grupo de reflexão* contribui para que os pais possam ter uma visão mais ampla e consciente de sua relação com o filho adolescente, e a partir daí buscarem formas mais satisfatórias nesta relação.

Os critérios de seleção para análise do material escolhido estabeleceu-se pela emergência de conteúdos e conflitos manifestos no discurso dos pais. Como emergente compreendemos aqueles conteúdos que o grupo se mostrou mais preocupado, e que provocaram impasse, ou seja dificuldade de pensamento. Estes conteúdos foram analisados e estão apontados por uma numeração, entre parênteses, no início das falas na transcrição das sessões.

O método de análise do material está baseado no modelo proposto por Kaës (1979) e Krueger (1988), que graficamente é representado desta forma:

Dados diretos \leftrightarrow Frases descritivas \leftrightarrow Interpretação

Esta representação gráfica é definida por um contínuo de profundidade de análise (Krueger, 1988), que vai desde uma análise mais superficial, com a apresentação direta das falas dos

pais, até uma representação mais profunda onde realizamos a interpretação dos conteúdos manifestos e latentes.

No final da análise dos resultados de cada reunião selecionada, fizemos uma análise horizontal, ou seja, uma interligação dos conteúdos que emergiram das reuniões escolhidas, visando compreender o processo como um todo dos conteúdos psíquicos do grupo, relacionando-os com os objetivos propostos neste estudo.

A compreensão dos conteúdos psíquicos contou com a subjetividade da pesquisadora, com as contribuições de um supervisor clínico e do orientador desta dissertação, estando apoiada a análise num referencial psicodinâmico, utilizado em nossa prática.

Em cada reunião selecionada adotamos o mesmo modelo de transcrição. Primeiramente foi descrito o posicionamento das pessoas no grupo; na sequência relatamos de forma integral a reunião, com todas as falas dos pais que foram transcritas sem aspas. As falas de pessoas de fora do grupo, que foram relatadas pelos pais, foram transcritas entre aspas, e entre parênteses posturas dos pais e observações da psicóloga-coordenadora.

Cada pai e/ou mãe tem a simbologia P e um número que os designa conforme descrito em *sujeitos (3.1)*, assim como a cada filho foi dado uma inicial que não corresponde aos seus nomes reais e da mesma forma os irmãos, pais e outros com iniciais diversas, e entre parênteses, sua função na família. A psicóloga-coordenadora tem como inicial C. Os números que antecedem uma sequência de falas, é o norteador para localização dos conteúdos que foram analisados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

*“As palavras aí estão, uma por uma
porém minha alma sabe mais.
De muito inverossímil se perfuma
o lábio fatigado de ais.
Falai! que estou distante e distraída
com meu tédio sem voz.
Falai! meu mundo é feito de outra vida
Talvez nós não sejamos nós.*

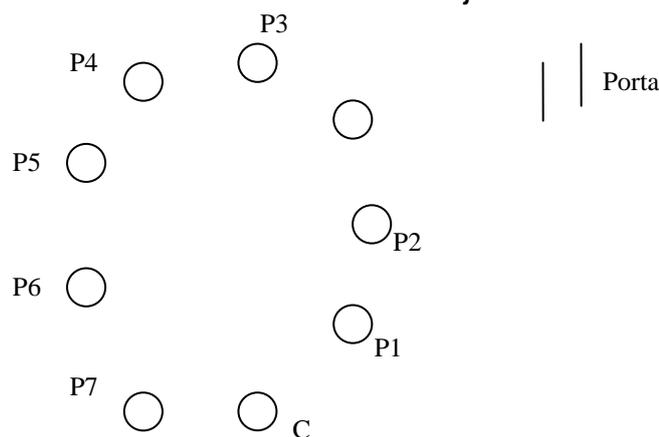
(Cecília Meireles)

4.1 - Primeira Reunião

Entraram na roda feita com 9 cadeiras nesta sequência: P6, P7, P5, P4, P2, P3, P1. Faltou P8 (ligou para a coordenadora do grupo justificando sua ausência, e reafirmando seu interesse em participar).

A coordenadora já estava sentada na roda quando os participantes foram chegando e posicionando-se nas cadeiras.

Posicionamento dos sujeitos:



Inicialmente foi feito enquadre pelo coordenador, ou seja, as regras de funcionamento do grupo (10 min).

O coordenador colocou que a reunião estava aberta para que as pessoas falassem. P2 iniciou sua fala:

(1.1) P2 - Vou falar da minha filha, que não conversa comigo. Ela escreve tudo o que quer e pede para eu ler. Eu pergunto por que ela não conversa comigo, que ela pode se abrir comigo. Ela diz que acha melhor esta forma. Ele diz: “ Eu quero ser seu amigo, e amigos conversam”. O que será isto?

(1.2) P5 - Eu vejo que às vezes o adulto poda muito a conversa. Eles começam a falar, a gente já dá opinião. Sempre que o adulto vai conversar com a criança ou adolescente leva a conversa para aquilo que quer, e não deixa que eles se expressem livremente.

P1 - É, não deixa eles encaminharem a conversa, fica interferindo, não tem paciência de ouvir. Parece que tem uma postura do adulto que pode levar o filho a escrever porque na conversa fica difícil. Ele pode achar que vai ter algum impedimento.

P5 - É, na escrita ele põe tudo o que quer, na conversa nem sempre consegue.

P1 - A preocupação é válida!

P2 - É depois que eu leio o que B escreve eu falo o que eu penso, o que está certo o que está errado, e ela depois me dá a resposta dela por escrito. Tem uma certa resistência de conversar, mas devagarinho acho que vai mudar.

P3 - A minha é na conversa, pois ela não gosta de escrever.

P7 - É... na conversa, ela detesta escrever.

P1 - Ah! Mas no dia das mães eles escrevem para se desculpar, para dizer que ama. Eu sinto o quanto interrompemos os filhos. Essa semana, numa conversa com meu filho ele disse: “Mãe, deixa eu terminar de falar, espera...”. E eu ficava interrompendo, tirando conclusões precipitadas.

(Várias falas entre os participantes)

P2 - Eu pego o que ela escreveu, e na frente dela vou analisando o que ela disse, e digo vamos ver o que está errado, se eu estou errado.

P1 - É uma postura boa!

É como falar ao telefone. Às vezes você não quer falar no cara a cara e usa o telefone. Fica mais fácil.

P5 - No papel, se você disser algo que não quer, você pega e joga fora.

P1 - É mais fácil.

P5 - Mais fácil para quem tem facilidade, e escrever sobre sentimento não é fácil.

P3 - A M. é mais fácil de se lidar do que o F. (irmão). Ele é quietinho, e quando pergunto alguma coisa sobre ele, ele não responde. Parece que tem medo de colocar para fora o que sente. A M. já é mais falante.

P1 - Quantos anos ele tem?

P3 - Treze anos e a M. tem onze anos. Eles falam ou se dirigem mais a mim. É um jeito em casa, qualquer coisa que eles querem, pedem para mim. Eu converso com o pai, ele dá opinião,

mas quem passa as decisões para os filhos, sou eu. Eu que vou na escola, comprar uma coisinha...

P7 - A S. tem treze anos. Ela conversa mais, ela detesta escrever. Ela é a que mais dá trabalho. Está mal na escola, não leva muito a sério.

(1.3) P1 - Quando alguém fala a gente pode interferir, dar as próprias opiniões?

C - Sim, a proposta é esta, de que conversemos livremente sobre a temática que está surgindo no grupo.

P1 - Acho interessante poder ouvir estas experiências, esta troca pode nos dar idéias de outras formas de lidar com os filhos.

P5 - Uma coisa que é terrível, é que minha filha é extremamente fechada. Ultimamente, o que mais me irrita é ver que ela não faz nada o dia inteiro, é impressionante. Eu falo para ela ir tomar banho à uma hora, ela vai às sete. “Pega o tênis”, não pega, “guarda sua roupa”, não guarda. Quando falo as três coisas juntas ela reclama que é muita coisa, que ela não tem tempo para tudo isto. Horário é um terror, é tudo em cima da hora. Eu já cheguei a desistir de um passeio, na última hora, por causa disto. Tudo isto para não fazer nada.

Quando vamos sair ela quer que eu dê opinião de que roupa ela vai. Eu digo, aí então ela vai com a que eu não escolhi. Parei de dar minha opinião, e ela fica perdida. Não consegue se decidir por mais nada. Falta o parâmetro.

Fica no banheiro horas, tudo é muito escondido, papelzinhos, que não têm nada, mas fica horas mexendo naquilo, brincando de secretária. Isto irrita. Por exemplo, “mãe tenho que

fazer um trabalho sobre aranha” às oito horas da noite. Onde eu vou achar uma aranha a esta hora da noite?

(Todos riem)

P5 - A cama é uma bagunça, só joga o edredon por cima. É muito difícil, como é difícil gente!

Silêncio... (1 min.)

C - O que vocês pensam disto que P5 está falando?

(1.4) P3 - Eu tenho uma experiência de adolescência que me veio agora. Eu adorava vestir roupas da minha mãe, e ela não gostava, sempre dizia que não podia e eu ficava muito brava. A M., minha filha, tem essa mania de querer vestir minhas roupas. Um dia destes me dei conta de que fazia a mesma coisa que minha mãe. A M. pediu uma roupa e eu não deixei, e me veio aquela lembrança da adolescência e pensei estar fazendo igual a minha mãe. Acabei emprestando a roupa para M. e pensei o quanto é difícil compreender os filhos, mas se pensamos na nossa própria adolescência pode ser muito bom, que o que aconteceu comigo pode acontecer com ela.

(1.5) P3 - Outra coisa é que parece que não tem noção de tempo, eles vivem o momento.

P5 - É, mas eles cobram o tempo seu! Tudo é na hora que eles querem.

P1 - É, tudo falam: “Calma aí”, “Calma aí”, “Já vou”.

(Todos falam juntos)

P5 - Entra no banheiro fica horas. Vai ver, nem banho tomou. Nas coisas mexe, mexe e passa o dia e não aconteceu nada.

P1 - Eles ficam relutando em assumir responsabilidades.

(1.6) P4 - Em casa eles são muito ligados no horário, tudo o que tem horário eles seguem. Acho que é porque eu sou assim, gosto das coisas certas e compromissos são compromissos. Meu filho então é bem rígido nos horários. Olha eu vou dizer para ele colocar o aparelho no dente, ele já está com aparelho.

(Todos falam juntos)

(1.7) P1 - Às vezes a gente cobra demais dos filhos, quer que as coisas funcionem do nosso jeito.

P4 - É, mas existe horário para as coisas e não dá para deixar eles totalmente à vontade. Vocês vêm a lição, nem penso pedir, eles já fazem.

P7 - A minha tem pressa em fazer a lição, mas é para acabar logo para poder fazer as coisinhas dela.

(Vários falam juntos, em pares)

P5 - Eu cobro horários, mas o pai... E o que minha filha me cobra é demais. Controla meus horários, meus telefonemas, conta para o pai o que eu fiz. Ela não faz isto com ele, somente comigo.

“Quem ligou?”, “Onde você vai?”

Quando pequena controlava o pai até os seis anos, agora me controla. Não é possível alguém querer controlar tudo. Me irrita ela contar todos os meus passos para o pai.

P2 - Eu tive que assumir a menina com três anos. Eu sou o pai e a mãe. A mãe foi embora e eu fiquei com ela.

P1 - Deve ter sido difícil! Esta experiência de pai e mãe parece muito interessante. Como é ser pai e mãe?

P2 - É difícil, mas tenho me esforçado para dar o melhor para ela. Procuo estar muito presente na vida dela. Ela tem os irmãos, meus filhos maiores do 1º casamento, mas vivemos eu e ela, juntos. Ela cumpre seus compromissos na escola e em casa, e sai bastante com as amigas.

P1 - Ela se relaciona bem com os amigos?

(1.8) P2 - Sim, ela é uma boa menina.

(1.9) P6 - Eu não tenho o que falar. Meu filho não fala, ele se fecha, acho que ainda é por problemas ligados a um trauma que teve. Perdeu o avô. Uma semana depois ele perdeu um amigo e dois primos num acidente de carro, ele teve muitos problemas com isto, fez terapia. Ele está muito melhor, tem amigos, se relaciona, os amigos gostam dele, ele sorri, mas ... em casa ele se fecha. Eu não consigo saber nada dele.

P1 - Porque será que fica quieto em casa?

P6 - Eu não sei, porque eu pergunto para ele.

P6 - Um dia destes ele olhou a foto destes primos e virou a foto e saiu do lugar.

(1.10) P1 - Em casa eu e meu marido damos muita liberdade para os filhos falarem. Mas precisa ficar atento porque nossa tendência é recriminar é não deixá-los falar. Um exemplo é que uns dias atrás surgiu um assunto de adoção na classe dele na escola, e ele ficou muito perturbado e a professora comunicou-me sobre isto. O fato é que eu tenho uma filha adotiva, que hoje tem 5 anos. O R tem dez e o L tem doze anos. A preocupação de R era de falar sobre adoção com a irmã porque as pessoas poderiam contar para ela e isto a faria sofrer. R não queria falar comigo sobre isto, a professora precisou marcar um horário comigo onde conversamos sobre isto. Depois, perguntei para R por que precisava da professora estar junto para conversarmos

sobre isto, e R disse que tinha medo de me magoar. Conversamos sobre isto e expliquei-lhe que a irmã já sabia que era adotiva, que ele ficasse tranquilo, ela já havia explicado dentro das possibilidades da filha entender.

Estou falando disto porque muitas vezes o filho não fala com a gente porque tem receio de nos magoar.

Na escola ele não parava de falar sobre este assunto e insistia que ela era irmã de sangue, e os amiguinhos diziam que não, que não era de sangue. Ele chegou a ficar doente. Depois da conversa comigo e a professora, ele ficou tranquilo tirou todas as dúvidas que tinha a respeito desta adoção . No dia após a conversa levou fotos da irmã, mostrou para os amigos, e nunca mais falou sobre este assunto.

Meus filhos, tanto o R. e L. queriam que sentássemos todos juntos (a família toda) e dizer para A que ela é adotiva. Expliquei, junto com o pai, que não era desta forma, o melhor é que já havíamos falado disto com A. Explicamos como tínhamos contado.

P3 - Posso colocar uma coisa? Será que eles na verdade não queriam saber o porquê desta adoção, se você já tinha dois filhos , por que mais um?

P1 - Quando eu e meu marido resolvemos adotar, nós colocamos para os dois nosso desejo, e eles mostraram-se muito animados. Eles eram pequenos, mas não vejo que precisaríamos da autorização deles para isto se concretizar. É como ficar grávida, você não pergunta para seu filho se tudo bem.

P3 - É verdade...

P1 - Isto era uma vontade do casal e não forçamos nada. Esta criança surgiu sem que fossemos atrás. Alguns amigos

sabiam de nossa intensão e nos avisaram quando A nasceu e que estava à disposição para a adoção.

(1.11) P5 - Vê meu caso. A diferença de idade dos meus filhos: uma tem doze o outro três. Quando ela estava na segunda série, teve campanha de vacinação e ela trouxe papel e queixou-se de que não tinha irmão para levar ao posto. Então eu e meu marido resolvemos ter outro. Ele é exatamente o oposto dela. Como que uma pessoa pode gerar duas pessoas tão diferentes. Em três anos ele falou mais que ela em doze. Ele é resoluto, atirado, dominador, controla as situações. Inclusive a mais velha.

P3 - A M. é mais fechada o F. é muito aberto, ele não tem o que esconder, ela está na idade de esconder.

P5 - É muito difícil conciliar irmãos com idades tão diferentes.

P1 - Eu sou mais velha de cinco irmãos, lembro de ter chegado para minha mãe e dizer o porquê dela ter tido tantos filhos, e a resposta que ela me deu foi: “Bom qual deles você não queria que existisse?” Nunca mais falei sobre isto.

P7 - Eu vejo com meus filhos, os dois maiores se dão muito bem, mas com a mais nova não. A diferença de idade não é tanta, mas acho que por ela ser mulher, não se identifica tanto.

(1.12) P3 - Tenho um relato na minha história. Quando eu tinha sete anos, uma tia que morava junto com minha família adotou uma menina de onze anos. Eu nunca senti ela uma prima ou irmã de sangue. Nós éramos muito diferentes. Hoje a O. casou-se, tem filhos e sabe o que ela faz? Ela deixa os filhos em casa e vai cuidar das crianças carentes. Ela voltou para o mundo dela, de onde ela saiu. E não tem quem consiga colocar isto para ela. Eu não a vejo como irmã. Ela é uma pessoa estranha para mim.

P4 - A diferença de idade minha com minha irmã é de dezenove anos. Minha irmã tem cinquenta e dois anos. Quando eu tinha seis meses minha irmã estava casando.

C - Estamos no final da reunião, e hoje iniciamos falando sobre comunicação, e o quanto é difícil comunicar-se com o adolescente. Fico pensando se de alguma forma estamos falando de nossa própria comunicação. Será que vamos nos entender e nos fazer entendidos? Continuamos na próxima reunião.

(Obs: Após ser encerrada a reunião P5 continua falando e levantando pontos, ou seja, não percebe o tempo, e foi a que mais queixou-se da atemporalidade da filha).

4.1.1. Análise da Relação dos Pais com seus Filhos

Feito o contrato de funcionamento do grupo pelo coordenador, a reunião é iniciada com a fala de um pai (P2) que relata a dificuldade de comunicação com a filha e as regras que são estruturadas para manter o contato com ela: a filha escreve o que pensa para ele, uma vez que poderiam conversar e trocar idéias livremente sem o uso deste subterfúgio **(1.1)**. Este relato faz com que outros pais comecem a falar da dificuldade de comunicação que têm com seus filhos, e dizem ser os culpados por isto, pois não permitem que eles comuniquem suas idéias, interrompendo as falas, impondo suas próprias idéias, e que isto faz com que se fechem, se mantenham inacessíveis pois tendem a duvidar da possibilidade de serem ouvidos e compreendidos, ou por não quererem magoar os pais **(1.2)**. Supomos que fazem uma

cisão pais ruins/filhos bons, fruto de uma ansiedade depressiva associada a um superego perseguidor, pois se julgarem os filhos estes poderão também julgá-los e aniquilá-los como pais. Procuram uma compreensão para esta dificuldade de comunicação e a saída que encontram é julgando a si próprios como culpados.

Quando uma mãe (P1) pergunta se pode interferir, dar opiniões na fala de outros pais, e isto é recolocado como regra de funcionamento do grupo, parece haver uma abertura para que saiam desta posição de se culparem e passam a culpar os filhos **(1.3)**. A partir deste momento os pais são colocados como bons e os filhos como ruins, inacessíveis, que não permitem a participação deles (pais) em suas vidas, que não aceitam orientações, que ficam quietos, ou muito rebeldes.

Uma mãe (P3) tenta fazer uma integração destas duas partes, pais e filhos, relatando uma vivência da própria adolescência **(1.4)**, correlacionando com fatos que ocorreram na relação com sua própria filha, mas parece que o grupo ainda não pode fazer este movimento e continuam apontando aspectos dos filhos que dificultam a comunicação **(1.5)**.

Este mecanismo de cisão parece ocorrer devido a uma angústia com o movimento de separação que ocorre nesta etapa de vida dos filhos, pela necessidade que eles têm de distanciamento das figuras parentais, para busca de individualidade. O adolescente tende a depositar nos pais os aspectos ruins, como pessoas que não os compreendem, com idéias retrógradas, que não conseguem acompanhar seu desenvolvimento e o seu tempo. Os pais, por sua vez, parecem identificar-se com estes aspectos, mas para se defenderem, por medo de retaliação, tendem a fazer o mesmo movimento de culpar

os filhos. Estabelece-se, então, uma comunicação permeada por ansiedades de ambas as partes: ansiedade de perda de amor dos filhos e perda de poder de controle sobre eles. Isto reflete-se com tentativas de comunicação, mesmo que seja escrevendo, ou por fechamento total de comunicação verbal para evitar o conflito **(1.6)**.

Os pais questionam se as posturas que assumem em relação aos filhos estão corretas. Colocam em julgamento o modo de ser pai **(1.7)**. É uma etapa nova para eles; sabiam como ser pais de crianças dependentes deles, mas agora muitas coisas parecem misteriosas, não sabem a reação dos filhos, se o que oferecem vai ser bem ou mal aceito. A imagem projetada nos filhos é de um superego perseguidor e destruidor que pode aniquilá-los como pais. Ficam temerosos em colocar seus pensamentos e idéias para os filhos com receio de serem desprezados. Os pais falam com frequência das dificuldades com o início da adolescência dos filhos, e isto parece ser suficiente para se sentirem inseguros e ansiosos, levando-os à atuação e não ao pensamento e elaboração.

Os pais querem acertar com os filhos, mas não têm clareza do que é acertar. Não sabem se lidam com eles como crianças ou como adultos. Ficam confusos. Há a vivência de perda do ser pai infantil, afinal os filhos não os aceitam mais dessa forma, e são forçosamente levados a abdicarem desta maneira conhecida de ser. Ficam confusos quanto aos limites que devem ser colocados, e o relato de uma mãe (P4) gera uma ansiedade no grupo, pois coloca ter sucesso na imposição de limites e responsabilidades. Isto faz com que os outros sintam-se

impotentes, incertos. Parece que dar limites implica em terem seus próprios limites definidos, porém não é isto que vivenciam.

A partir destas vivências, os pais declaram o vínculo e afeto que têm em relação aos filhos. O reconhecimento de sentimentos positivos, apesar das dificuldades que têm nesta relação **(1.8)**. O ponto que queremos enfatizar aqui é que, na tentativa de examinarem os sentimentos em relação aos filhos através da reflexão em grupo, possam sair de uma posição de pais queixosos de seus filhos e passem para um reconhecimento das suas próprias dificuldades, deixando de projetar nos filhos as dificuldades e olhar para si. Percebem o crescimento deles, que já não são seus bebês dependentes, porém precisam elaborar o luto pela perda dos filhos infantis. Isto fica declarado no relato de uma mãe (P6), quando fala de mortes que ocorreram em sua família **(1.9)**. Aceitar o crescimento dos filhos implica em aceitar seu próprio envelhecimento e morte.

Uma mãe (P1) começa a trazer alguma compreensão quanto ao fechamento dos filhos para conversar com os pais, e relata a história de adoção de uma filha, e o quanto isto preocupava um de seus filhos, que tinha receio que a irmã viesse a saber disto pelos amigos **(1.10)**. O filho não traz esta preocupação para a mãe e sim para a professora que acabou sendo uma intermediária neste conflito. Parece apontar que os filhos, mesmo fechando-se para os pais, têm outros adultos de referência para se abrir e falar de suas dificuldades, que estes não ficam sem orientação. Por outro lado, falar de adoção pode representar o quanto são pais bons, e que apesar de toda dificuldade que implica a relação pais e filhos eles podem até adotar. Parece evidenciar-se que os filhos são a realização de

desejo dos pais. Afinal ela (P1) enfatiza que queriam adotar de qualquer maneira e só esperavam a oportunidade.

Estas comunicações levam uma mãe (P5) a falar das diferenças de idade, sexo e personalidade dos filhos **(1.11)**, mostrando o quanto é difícil conciliar todos estes aspectos, porém é a maneira que podem perceber as diferenças entre eles. Cada um deles representa a realização de um desejo dos pais, porém cada um é único, com sua própria personalidade, e questionam se é possível viver com tantas diferenças: personalidade, tamanho da família, legitimidade, sexo, idade. Questionam a diversidade de aspectos com que precisam lidar por terem filhos, e parece muito difícil isto tudo.

Com todas estas diversidades, ainda precisam lidar com o filho adolescente, que os faz viver a cada instante estas diferenças, e com a própria diferenciação dos filhos em relação às figuras parentais.

Uma mãe (P3) relembra uma situação de sua infância, onde sua tia, que morava junto com sua família, adotou uma menina, e o quanto eram diferentes e por isto era difícil considerá-la prima **(1.12)**. Parece haver até este momento uma percepção de que há diferenças e o quanto é difícil aceitá-las. Provavelmente estejam expressando o quanto é difícil aceitar as diferenças dos filhos, o seu crescimento e individualização.

As comunicações no grupo dos pais, embora interpessoais, são ouvidas e por consequência compartilhadas por todos. Os pais procuram comunicar e partilhar os seus sentimentos, conflitos, situações de emergência. Como observamos, a comunicação é desenvolvida através de cadeias de comunicação interpessoal, denominada por Foulkes e Anthony

(1967) *associação de grupo*. Isto implica que a comunicação não é uma comunicação no sentido comum da palavra, mas algo como livre discussão circulante, operando dentro de um campo total de interações. Estes níveis de comunicação são acessíveis de interpretação na sua essência, e traduzem as mais elaboradas contexturas do conteúdo manifesto.

4.1.2. Análise da Relação dos Pais no Processo Grupal

O início da vida em grupo desperta muitos sentimentos e ansiedades. Talvez por isto os pais sintam-se inseguros, desconfiados e preocupados se vão ser compreendidos.

Através de suas falas, mostram uma forte identificação com as experiências com seus filhos adolescentes. Revelar seus dramas, medos e dúvidas parece gerar uma ansiedade paranóide, ou seja, um receio de serem perseguidos, julgados pelo grupo e pelo coordenador.

Percebe-se o pedido de ajuda para compreender todos os dramas e conflitos com os filhos e parecem precisar de maternagem. Desejam mudanças, mas não sabem o caminho e depositam no grupo o espaço para isto, como objeto de transferência. Mostram aspectos inconscientes da dificuldade em ter uma relação de trocas, cada um fala de suas próprias experiências com receio de interferir na fala dos outros.

Solicitam cuidados especiais, querem ser legítimos, e não adotados. Desejam alguém que os oriente, e depositam no coordenador este *outro* idealizado, que possui todas as respostas

para seus conflitos. Inicialmente parecem acreditar que vai ser muito difícil serem compreendidos, pois sentem-se confusos, não sabem o que é ser um bom pai e mãe, então como alguém poderá ser assim com eles? Muitas ansiedades são despertadas.

Inicialmente uma ansiedade paranóide permeia as relações, onde parecem duvidar do acolhimento e compreensão no grupo, fruto de um superego rígido, querem saber se estão certos ou errados em suas condutas, e projetam no grupo e coordenador este superego rígido e julgador. Mas isto não os impede de falar. Contudo começam a julgar a si próprios como culpados pela dificuldade na relação com os filhos. Condenam-se antes que seja feito pelo outro, neutralizando assim a função idealizada do coordenador. A ansiedade paranóide emerge inicialmente fruto de uma vivência desconhecida e nova para eles, e em seqüência uma ansiedade depressiva, sob a forma de culpas e de um medo que a vida psíquica de cada um deles seja aniquilada pelo coordenador idealizado como um superego perseguidor.

Diante destas observações, percebemos os pais com dificuldades em lidar com o que se refere à própria vida psíquica. Como colocou Anzieu e Martin (1971), o grupo é um lugar onde as pessoas vão para realizar sonhos, desejos e necessidades, mas isto, na medida em que se organiza, pode ser fruto de uma variedade de ansiedades primárias e inconscientes.

Bion (1975) coloca que o processo inicial de um grupo é caracterizado por uma dependência no coordenador. Seus membros conduzem-se como se quisessem ser protegidos pelo líder, alimentados por ele intelectual e afetivamente. O coordenador é considerado unanimemente como aquele que sabe e pode atender o apelo do grupo; é ele que mostrará os caminhos

e resoluções para os conflitos, porém, se não ceder ao apelo, o coordenador pode ser vítima, e o grupo passa a comportar-se como se estivesse reunido para atacar ou fugir da tarefa, falando de outras coisas. No grupo, reagem a isto inicialmente utilizando um mecanismo de luta e fuga, fazendo seus próprios julgamentos (Bion, 1975). Podemos pensar que estão com dificuldade na vinculação, no aqui e agora do grupo parecem desconfiados com esta situação nova. Com a pergunta da mãe (P1) se podem interferir na fala dos outros, fica evidenciada a dependência no coordenador, aquele que poderá guiá-los.

A partir deste momento, com o aval dado pelo coordenador, movimentam-se no sentido de poder olhar para fora do grupo e falar dos filhos. Começam a mostrar que eles têm problemas também: calam-se, vão mal na escola, exigem muito dos pais. Estas falas geram ansiedade quando uma mãe (P5) declara o quão horrível sua filha é para ela. O grupo reage com uma defesa maníaca, falando todos ao mesmo tempo, diante do alto grau de ansiedade persecutória sem que seja possível discriminar as falas. Instala-se um silêncio após o tumulto, fazendo com que a coordenadora faça uma intervenção, fruto de sua ansiedade (*contratransferencial*), buscando uma saída para o grupo e para si própria, pedindo que falem mais sobre o tema, com intenção de diminuir a ansiedade (dela e do grupo) e estimulando o pensamento.

Para Winnicott (1980) muitas vezes o terapeuta quer ver o grupo crescer rápido, porém cada um tem seu tempo. Parece que pela vivência de dependência do coordenador, e por uma identificação projetiva deste, de que poderia guiá-los, tentou evitar o sofrimento do grupo, levando-os a falar.

Neste ponto uma mãe (P3) traz lembranças de sua própria adolescência, correlacionando com fatos que ocorreram com sua filha. Parece que falar dos filhos faz com que revivam a própria adolescência, mas isto faz com que fiquem confusos no grupo, se estão ali como pais ou como filhos. Parecem sentir-se ameaçados no papel de pais. Não se sentem à vontade no grupo e voltam a falar dos defeitos dos filhos adolescentes. Parece haver medo de que ali fiquem fundidos com os demais e percam sua identidade, fruto de uma ansiedade de fusão-despersonalização, próprio desta vivência persecutória.

Não suportando tais ansiedades, voltam a culpar os pais pelos problemas com os filhos, e uma mãe (P4) ressalta que eles são reflexo da educação, e mostra o quanto consegue ter controle com seus filhos. Isto gera no grupo verbalizações mais complexas com questionamentos quanto ao papel de pais, o quanto devem cobrar e impor limites. Parece surgir uma preocupação quanto às cobranças que o coordenador fará, se terá sucesso nos limites estabelecidos, se vai ser um bom pai ou mãe, e se eles serão filhos obedientes e conseguirão agradá-los, fruto de uma ansiedade de perda do amor.

Há, então, um movimento de formação de pares, fruto deste desconforto gerado por tantas dúvidas, como forma de aliviar as ansiedades, e busca de soluções.

A partir deste momento, começam a relatar temas relacionados a perdas e lutos, e suas dificuldades em relação a estes sentimentos: perda do filho infantil, perda do ser pai infantil.

Ao iniciarem a temática da adoção de um filho parecem surgir temores quanto à perda de lugar no grupo. Se cada um deles é legítimo neste espaço ou são adotados, se serão bem

cuidados. Questionam como cada um do grupo pode receber e aceitar sugestões, e conter os segredos de cada um. Será que ficarão magoados com o que ocorrer no grupo, assim como o filho pode se sentir? Foram conversando sobre este assunto e isto fez com que fossem ficando mais tranquilos.

Mas esta temática faz com que falem das diferenças de idade, sexo, legitimidade, personalidade, e parecem referir-se ao grupo questionando se há possibilidade de conciliarem tantas diferenças, se é possível o coordenador adotar tantas diversidades, mesmo não tendo vínculo sanguíneo. Uma mãe (P3) relata que não conseguiu considerar uma prima adotiva como irmã, e questiona se isto será possível no grupo. Assim, nesses momentos regressivos, nas quais se apresentam as angústias primitivas de desamparo (fantasias originárias), é que se podem descobrir os desejos, os mecanismos de defesa, ou seja àqueles que organizam o psiquismo humano e que se evidenciam no processo grupal (Kaës, 1976).

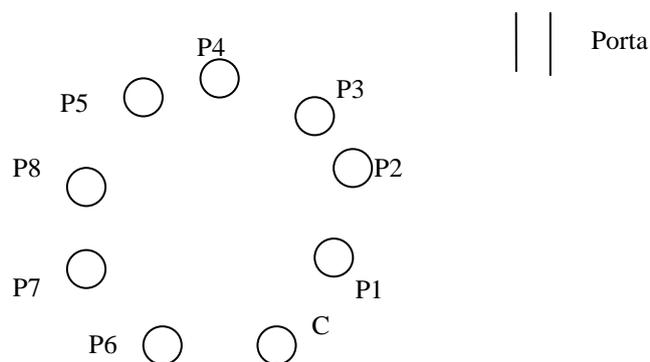
Há tantas dúvidas e dificuldades, e isto parece gerar uma fantasia de que o coordenador possa ensinar como lidar com todas as diferenças. Há uma ilusão grupal de que neste grupo possam ser nutridos, alimentados por uma boa mãe, continente, seguindo o pensamento de Kaës (1976), onde o grupo é sentido e percebido como um corpo que vai nutrir. Contam suas vivências e situações de vida e buscam respostas no coordenador. Eles sozinhos parecem não conseguir pensar e criar novas situações.

No final desta reunião há insistência de continuidade naquele dia, mostrando a atemporalidade psíquica e negação das regras combinadas para funcionamento do grupo, apontando dificuldade de separação.

4.1.3. A Vivência do Coordenador

As intervenções da coordenadora, nesta primeira reunião, baseou-se principalmente no uso da observação e escuta, prestando atenção às experiências dos pais em relação aos filhos adolescentes e eles no grupo. Sentimos que proporcionou alívio das tensões e permitiu que acontecessem alguns movimentos grupais que foram ocorrendo espontaneamente, seja pela observância das regras básicas, seja por alguns questionamentos realizados pela coordenadora. Isto pareceu ser suficiente para as necessidades dos pais neste momento de início do grupo. Percebemos que trabalhar desta maneira, é oferecer aos pais não só uma chance de aliviar angústias, mas também desencadear à exposição de seu mundo interno, necessário para conseqüentes mudanças.

4.2. Sétima Reunião



As mães P3 e P4 avisaram a coordenadora que chegariam mais tarde em função de um outro compromisso e pediram para avisar o grupo. (Chegaram às 20:45. O grupo teve início às 20:15 hs).

(7.1) C - Podemos iniciar então.

P2 - Eu quero falar da minha filha. Eu quero entender uma coisa. Às vezes a gente briga, briga na conversa e faz parte. Se não tiver aquela bagunça... parece que faz parte. As coisas de desordem da filha, parece que você pode falar, falar que não adianta. Faz parte do crescimento deles esta briga constante com os pais. Faz parte e esta é a maneira dela participar nas coisas da casa, com a bagunça dela.

P1 - Parece que é a maneira deles quererem se mostrar diferentes.

(Vários falam juntos)

C - O que vocês acham disto?

P6 - Em cada etapa da vida vai tendo alguns problemas. Quando eram menores, com seus três anos, era mais fácil. Agora que estão na adolescência aparecem mais problemas. Eles parecem não ouvir a gente. São três filhos com idades muito próximas, então tudo o que acontece com um tem mais dois que vão reagir praticamente da mesma maneira. É muito difícil, tem hora que parece que não vou dar conta.

P5 - Ah! Eu não acho. A diferença grande de idade parece mais difícil porque quando você já passou por tudo, começa tudo de novo.

(7.2) P6 - Pensando nos pais talvez fosse melhor ter um só filho.

(Silêncio no grupo)

C - O que faz você pensar isto?

P6 - Eu fico vendo os problemas que minha mãe teve com cada filho. Eu sou filha única do primeiro casamento dela, mas depois teve mais dois filhos do segundo casamento. Cada um teve uma história mais complicada que o outro. Do lado do meu pai também tem mais dois.

C - E você conviveu com estes irmãos?

P6 - Com todos, mas era muito complicado.

(Silêncio)

P8 - Eu sou a filha mais velha e tenho uma irmã mais nova um ano, e um irmão com diferença de vinte e três anos. Ele é adotivo.

P2 - Nós éramos cinco filhos e a diferença de idade era de três a quatro anos. Eu sou caçula. A diferença da minha irmã comigo era de cinco anos.

P5 - Eu sinto falta de ter tido uma irmã. Hoje eu sinto mais falta. Eu tenho um irmão que praticamente eu cuidei como mãe. Minha mãe trabalhava e eu cuidava dele. Quando estava grávida e tive a I. eu queria muito ter uma irmã para poder ter seu apoio e companhia.

(Silêncio)

C - Por que será desta falta?

P5 - Acho que queria atenção, carinho, alguém que estivesse junto comigo. Seria muito bom!

P6 - É bom ter irmãos, mas não com idade muito próxima.

P5 - Vocês vêem como a história se repete. A I. queria muito ter uma irmã, pedia muito. Eu queria ter outro filho e acabei tendo, mesmo com uma diferença grande de idade entre eles, e foi muito bom. Eu acho importante ter irmãos. Eu vejo pela família do meu marido. Os irmãos brigam, brigam, mas sempre estão juntos, trocando idéias, conversando. Isto é muito bom!

Na minha família, pela distância de idade e talvez por ser homem, entre eu e meu irmão não existe muito o que compartilhar. Eu tenho a cunhada que hoje tem se aproximado mais de mim e da família. Eu vejo que ela pode vir a ser esta irmã que eu gostaria de ter. Mas eu sou uma pessoa de difícil acesso. Sou muito aberta, comunicativa, mas para falar de minhas coisas é mais difícil. Eu acho que meus problemas eu tenho que resolver, cada pessoa tem que resolver seus problemas. Eu acho que não deveria ser assim, mas... Por isto fica difícil às vezes alguém se aproximar e querer participar da minha vida. A I. é assim também, como eu.

P6 - Eu também sou assim. Acho que cada pessoa tem que resolver seus problemas.

P5 - Na família de meu marido um espirra, todos gritam "saúde"! Mas constantemente um está metendo o pau no outro, falando mal do outro. Mas, por exemplo, se o pai está doente, todo mundo esquece os conflitos e estão ali, juntos. Para mim, isto é família. São pura emoção. Eu não tenho isto rápido. A I. também é como eu, mais travada. O G. (filho menor) é mais rápido, como meu marido.

(Silêncio)

C - Vocês estão falando de vocês em suas famílias, que posição ocupam, como vêm a família. Alguém mais quer falar sobre isto?

P7 - Nós somos em quatorze irmãos, oito homens e sete mulheres. Morreram um irmão e duas irmãs. Eu sou a mais nova. Tem pessoas de todas as idades, com diferença de dois anos cada. A gente se dá bem. Tenho trinta e cinco sobrinhos e minha mãe tem quarenta bisnetos. É uma família muito grande.

P6 - Na família do meu marido é uma confusão. Brigam muito, são em muitos irmãos.

P8 - A minha família, fora meus pais e irmãos moram na F., do outro lado do planeta. Somente nós viemos para cá. Eu e minha irmã não nos damos muito bem. Agora a família do meu marido são em dez irmãos. Eles convivem muito juntos. Também têm problemas, brigas.

(7.3) P7 - Mas acho que briga sempre vai ter.

P5 - É, são aquelas brigas que passam logo. Na adolescência é assim, os irmãos brigam, brigam, mas passa uns dias já estão bem.

P7 - Eu queria muito mais filhas. Eu acho mais importante ter irmãs do que irmãos. A irmã faz companhia. O irmão não está nem aí.

C - Tuas irmãs foram mais companheiras?

P7 - Ah, sim!

(Silêncio)

P1 - Nós, em casa, somos em cinco. Três mulheres e dois homens, e eu sou a mais velha. Nós temos uma certa distância, porque eu moro em Atibaia. Tem uma em São Paulo e os outros no interior de São Paulo. Mas a gente se gosta, gostaríamos de estar na mesma cidade. Um liga para o outro, se preocupa. Tem uma proximidade muito grande. Eu quero passar isto para meus filhos, a importância da boa relação entre os irmãos. Na família do meu marido já não acontece assim. Eles são em três. Uma mora em São Paulo e um irmão aqui. Se vêm no Natal e ficam o ano inteiro sem se ver. Acho isto sem sentido, você vê que não há vínculos afetivos. Na minha família até os genros gostam da sogra. Tem vínculos mais gostosos.

(7.4) C - Tem um aspecto que a P5 trouxe sobre sua família e seu jeito de ser, de difícil acesso, e identificou isto em sua filha, este modo de ser. Vocês vêm, normalmente, aspectos de vocês parecidos nos filhos?

P7 - A minha filha, quando brigamos, ela diz: “Você está brigando comigo porque você está se vendo em mim”. Quando ela diz isto eu não concordo.

(Silêncio)

C - Ela diz que você está irritada porque você vê nela seu espelho?

P7 - É, mas eu não concordo.

P1 - Eu vejo meu filho muito parecido comigo: inseguro, baixa auto-estima. Eu não queria que eles tivessem de mim aquilo que eu não acho legal em mim. Mas eu tentei. Falando de espelho eu vejo que tem algumas coisas da minha mãe que eu sou tão parecida. Eu gostaria de falar mais o que penso e sinto. Mas entre eu e ela criou-se muita distância entre eu e ela em função do meu

relacionamento com meu pai. Havia muita disputa entre nós duas. Mas vejo que ela também é insegura como eu.

(7.5) P2 - Eu tenho três filhos maiores do primeiro casamento que hoje estão formados. Eu me afastei muito deles por causa da separação com a mãe deles. Mas, quando estávamos juntos, tentava passar para eles o senso de responsabilidade. Mas da mãe não havia muita orientação. Eles se tornaram muito inseguros. Eu ia visitá-los. Depois que cresceram a gente se aproximou mais. O mais velho está mais acertado, mas os dois menores têm muitos problemas. É difícil, eles não se ajeitaram até hoje. Foram os dois que ficaram mais para o lado da mãe. O mais velho fala muito comigo. Reconhece tudo que passei para ele.

(7.6) P7 - Será que vou ter que esperar tanto para minha filha ter algum reconhecimento?

(Todos riem)

P5 - Puxa, como tem que haver dedicação para com o filho! Quando você se torna pai e mãe é que você aprende a ser filho. Aí é que você dá o devido valor aos seus pais.

P1 - O erro é a gente esperar reconhecimento por parte dos filhos.

P5 - Não, não é esperar reconhecimento e agradecimento.

P7 - É que eles tenham consciência do que estão fazendo.

Sabe o que é, eu acho assim, por exemplo, quando você é adolescente se sua mãe não lava sua calça você fica “p” da vida. Se você não corresponde eles ficam muito bravos com você.

Agora, se você pede para eles deixarem a casa em ordem, eles não ajudam. Vocês vêem, eu fico muito preocupada quando eles vão na casa da minha mãe. Eu protejo ela, não quero que eles baguncem a casa dela. Eu estou protegendo a minha mãe, não a avó deles. Então eu vejo que hoje eu tenho cuidado com a minha mãe, com as coisas dela, coisas que eu não tinha tanta preocupação quando era adolescente. A partir do momento que tive meus filhos passei a dar mais valor à minha mãe. A gente fica esperando que um dia eles ajam desta maneira. É bem isto: você cuida para ser cuidado.

P8 - Isso vem com o tempo.

P5 - Vem com o tempo!

P1 - Eu, por exemplo, saí de uma cidade pequena e vim para São Paulo. Foi muito difícil, apesar de todo aparato que eu tinha. Fiquei longe dos pais e da família.

P7 - Quantos anos você tinha?

P1 - Tinha dezoito anos. Mesmo sabendo das dificuldades eu queria ir para São Paulo. Foi uma loucura. Fui morar na casa de uma família da mesma cidade, mas para mim foi super difícil. Faltava o colo dos pais, e passei a dar importância a coisas que antes passavam despercebidas.

Foi bom ter tido esta experiência. Tinha tantos planos, e fui esbarrando numa série de dificuldades. A gente enriquece muito.

P7 - A minha filha já tinha o gênio ruim quando morava aqui. Faz dois anos que está morando em Campinas, fazendo Faculdade, e acho que ela piorou. Eu achei que estando longe ela melhorava, mas não foi o que aconteceu.

P1 - Quantos anos tem?

P7 - Tem dezenove anos.

(Falam juntos)

P7 - Menino que eu achei que seria mais difícil, não foi o que aconteceu comigo. Não dá trabalho, tem o gênio bem melhor.

P8 - Mas ela está na adolescência também, não é?

(7.7) P7 - Mas até quando vai a adolescência? Ela teve um gênio bom até doze anos. Tudo o que eu fazia estava bom. Diferente da menor que desde pequena já não aceitava muito minhas opiniões no modo de vestir, por exemplo. E eu às vezes não deixava ela sair pela roupa que tinha escolhido. Com a mais velha sempre foi mais fácil na infância. Mas em compensação com treze anos deu uma virada. Às vezes eu estou falando ela me deixa falando sozinha. Não diz onde vai.

P1 - É difícil!

P7 - Nem ligar! Foi viajar na quinta feira e até agora não ligou. O outro não, liga todo dia, 3 vezes. Ele se preocupa com a gente.

P1 - Ele está onde?

P7 - Junto com a mais velha!

P5 - A gente espera ter retorno, não é? A expectativa que a gente tem é maior do que eles podem dar, pelo menos por enquanto.

(Silêncio)

P7 - Será que eles não param para pensar? Só cobram: "Mãe, você não comprou tal coisa". "Você não fez tal coisa".

(7.8) P5 - Com a idade a gente vai tomando consciência. Hoje os filhos pelo menos falam mais o que querem. A gente era mais reprimido. No seu caso, a sua adolescência parece que foi melhor, você teve um irmão, uma irmã, para dividir as coisas que acontecia com você. Eu não, eu fiquei sozinha, não tinha com quem dividir, inclusive minha raiva. Eu tive que abrir todos os meus caminhos e portas. Você teve com quem dividir.

P7 - Eu já encontrei as portas abertas.

(Todos riem)

P5 - Pra você houve só conquista. Pra mim foi no escuro. Foi muito difícil. Pra quem tem irmãos é mais fácil, não vai quebrar a cabeça, não vai cometer os mesmos erros que eles, certo?

P7 - Mas escuta. O que eu acho engraçado. No meu tempo o irmão ou irmã mais velha ajudavam. A minha parece que faz questão de não ajudar mesmo. Ela senta na mesa, come e sai.

C - E ela sempre teve o que sempre quis, de maneira fácil?

P7 - Eu acho que sim, porque como sempre tive empregada, eu acho que eles não precisavam fazer. Mas quando não está, custa dar uma força? Cada um fazer um pouquinho?

P5 - Mas, se a empregada não está, para eles quem deve fazer é a mãe.

P8 - O mais velho é assim, não ajuda. Ele é mandão. É deste tipo.

P7 - A gente trabalha a semana toda e no fim de semana você quer a colaboração dos filhos. Não acho justo.

(Falam em pares)

P6 - A gente tem que ensinar. O mais novo tem sete anos e se eu pedir ele ajuda.

(Falam em pares)

P8 - Eu queria colocar que o A. na sexta feira foi viajar para a praia. Pegou o meu carro e foi com o amigo. Coloquei para ele ir com o carro do amigo e ele não queria, fez o maior escândalo. Coloquei meus argumentos de que para mim era importante ficar com o carro. E eu acabei desistindo de tanto que ele encheu, e ainda diz “eu tenho direito”.

(Falam juntos)

P5 - O meu mais novo é um santo, talvez porque seja pequeno!

(7.9) P6 - Eu com quatorze anos já era independente. E foi horrível. Eu não tinha mãe, pai. Eu tive que me virar sozinha, ter minha independência.

P7 - Você trabalhava?

P6 - Não, eu tinha uma pensão.

P7 - Eu acho que os filhos enquanto dependem financeiramente de nós são ainda dependentes, e às vezes acham que são independentes porque moram sozinhos, em outra cidade.

P4 - Mas se mora sozinho é independente.

(7.10) P7 - Ah! Até eu queria ser independente assim. Papai e mamãe mandam o dinheiro, a comida!

P5 - É uma independência física!

P8 - É, eles não contabilizam que a gente está tendo gastos altos com eles. Mas se ele está trabalhando acho que tem direito de usar meu carro, por exemplo. Tanto que combinamos dele pagar metade da Faculdade, para ter responsabilidades.

C - O que observei no que vocês estão colocando é de que por boa parte da vida deles vocês oferecem muito, não cobram responsabilidades, e na adolescência parecem esperar que eles espontaneamente venham a colaborar com vocês.

P4 - Em casa foi sempre assim. Como não tenho empregada eu fui ensinando eles a fazerem as coisas.

P7 - Você foi ensinando?

P4 - É, hoje se eu saio para o trabalho, eles arrumam a cozinha. Arrumar a cama nem preciso falar mais, eles arrumam antes de sair, e a gente vê sobrinhos de 19-20 anos que dizem: "Que absurdo, tua mãe é uma carrasca, pelo amor de Deus". E eu pergunto: "Quem vai arrumar se não for eles?", e elas dizem: "A empregada!", e eu digo: "Mas eu não tenho empregada". Entenderam, eles se acostumaram com isto e não reclamam. O N. escreveu um bilhetezinho dizendo que a mãe é jóia, trabalha, faz natação, estuda comigo, ela é muito legal.

P1 - É como um condicionamento, não é?

P4 - É, já condicionou! Eles bem pequenos, eu e o pai trabalhávamos à noite. Chegávamos onze horas da noite, e eles tinham medo, mas eles foram acostumados.

(7.11) P5 - Tenho uma cunhada que tem três filhos e ela fez uma coisa que funciona na casa dela, que eu tentei fazer na minha e não deu certo. Eles fazem uma reunião familiar e decidem o que cada um vai fazer: um vai arrumar as camas, outro a cozinha e

vão mudando por semana as atividades. Eu tentei, mas não deu certo.

(Falam juntos)

P4 - Eu acho difícil você querer dar atividades para o filho adolescente se ele não for acostumado a ajudar.

P7 - Numas férias da empregada meus filhos perguntavam: “Quando ela volta?”.

P1 - Às vezes a gente não tem paciência de esperar eles fazerem.

P4 - Uma vez eu deixei eles fazerem depois de muitas horas. Eu tive firmeza de esperar.

(Falam juntos)

P6 - Eu peço para meus filhos arrumarem a cama. Eles não fazem do jeito que eu gosto ou faria, mas eu deixo.

P7 - E se eu tiver mais um filho, quem sabe?

P3 - As coisas que são deles eu cobro: passarinho, cachorro, se deixam as coisas deles uma bagunça eu jogo tudo para fora de casa, e eles têm que arrumar.

P7 - Eles têm que cuidar das coisas deles?

P3 - É. Se deixa chinelo, tênis, se largou... eu jogo no quintal. “Onde está?”, e eu digo: “No quintal”.

P1 - Minha mãe fazia esto!

P4 - Assim eles começam a guardar.

P1 - Eu não consigo, embora eu ache certo.

P5 - Tudo depende da pessoa. Eu mesma não consigo me organizar. Se tem um quarto bagunçado eu me incomodo tanto que não consigo nem arrumar o resto. O quarto de I. é uma bagunça e

agora eu parei até de olhar o quarto dela porque me deixa neurótica. Me incomoda muito.

P4 - Esta independência que eu falei dos meus filhos ocorre quando eu não estou em casa, porque se estou deixam tudo para mim. Eu quando estou em casa, eu não peço ajuda, eu mesma faço.

(Falam todos juntos sobre suas vivências)

C - Vocês acreditam que se não acostumaram os filhos na infância a ajudarem, depois fica difícil retomar?

P5 - Eu acho difícil!

(7.12) P1 - Sempre há uma esperança! Eu tenho uma irmã que era preguiçosa. A gente tinha o hábito de ajudar em casa e ela ia tentando fazer, mas no cômodo que ela estivesse ela limpava um pouquinho e deitava. Saía da escola e passava na casa das amigas. Até chegar em casa era uma viagem. A gente até comentava de como seria quando ela casasse. Gente, não dá para acreditar, é extremamente organizada, caprichosa.. Então eu me apego a isto e penso “quem sabe”.

P5 - Uma irmã do meu marido era terrível. Agora é uma super-mãe, a casa super cheirosa, as crianças muito bem cuidadas.

P4 - Eu já vi casa contrário na minha família, da mulher ser super organizada e colaboradora antes de casar e depois do casamento viram um relaxo.

P8 - O O. não é muito organizado, mas cuida direitinho do dinheiro dele.

P1 - O meu marido foi bem paparicado pela mãe, não fazia nada, e hoje ele ajuda em casa, é um ótimo cozinheiro, muito organizado. Isto me dá um alento!

(Todos riem)

P4 - Eu nunca fiz nada, nada. Fui cuidada por uma senhora que está comigo até hoje, porque minha mãe trabalhava. Hoje eu faço tudo, não tenho preguiça. Tenho uma prima que é o inverso. Desde pequena fazia tudo, agora não faz nada. Meu marido não fazia nada e continua assim.

P5 - É de personalidade de cada pessoa, não é?

P4 - Mas com meu marido acho que eu fui a culpada, porque quando os filhos eram pequenos ele tentava ajudar, se oferecia e eu não deixava. Acostumei mal.

P1 - A preocupação não é de diminuir o pai, eu tive sempre empregada e você quer poupar. Meu pai acostumou a gente mal. Eu nem passava minha roupa, minha mãe se matava, coitada. Quando eu fui morar sozinha eu percebi isto.

P5 - Eu tenho este defeito, eu acho que ninguém vai fazer melhor do que eu. É pura neura minha, doença. O azulejo tem que estar limpíssimo, o fogão a mesma coisa.

P7 - Eu acho que o outro faz melhor do que eu!

P5 - Eu não consigo nem ter empregada. Eu ficava junto e fazendo junto. No sábado fico o dia inteiro limpando casa e domingo coisas da escola. Com empregada é um problema porque a hora que ela vai embora eu vou refazendo as coisas. Eu sei que quando eu faço eu faço bem feito.

P4 - Me irrita chegar em casa e a empregada não estar fazendo as coisas do jeito que eu quero, por isto não tenho.

(Falam em pares)

P1 - Quando a gente está trabalhando fora não dá para ficar sem ninguém.

P3 - Eu sempre tive alguém para cuidar de mim e do meu irmão. Quando ele nasceu eu tinha 13 anos e eu tinha que ajudar a cuidar dele. Ele nasceu um dia depois do meu aniversário. Imagine como eu fiquei, morrendo de raiva. Fiquei de bico porque ele nasceu um dia depois do meu aniversário. Sempre tinha empregada em casa, não precisava fazer nada. Minha mãe tinha o mau hábito de colocar coisas debaixo da cama e eu odiava e jogava as coisas no quintal.

P7 - Você já tinha este hábito, então?

P4 - É verdade, minha mãe ficava louca da vida. Eu fazia de tudo para sair, porque eu ficava muito presa para ajudar a cuidar do meu irmão. Eu tinha que ajudar para poder sair. Eu digo para minha mãe e minha tia que os conselhos que me davam na adolescência não serviram para nada porque eu fazia o que bem entendia. Eu era bem rebelde, mas na frente deles tentava corresponder para poder sair, ir para a rua. E acreditam que entre F. e M. há diferença só de 3 dias na data de aniversário?

P7 - E você faz o aniversário deles junto?

(7.13) P4 - Quando eram pequenos sim. Hoje não temos o hábito de fazer festa de aniversário. Mas parece castigo, a história se repete.

C - Vocês vêem que muitas coisas se repetem.

P5 - Muitas coisas se repetem, não é? Eu me queixava de ter uma diferença grande de idade entre eu e meus irmãos, e agora tenho dois filhos com a mesma diferença.

P4 - Em casa só eu tenho direito de bater porta e quebrar coisas. Eles não fazem muito em casa, mas eu acho que uma hora isto vai acontecer, de assumirem responsabilidades. A M. é mais responsável do que o F. Foi tirar sua carteira de identidade e deu tudo certo. Ela já sabe fazer algumas coisas.

P1 - Eu já sou daquela que vai fazendo tudo. Agora como estou trabalhando acho que isto vai mudar, porque eu não estou tanto lá. É difícil conciliar tudo, trabalho fora, trabalho em casa.

(7.14) C - Já estamos no final da reunião, e eu proponho que vocês falem uma palavra que sintetize este encontro de hoje.

P3 - Eu encontrei um papel escondido na agenda do F. que eu achei interessante. Vou ler: “Às vezes você se sente como uma criança, e alguns momentos tudo lhe parece tão difícil e aí vem aquela saudade. Em outros você pensa que está com a razão que tudo sabe e quer, acha muito chato ter que dar tantas satisfações. São tantos altos e baixos e nem sempre você encontra alguém para desabafar e para ajudar você resolver aquele problema que deixou você olhando para o teto a noite inteira”. Acho que é bem isto a adolescência. Isto estava escondido e eu achei. Ele não chegou a me mostrar.

P4 - Aquele texto que fala do crescimento do filho. Que tudo passa, e nem percebemos.

P1 - Vou ler para vocês:

“Não é querer dizer que caminhei
melhor do que ninguém
Mas enquanto eu puder
Vou lutar para fazer de você
um homem de bem!
São tantos caminhos
que eu quero mostrar
o que é melhor para você ”

É isto que a gente quer, que sejam pessoas de caráter, de valores, que sejam felizes.

P5 - A gente esquece que os filhos têm sua própria personalidade, e que nem sempre vão ser do jeito que nós queremos que ele seja. Queria que minha filha fosse mais organizada, e que seguisse os modelos que eu idealizo. Mas não é assim! Cada um é um! E você vê o filho ficando diferente dos seus modelos.

P3 - Eu acho que primeiro a gente tem que mudar nosso jeito para depois querer algo do adolescente.

P2 - A gente tem que saber respeitar o espaço deles, independente de nossas frustrações. Eles têm que ter seu próprio espaço.

P8 - Eles têm que ter o espaço deles, mas aprender a respeitar o espaço do outro.

C - Pelo que vocês estão colocando, é importante olhar para si e para o filho.

P3 - É, não dá para cobrarmos do filho se não cobramos de nós mesmos.

P7 - Esperança. Até quando não sei.

C - Vamos encerrar então? Até a próxima semana.

4.2.1 - Análise da Relação dos Pais com seus Filhos

Nesta reunião, após já terem caminhado por um tempo juntos, parecem sentir-se mais confiantes para falarem de aspectos mais profundos de suas vidas com os filhos.

A fala de um pai (P2) mostrando o jeito de ser de sua filha, muito bagunceira, que é muito diferente do modo que ensina, faz com que uma mãe (P1) perceba que o adolescente tem um

modo diferente de ser, mesmo sendo ensinado de determinada maneira, tem seu jeito próprio de ser, diferente dos pais **(7.1)**.

Estas falas remetem aos outros pais apontarem como é difícil lidar com tanta diversidade, com estas experiências múltiplas, principalmente quando se tem mais de um filho com idades próximas ou distantes. Que, independente da educação e cuidado que oferecem, vão agir de maneiras diferentes das esperadas por eles pais. Estes relatos fazem que pensem na própria infância e adolescência, e como foi para cada um ter irmãos, ou não, se houve diferença entre um e outro em suas vivências, e chegam à conclusão de que é bom ter irmãos para compartilhar suas vidas, e que deve ser bom também para os filhos terem irmãos, assim podem não se sentir tão sozinhos em seu crescimento. Eles, pais, sentem-se muito sós nesta tarefa com os filhos, mesmo sendo casados, mostram que há necessidade de compartilhar as vivências da relação pais-filhos com outras pessoas, seja irmão, seja o parceiro conjugal, que sozinho fica muito difícil **(7.2)**.

Uma mãe (P6) coloca que pensando do lado dos pais seria melhor ter um único filho, apontando que isto ajudaria a ter menos sofrimento.

Uma temática que se desenvolve é dos irmãos que brigam, entre eles e com os pais **(7.3)**, e isto nos remete a pensar se os pais lidam com seus filhos como irmãos, como iguais, e se for esta a maneira de se relacionar pode haver muita inveja, competição, ciúme, medo, sentimentos típicos entre irmãos. Nesta fase da adolescência dos filhos, os pais parecem ficar confusos quanto ao seu papel de cuidadores.

A partir do momento em que coordenador ressalta a fala de uma mãe (P5) quanto a filha ser parecida com ela em alguns

aspectos, os pais reagem primeiramente dizendo que não vêm desta forma, mas outros vão identificando aspectos seus nos filhos. Isto parece trazer para eles a percepção de que muito do que passaram para os filhos está neles, mas com características próprias, afinal, são seres diferentes **(7.4)**. Saem de um posição esquizo-paranóide para uma posição depressiva quando percebem que são diferentes dos filhos, ainda que haja aspectos parecidos. Vão percebendo que além de serem pais e filhos separados, cada um dos filhos têm suas próprias qualidades **(7.5)**.

Um pai (P2) relata a experiência com dois casamentos que resultaram em separação, e como foi difícil lidar com os filhos, já que não tinha o controle de quando eles viviam junto dele. Esta fala nos remete a pensar que o que pode amedrontar muito os pais em relação aos filhos e esta perda de controle sobre eles, se eles crescem e se diferenciam, eles perdem o controle que pensavam ter sobre a vida deles e seu mundo mental. O filho vai deixando de ser uma tela de projeções dos pais, onde pode ser atacado, idealizado. Vai deixando de ser um prolongamento, um espelho dos pais, e isto parece provocar muitas ansiedades: de solidão, de perda de amor, de aniquilamento **(7.5)**. Esta seria a possibilidade de buscarmos mecanismos mais maduros para lidarem com os filhos: cuidados à distância, lidar com as diferenças aceitando-as, preocupar-se com o crescimento dando boas oportunidades de buscar dos filhos, dar responsabilidades e limites (Cassorla,1981). O autor lembra que na adolescência o indivíduo revive o processo de separação vivido na infância, onde passa de uma relação simbiótica para discriminação como ser único e indivisível. Os pais sofrem com este processo, tanto na infância como na adolescência dos filhos. Isto mobiliza aspectos infantis dos próprios pais, que os impedem de terem atitudes mais

maduras com os filhos: entram em competição, como irmãos, ou tentam controlar com atitudes autoritárias.

Percebem que tem que haver paciência neste processo, que há tempo para as relações se tornarem satisfatórias. Que o valor e reconhecimento dos filhos para com os pais se evidencia na fase adulta deles, assim como eles tiveram em relação aos próprios pais **(7.6)**. Há uma certa revolta dos pais em perceberem que os filhos não demonstram agradecimento pelos esforços que fazem para educá-los, e que não têm condições, neste momento de vida, de oferecer aquilo que precisam: reconhecimento e valorização.

Questionam quanto tempo dura a adolescência mostrando-se ansiosos com este tempo que parece tão longo e tão difícil de ser vivido **(7.7)**. Isto leva os pais a falarem novamente da diferenças entre os filhos, que cada um tem um modo próprio de ser, sendo assim a relação entre eles não é linear, igual, pois são todos diferentes.

Uma mãe (P5) aponta que com a idade vai havendo um processo de conscientização, que as experiências e reflexões sobre elas vão possibilitando maneiras mais satisfatórias de relacionamento. Mostra que os pais precisam amadurecer para assumirem a paternidade com mais tranquilidade e o quanto é difícil o reconhecimento da subjetividade de dois sujeitos **(7.8)**.

Falam da independência ou dependência que tiveram em sua adolescência **(7.9)**, mostrando as vantagens e desvantagens destes processos. Uma mãe (P7) coloca que se o filho precisa do dinheiro do pai ele não é independente, e outra mãe (P4) discorda falando que há tipos de independência, pode não haver independência financeira, mas física e mental.

Questionam, então, o que é independência e dependência do adolescente, o que precisam deles, pais, e o que não precisam. Uma mãe (P7) mostra-se insatisfeita com esta condição de provedora de uma independência dos filhos, busca compreender esta relação a partir da fala dos outros pais que parecem compreender este paradoxo **(7.10)**.

Outro aspecto que trazem é que não há uma regra para o funcionamento das famílias, cada uma tem que encontrar a sua maneira a partir das individualidades que compõem a família **(7.11)**. Há diferenças entre as pessoas de uma família, e desta família com outras famílias, ou seja, precisam sair desta posição de fusão, onde todos ficam misturados e confundidos, para uma posição diferenciada, onde cada pessoa tem seu modo de ser único.

Percebem que se há um modo de ser do filho, e isto não quer dizer que vai ser sempre assim. P1 relata uma experiência com sua irmã que era tão preguiçosa e hoje é uma pessoa exemplar e caprichosa **(7.12)**. Isto faz com que os pais do grupo mostrem esperança de que os filhos atenderão suas expectativas em outros momentos de suas vidas, quando não forem mais adolescentes.

Mostram a atemporalidade deles para mostrar a atemporalidade dos filhos adolescentes. No momento que mais querem estar próximos dos filhos, eles querem estar distantes, querem ser diferentes.

Falam das repetições que vão ocorrendo na vivência deles com seus pais, e agora com seus filhos, que parece então ser um processo comum o que vivenciam, que há características e

vivências comuns na adolescência e que precisam reconhecer isto em suas vidas para compreenderem os próprios filhos **(7.13)**.

No final da reunião a coordenadora propõe que digam uma palavra que sintetize aquela reunião, e isto desencadeia uma série de falas que mostram que neste momento estão tendo maior clareza de que precisam olhar os filhos como seres que independem deles, que são diferentes **(7.14)**.

4.2.2.- Análise da Relação dos Pais no Processo Grupal

Os pais no grupo começam a perceber que há diferenças entre as pessoas, saem da posição esquizo-paranóide, onde todos são iguais e indiscriminados, para uma posição depressiva, onde podem olhar para o outro, com suas próprias características, como seres independentes. Isto gera no grupo uma ansiedade de solidão: se são diferentes, podem não depender um do outro para existir. Desencadeiam-se, então, falas que apontam a impotência diante da solidão, então mostram a necessidade de ter irmãos para compartilhar, brigar, conversar, existir.

À medida em que um pai (P2) fala de sua vivência com a filha, dos conflitos que existem nesta relação, pelas diferenças de atitudes que um e outro têm, mostra o quanto sente-se sozinho. Ele é separado e tem que cuidar da filha sozinho, e mostra o quanto isto é difícil. De alguma maneira aponta que ali, no grupo, todos estão sozinhos. A mensagem implícita parece ser: “Eu não tenho esposa e vocês não têm marido”. No grupo, embora todas as mães sejam casadas, nenhum marido quis participar do grupo.

Parecem transmitir que precisam de apoio para se desenvolverem e crescerem, que é muito difícil estar só. Parece haver um questionamento, desencadeado por P2, de que se é possível cuidar de um filho adolescente sozinho, ou se é melhor em grupo. E vão mostrar na vivência grupal a necessidade de terem irmãos para compartilhar os cuidados. Cada participante relembra suas experiências como irmãos, em que posição estava em relação aos outros, e as vantagens e desvantagens quanto à diferença de idade, de sexo. Isto nos remete a lembrar da fala de Anzieu (1994) quando se refere ao grupo comparando-o a uma família. Ocorrem projeções no grupo, e cada membro vai despertar algo no outro: mãe, pai, avô, irmão. Isto pode possibilitar que eles revivam antigos sentimentos, melhorando a compreensão de como foi estruturado seu mundo mental. No grupo eles podem lembrar suas próprias vidas, na infância e na adolescência, mobilizando aspectos infantis dos próprios pais. Relembrar suas posições dentro da família, em relação aos irmãos, parece atualizá-los com a vivência de pais, questionando se tiveram o número de filhos adequado, se a diferença de idade foi adequada, se isto pode dificultar a relação deles com os próprios filhos.

Neste momento do processo de trabalho há um vínculo entre o grupo e a coordenadora, com uma grande necessidade de orientação. Parecem procurar respostas imediatas para todos estes questionamentos.

Mostram que não conseguem atuar como adultos o tempo todo, que precisam tornar-se crianças ou adolescentes, revivendo estes momentos para compreenderem seus filhos. Para Maldonado (1986) “o desenvolvimento emocional implica num jogo

de progressões e regressões que auxiliam numa reestruturação psíquica”.

Bion (1975) fala da complexidade da vida em grupo, onde o adulto lança mão de mecanismos regressivos para evitar a dor. Apresenta o pressuposto básico de luta e fuga, onde as pessoas para evitarem as suas dificuldades atuais tentam fugir, relembrando fatos de outros momentos de sua vida, como ocorreu neste grupo.

Estas vivências continuam mostrando que precisam de apoio e esperam ser atendidos pela coordenadora, mas de uma forma idealizada, não querem estar sós, pois sentem como muito difícil. Para Mello Filho (1989) o espaço grupal pode ser comparado ao colo materno, um lugar seguro que os ajude a pensar e desenvolver. As pessoas têm necessidade de rever seus aspectos infantis e sua fase de dependência para passar para uma etapa de separação e individuação.

Cria-se um paradoxo, precisam se separar mas são dependentes, assim como os filhos adolescentes. Falam de famílias grandes e como isto é bom (P7), há sensação de maior proteção.

Ao ser falado pelo coordenador se vêem aspectos deles parecidos nos filhos, o grupo tem uma mudança de movimento, deixam de falar deles para falarem dos filhos. Alguns identificam semelhanças entre características dos filhos e deles próprios, como se fossem espelhos. A nível grupal é despertado o desejo de viver uma ilusão grupal, descrita por Anzieu (1994), onde todos são iguais, não há diferenças e, conseqüentemente, não há conflitos. Anzieu e Martin (1971) falam do imaginário grupal e diz que na vida psíquica existem representações reais e imaginárias.

Um é espelho do outro, e assim não ficam ameaçados pelo que é diferente, ou seja, aquilo que faria com que refletissem e pensassem sobre suas próprias vidas. Regridem e parecem pedir por um relacionamento suave, sem conflitos, diferente dos estabelecidos em suas relações interpessoais. Mostram-se identificados com os filhos e parece-nos identificados com os integrantes do grupo: somos iguais.

Um pai (P2) traz novamente a questão da separação, a diferença que há entre as pessoas e o sofrimento decorrente destas vivências. Querem sentir-se amados e reconhecidos no grupo; emerge uma ansiedade de perda de amor, ou seja, se tornarem-se diferenciados, podem não ser mais reconhecidos e amados. Vai havendo uma percepção de que para crescerem psiquicamente precisam se separar e não depender do outro. Uma mãe (P7) coloca em dúvida se a separação traz realmente benefícios e isto faz com que outra mãe (P5) diga que é fundamental ter irmãos para poder aprender com as experiências deles e não cometer os mesmos erros, voltando a uma posição de dependência. Neste processo grupal os integrantes são repetitivos, mostram-se com dificuldade para lidar com as situações de vida e com o seu próprio desenvolvimento. Mostram uma luta entre crescer psiquicamente para deixar de ser um grupo infantil, e deixar que o novo apareça. Continuam mostrando que precisam de apoio para crescerem, cada um no seu ritmo. Um pai fala de crescimento, diferenciação. Outro fala de dependência, apoio. É um movimento oscilante entre aspectos psíquicos infantis e a luta para o amadurecimento. É o entrar na posição depressiva para poder haver discriminação, diferenciação e crescimento.

Começam a apontar que o amadurecimento é fruto das experiências que vão sendo assimiladas, mas neste momento mostram que ainda não estão preparados para este aprofundamento. Segundo Bion (1975) o “aprender com a experiência” pode representar uma aversão total e falta de fé no valor dessa aprendizagem, evitando as dores do sofrimento.

Continuam falando que quando há colaboração de todos fica mais suave desenvolver-se, que sozinhos sentem-se confusos, desorganizados. Projetam no grupo esta confusão mental: é melhor só ou com irmão?

A fantasia grupal mostra que o grupo sofre para atingir um funcionamento mental mais maduro, que implica entrar em contato com o aqui e agora como pais e não como filhos. Como bem coloca Alves (1990), mesmo as pessoas estando na fase adulta continuam a solicitar os cuidados do pai e mãe, e faz pensar que nas mentes existe um *imenso maternal vazio*.

Percebemos que existe um desejo grupal de atingir um equilíbrio, mas colocam-se ora na posição passiva de busca de respostas através dos outros, ora as respostas estão neles próprios, em suas próprias experiências.

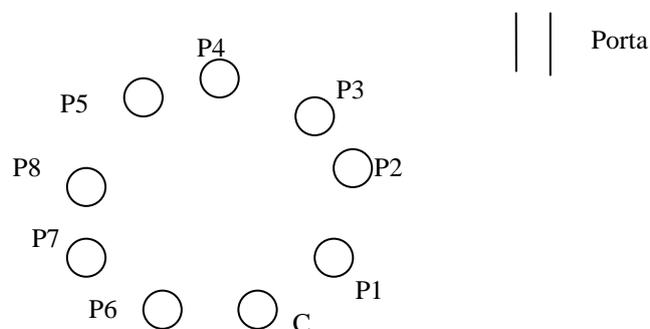
Esses movimentos nos mostram que a dinâmica grupal sofre alterações constantes, de progressão e regressão (Coelho, 1995), e neste inter-jogo é possível a transformação.

4.1.3. A Vivência do Coordenador

Nesta reunião, a coordenadora valorizou as comunicações verbais, propondo aprofundamento das questões e vivências levantadas pelos pais, levando-os à pensarem e refletirem. Fez assinalamentos no aqui- agora e nos entraves para diminuir as dificuldades de prosseguimento e criando alternativas de aprendizado. Pelo pedido constante de respostas dirigidas à coordenadora, fruto de uma dependência do grupo, a mesma pareceu atender ao apelo, deixando de apontar as diferenças no próprio grupo: falar da diferença entre pais e filhos e entre os próprios filhos, é poder falar da busca de identidade como pessoas e pais.

Observamos que cada um tem a necessidade de mostrar as cenas de seu vivido, de sua relação e percepção dos filhos, e da sua própria história como adolescentes. Isto nos faz pensar naquilo que Bion (1991) denominou de *paciência histórica*, que os terapeutas devem ter para compreender e acompanhar seus pacientes.

4.3 - Décima Primeira Reunião



(P1 chegou meia hora atrasada)

C - Podemos começar a reunião, pois já estamos no horário.

P4 - P1 avisou que não vem ?

C - Não, mas podemos iniciar.

(11.1) P4- O O. quando pequeno queria porque queria o “Kit Frit”, sabe aquele brinquedo de fazer comidinha? Ele queria aquilo. Minha irmã falou que se ele queria devia ser dado, está até hoje este negócio em casa.

P6 - É, eu conheço esta história. Um amiguinho dos meus filhos queria porque queria um ursinho, parecido com o da minha filha. Me deu vontade de dar, mas fiquei preocupada com a reação da mãe, pois ela não é uma pessoa esclarecida. Com meus filhos não tem problema quanto à escolha de algum brinquedo, que fosse considerado, socialmente, como de menina. Acredito que não é isso que vai fazer um filho virar “bicha”.

P5 - Eu acho que não tem nada de mais. Os meninos também gostam de bichinhos e até boneca. Meu filho ganhou um macaco de pelúcia e foi um auge. Outros meninos também queriam.

P4 - Meu filho adora ficar com o urso dele na cama. Eu não vejo problema nisto.

(11.2) P5 - É, e o urso é um brinquedo neutro. Ainda se o menino fica querendo uma Barbie vestida de noiva, é outra coisa. Aí, eu acho que seria algo preocupante. Eu ficaria preocupada se meu filho quisesse uma Barbie!

(Falam todos juntos)

C - Parece que há uma preocupação da parte de vocês quanto à sexualidade dos filhos, e isto parece deixá-los preocupados.

(Silêncio)

(11.3) P8 - É, estamos chegando ao final do grupo de pais, final do semestre! Estou um pouco cansada.

P7 - Poxa! E a P1 será que não vem? Estou sentindo falta dela.

P4 - Ela já chega! Esta chuva deve ter atrapalhado.

(Falam juntos por uns três minutos ficando difícil de discriminar cada fala).

(11.4) P5 - No final do semestre já me sinto bem cansada. Cada criança na escola tem uma história que a gente acompanha de perto, os sucessos e os fracassos. Para quem se envolve como eu, fica bastante desgastante. Já fico pensando em quando estas crianças forem embora, e choro. Eu me ligo muito nelas. Todo fim de ano, eu choro muito por ter que me separar delas. E é muito interessante que quando elas saem da 4^a. série, que é o ano que eu leciono, no ano seguinte eles me procuram muito no 1^o semestre, depois isto vai mudando. Eu sofro demais com a despedida.

P4 - Acho que é porque você gosta de ser professora, porque tem gente que não está nem aí, não vê a hora que termine o ano.

P5 - Eu sinto pena de fazer a última prova. É ridículo fazer a última coisa. Não é?

P7 - Mas não pode pensar que é a última!

P5- Mas pra mim fica sendo a última. É mais difícil que uma gestação. Acho que é pior!

C - Como assim P5, como você sente isso?

P5 - Quando o bebê está na sua barriga, você não tem aquele contato físico. A criança já não! Eu acho que você se envolve demais, demais.

P7 - Quantos alunos você tem?

P5 - Eu fiz trinta e nove anos.

P7 - Não, quantos alunos?

(Risos)

P5 - Eu entendi, quantos anos.

(Risos)

P8 - Não, ela disse quantos alunos.

P7 - Ah, tenho vinte e dois alunos.

(Silêncio)

(11.5) P6 - Eu fiquei pensando como tem mãe que tem coragem de abandonar o filho. Eu fiquei pensando numa criança que às vezes fica em casa e que a mãe não dá a mínima bola para ela.

P5 - Abandonar como?

P6 - Não dar os cuidados necessários, ou largar ou dar para outras pessoas, em todos os sentidos.

(Silêncio)

P6 - Por exemplo, esta criança não é nada minha, assim como a P5 com seus alunos. Esta criança fica direto lá em casa, passou este semestre praticamente comigo. Tem mãe que não dá a mínima para o filho, não liga, e esta mulher vai mandar esta criança para o Ceará, para ficar com a família dela.

(11.6) P4 - Vocês viram no jornal uma menina que foi agredida pelo pai e morreu? A mãe deixou a filha com o pai, tinha se desligado da filha, depois saiu no jornal que o pai agredia a filha, e que na última agressão ela tinha morrido. Que coisa horrível!

P7 - Eu soube desta história, e até comentei com minha empregada que conhece a mãe desta menina. Ainda falei se esta mulher sabia que o ex-marido era agressivo porque deixou a filha com ele.

P4 - É uma história horrível mesmo. Numa agressão a menina, de três anos, bateu a cabeça e ele deixou-a sozinha. Morreu sozinha... Que sofrimento... Vocês não viram no jornal?

P8 - Eu não vi!

P6 - Disse que ele queimava a menina com o cigarro.

P7 - É, disse que sempre fazia isto com a menina. Na polícia ele falou que pôs o cigarro aceso nela para ver se reanimava ela, para ver se ela estava viva. Esta tragédia aconteceu de manhã e somente às cinco horas da tarde ele foi buscar ajuda.

P3 - Que absurdo!

P4 - Saiu no "Atibaiense" a foto.

C - Vocês falaram de muitas separações, dos alunos, dos filhos e também de morte.

(11.7) P8 - É muito duro se separar mesmo, ver os filhos indo embora de sua vida, não precisando mais de você como precisava.

P6 - Eu fico pensando nesta menina que vai embora, eu já estou sofrendo com a partida dela.

P4 - Mas ela morou com você?

P6 - Não, mas passa o dia em casa, praticamente. Ela vai no sábado embora para o Ceará. Isto está mexendo demais com

todos lá em casa, todos se apegaram. Nunca mais vou deixar que isto aconteça!

P7 - Mas P6, porque você coloca como algo tão horrível. O que você pode fazer para esta criança vai junto com ela. Com o tempo, você vai se adaptando em estar longe dela. A vida é assim!

P6 - Mas o que se passa na hora não é fácil. Dói muito, eu me apeguei a ela.

(11.8) P5 - Um aluno veio pedir opinião se devia cortar o cabelo ou não, pois queria passar gel e não dava certo. Eu falei que para passar o gel tinha que cortar um pouco o cabelo, aí ele disse que não. Quando passou o gel, viu que ficou horrível e achava melhor cortar o cabelo, como eu havia falado. Cortou como eu queria!

P7 - Eles te chamam de tia, P5?

P5 - Ah! De tia, avó, mãe, pai, depende com quem eles convivem mais. Quando percebem, falam “professora”.

P4 - Depende de quem estão mais juntos.

P5 - É íntimo, não é?

(11.9) P3 - Faz parte de nossa evolução a separação. Não há como segurar. É algo natural! É norma, e a gente tem que se preparar para as separações.

P5 - Será que para os filhos também é difícil? Será que é? Deve ser, não é?

P7 - Eu acho que para eles é mais fácil.

P6 - Eu acho que não. Peguei meu filho chorando no banho e ele me disse que já estava com saudade da Li., não queria que ela fosse embora. Eles sentem também as separações.

C - Vocês acham que o adulto sofre mais que a criança e o adolescente?

P7 - Eu acho que para a criança as coisas são mais fáceis. Elas têm quem os proteja. Ao mesmo tempo que se interessam por algo, daqui a pouco, não mais.

P6 - É, mas eles sentem, sim!

P7 - A criança está envolvida com tantas coisas.

(11.10) P3 - Quando meu irmão morreu, há quatro anos, a M. não pareceu sentir ou entender o que estava acontecendo. O F. chorou, já tinha condições de compreender mais esta perda. Ficou triste. Explicamos que foi acidente, e ele queria saber detalhes do acidente, e nós também não sabíamos com clareza porque o caixão veio lacrado. Quando chegou o atestado de óbito, explicamos um pouco mais, e ele perguntava se o tio não voltaria, sempre perguntava. Parece que eles não tinham muita noção.

P7 - Mas eram bem menores. Acho que nesta etapa da vida, entre quatro e oito anos ainda não têm muito a noção de morte desta perda.

P3 - A M. perguntava quando o tio ia vir, parece que não compreendia bem o que estava passando, o que tinha acontecido.

P8 - É, o sentido de morte para a criança, não é fácil de entender.

P3 - A criança parece que quer buscar respostas, compreender o que aconteceu. O adulto se fecha.

P8 - Mas o adulto já entende, a criança não.

(Silêncio)

(11.11) P2 - Eu tive duas separações conjugais, e me separei de dois filhos. Aparentemente parecia que não teria problema com os filhos. Os mais velhos aceitaram bem, mas o caçula ficou

baqueado mesmo. Foi mal na escola, mas depois, com o tempo, foi se adaptando. Mas é duro separação! Sofri muito com isto.

P5 - Por mais que se tenha clareza, é difícil qualquer tipo de separação.

P6 - Eu também acho. Eu já passei por muitos tipos de separação e qualquer um deles é terrível para qualquer pessoa. Por mais durona que a pessoa seja, por mais que ignore as coisas, eu acho difícil.

P4 - Assim, eu não sei do tipo que ela esta falando, separar de amigo, eu não tive esta experiência, porque em casa nós não temos muito contato de levar amigo em casa, por falta de tempo, né. E nem eles, meus filhos trazem amigos em casa ou vão na casa de outros, por falta de tempo. Eu não tive estas experiências, mas tenho impressão que seja difícil, toda separação é...

P6 - Eu acho que separação depende da situação. No caso separação de pais e filhos é muito dolorosa. E o caso da Li., pra quem conheceu a vida dela e pra quem conhece hoje, está indo para algo totalmente incerto, você não sabe o que vai acontecer com ela. Não é tanto a separação em si, mas é o que vai acontecer com esta pessoa.

C - Vocês estão falando que a separação dói muito, seja qual for, e que há uma perda de controle sobre a vida do outro, e isto os deixa tristes, inseguros, preocupados.

P8 - Meu caso agora é que meu filho vai ficar sozinho. Se acontecer alguma coisa, ele pode ligar, mas eu vou estar longe. Eu estou com medo de vontade de ficar. Ficou preocupada. Se ele vai se virar sem a gente.

(11.12) P3 - É muito duro separar! Quando a M. nasceu, o F. ficou uma semana sem olhar para minha cara. Eu queria morrer, eu queria devolver a M., foi muito duro aquilo para mim.

P7 - Quanto tempo a diferença?

P3 - Três anos e três dias, ele não olhava para minha cara. Eu morava em frente da minha mãe. Então ele catava as coisas dele e ia para minha mãe. Ele não ia me ver. É duro. Não sei se é uma rejeição ou achou que eu estava colocando alguém no lugar dele.

P5 - É para chamar atenção, também.

P3 - Eu cheguei do hospital com M., coloquei-a no quarto e fui atrás dele. Sabe, eu estava consciente de que ela precisava de mama e fralda, e ele precisava mais de carinho. Mas foi totalmente ao contrário.

P7 - E ele com ela, o teu filho com a nenê?

P3 - No começo, ele ficava meio assim, não ia muito até ela. A M. teve muitos problemas de saúde, então ela ia dormir na minha mãe ou sogra, para a gente dormir. Ele se queixava falando: "Como esta minha irmã chora, ela enche o saco, vamos devolver". Depois ele escolheu o nome dela, a roupinha dela, a chuquinha.

P8 - O convívio foi mudando, não é?

P3 - Depois foram tendo as brigas normais de irmãos.

(Silêncio)

P3 - Sem ter motivo. A M. provoca muito.

P8 - Acho que sempre tem motivo para as brigas, dentro das razões dele.

P5 - Minha filha ficava olhando o irmão, se preocupava com ele, queria ajudar a cuidar. O nenê pisca menos que a gente,

e ela ficava preocupada e perguntava se ele não tinha problema, ficava tentando imitá-lo, sem piscar e dizia que não conseguia.

Mas pra ela, quando ele era nenê, não tinha problema. Agora ela já briga mais com ele. Não gosta que ele mecha em suas coisas. Ela se queixa dizendo: “Eu queria ter um irmão para brincar comigo, não esta coisa chata”.

(11.13) C - Vocês estão falando de como é difícil separar, e o quanto isto nos deixa angustiados, e ter irmãos parece aliviar um pouco nosso sofrimento, ter parceiros para dividir nossas dúvidas e experiências.

P5 - É, mas no relacionamento com irmãos também há dificuldades, há separações...

C - Parecem falar também da separação deste grupo, estamos na penúltima reunião, está acabando e vamos nos separar. Vocês querem falar mais sobre isto?

P3 - Este momento que nós vivemos aqui no grupo foi muito bom para mim. Eu sou muito assim, eu não sou de ouvir e ficar quieta, é meu temperamento. Meu maior conflito com meus filhos, às vezes é em função deste meu jeito, e adolescente não gosta que você fica contradizendo tudo. É isto, eu pude aprender aqui a ouvir, a pensar antes de falar. Ontem o N. foi na minha mãe e disse que iria trabalhar, numa boa. Foi eu chegar, ele já começou a dizer que não iria trabalhar nas férias. Minha mãe até comentou comigo, que só foi eu chegar para ele querer se opor. Em outros tempos, eu iria ficar falando: “Você vai e acabou”. E desta vez eu peguei, fui andar de bicicleta com ele, e falei que a gente conversaria sobre isto. Andando de bicicleta ele foi me dizendo que não iria trabalhar, falou... falou... e uma hora parou. Eu fiquei tranqüila, não fiquei questionando. No outro dia, ele levantou, acordou sozinho, e foi ajudar o pai na farmácia, sem se

queixar. Depois, eu comentei com ele: “N., não foi melhor você ir trabalhar agora que a mamãe está trabalhando também do que em janeiro, que eu vou ter férias e nós podemos viajar?”

Eu acho que eu aprendi com o grupo a compreender mais o adolescente, não me desgastar com coisas infrutíferas. Estas coisas me ajudaram muito. Algumas vezes eu estou fazendo alguma coisa com eles, aí eu lembro do grupo, das experiências relatadas e principalmente “pensar antes de agir e ouvir mais antes de falar”, pois eu não tinha esta percepção. Meu marido mesmo sempre questionou este meu jeito de ir interrompendo os filhos, questionando demais. Então, foram coisas que me serviram muito, ajudou eu a compreender mais meus filhos e a mim mesma. E é gostoso falar sobre os filhos, experiências e tal. O contato com o grupo me fez entrar em contato com coisas minhas que estavam escondidas e me ajudou a compreender muitos pontos relacionados ao adolescente.

P3 - No meu modo de pensar, sempre tenho que não estou criando o F. e a M. para mim, estou criando para o mundo. Eu não coloco medos neles, eu coloco o que eu acho certo ou errado. Eu acho que a gente passa muito os nossos medos para as crianças, e isto eu sempre tentei evitar. O que aconteceu comigo na adolescência eu tentava passar isto como experiência, e esqueci que eles são pessoas diferentes de mim, que eu tentava moldar da minha forma. Eu acho que não é por aí. Hoje eu pergunto mais “o que você quer”. Não é o “que eu quero”. Eu não conseguia, eu impunha minhas vontades e eles faziam, eu queria moldá-los. Agora tem perguntas para eu saber dos desejos deles. A família é equilíbrio de pai e mãe, tem que ter uma coerência. O grupo pra mim foi muito importante, pra mim foram aulas de vida,

os relatos de cada um fizeram com que eu olhasse para mim mesma. Ninguém tem um problema igual ao outro.

P1 - É como os filhos, cada um é diferente do outro. Com temperamentos diferentes, necessidades diferentes.

P3 - É verdade!

(Silêncio)

P7 - Não tem muito que falar... A única coisa que eu acho, é que precisamos continuar trabalhando. Agindo e pensando sobre as experiências vividas e ter muita paciência. Um dia, dá para chegar em algum lugar. Às vezes, não é o lugar que a gente queria.

C - Que espaço é este que você se refere?

P7 - Este espaço. Está tão gostoso. É um momento que você se organiza para tratar de coisas tão importantes.

P3 - É um espaço para você!

P5 - O que foi melhor para mim, é que eu sou muito bocuda, e nossa, gente, isto aqui foi um segredo pra mim. Foi a primeira vez que tive esta experiência.

(Todos riem)

P7 - Guardou segredo?

P5 - Ninguém sabe o que eu faço aqui.

P8 - É verdade !

P5 - Fora daqui não comentávamos sobre os acontecimentos do grupo. Foi a primeira vez na minha vida que eu consegui guardar um segredo.

P7 - Sempre é tempo, não é?

P5 - Olha não conversei com ninguém sobre os acontecimentos do grupo! Eu estou besta! Para mim este grupo acontece neste dia, é um aprendizado para mim.

P3 - Coisas que acontecem no dia a dia. Às vezes, você vai ter uma atitude, aí lembra de coisas que vivemos aqui, e já age de maneira diferente.

P4 - É o pensar antes de agir.

(11.14) C - Vocês estão falando de um respeito ao contrato que fizemos inicialmente, de não comentarem entre vocês assuntos do grupo, ou que trouxessem para o grupo, caso acontecesse. Vocês puderam preservar o próprio grupo.

P5 - É como com os filhos, a gente precisa combinar coisas com eles, fazer contratos.

(Todos riem)

P5 - É uma forma de dar limites!

P3 - É verdade.

P8 - É uma estrada onde cada um tem um tipo de vida, uma vida familiar, cada um tem um tipo de educação, uma esperança para os filhos, mas no fim eu senti, que todo mundo tem um ponto comum, muita esperança.

P7 - Muita esperança, muita esperança!

P8 - Que de um jeito ou de outro...

P4 - Quer o melhor!

P8 - Quer o melhor... tem que ter muita conversa, paciência, limites claros, com certa liberdade, não ter segredos, conversar com a criança e adolescente.

P5 - Mudei? Não! Ninguém muda de uma hora para outra. O que muda é a visão de cada um. Continuo angustiada, mas não

me sinto sozinha. No grupo aprendi a lidar mais com meus próprios problemas do que com os problemas dos adolescentes. Precisamos ter respeito pelo filho, pois ele tem vontades diferentes das minhas. Acho que não tem como aprender a lidar com o adolescente, o meu aprendizado é de que eu pude aprender a respeitar que minha filha gosta de vestido de bolinha e eu odeio, mas hoje eu falo: “Eu não gosto, mas o gosto é seu, e eu respeito”. Eu tenho uma visão que o adolescente não tem. Se eu vou comprar uma roupa, eu fico pensando com que combina aquilo. Eles não, são imediatistas, é aquilo que ele gosta naquele momento.

P4 - Exatamente!

P5 - E pra gente é difícil aceitar isto. Eu aprendi a respeitar que para eles é o momento e não o depois.

P6 - Eu ainda fico com vergonha para falar. Eu concordo com P5, que a gente precisa aprender a respeitar os filhos, e ter claro que eles são diferentes de nós. Hoje mudou muito as coisas, e eu preciso aprender a viver neste mundo de hoje. No grupo foi ótimo, mas num ponto foi ruim, porque eu revivi o meu passado. Muitas coisas que se falavam aqui foi o que eu passei e deu errado, e eu não podia falar nada. Coisas que meus pais fizeram comigo e deu errado, e eu vi acontecendo aqui e não podia fazer nada. Então, eu chegava em casa em depressão.

C - E o que te impedia de falar destas coisas!

P6 - Eu não sei...

P7 - Mas seria muito importante para nós!

P6 - Ninguém conhece meu passado, foi muito difícil. Aprendi muito, muito mesmo. Outra coisa, eu acho que deveria ter continuidade neste trabalho, mas não para lidar com a relação de pais, mas tratar nossas questões, nossos sofrimentos.

P4 - É, falar de outras coisas que não seja a relação com o filho adolescente.

P3 - Muito do que se falou foi tão importante.

P6 - Tudo que eu tinha dentro de mim veio à tona, eu pensei até em desistir do grupo. Era muita coisa pra mim.

P7 - É, tem momentos que a gente precisa de terapia.

P1 - Foi um auto conhecimento para mim e parece que para todos nós.

P7 - O P1, queremos te ouvir mais.

P1 - Eu tenho muitas coisas para dizer. Pra mim foi muito válido. Nestes encontro eu pude reavaliar minhas atitudes com as nossas vivências e acredito que foi um caminho importante, para ajudar nossos filhos, podendo buscar um caminho mais verdadeiro nesta relação de pais-filhos. É eu desejo a todos nós que possamos nos realizar com nossos erros e acertos.

P2 - Desde o início do grupo tinha uma grande expectativa de como seriam as reuniões, o que cada um haveria de falar e contar. Cada um de nós teve o espaço para relatar fatos e expressar pensamentos que funcionou como uma terapia de grupo. Tentamos resgatar algo que estava escondido no fundo da alma e dos pensamentos. Creio que pude aprender muito com vocês, levantando novas dúvidas, outros pontos de interrogação que fizeram poder criar esta maneira “agir-pensar-agir-pensar...”.

P7 - Muito bom!

P1 - Expressou muito bem! Olha, este grupo é demais!

P5 - Mais um ano e nós estamos craque.

(Falam juntos e começam a combinar uma despedida no último dia)

C - Vocês estão falando de o quanto a vivência neste grupo possibilitou uma nova maneira de estar em relação aos filhos, e o quanto é difícil ficar sem este grupo, o quanto seria bom continuar e ter “amigos” para compartilhar suas vivências.

P7 - É muito bom mesmo! A gente não se sente tão sozinho.

P6 - Relembrar minha história foi fundamental para eu poder repensar minha relação com os filhos.

P4 - Eu vejo que meu marido repete com os filhos muito da relação dele com o pai dele, de uma forma severa. Poder olhar para nossa história, possibilita que a gente faça diferente. Eu conversei muito sobre isto com ele, e ele se esforça para não repetir o que aconteceu na relação dele com o próprio pai.

P6 - Um exemplo, esta semana eu estava trazendo V. para uma prova, e ele disse que a escola inteira estava falando que ele estava tão mal que era certo que iria repetir de ano. Aí, eu contei uma história minha, que quando tinha doze anos falavam na escola que eu estava perdida, porque meus pais eram separados, que eu não seria ninguém, e hoje eu sou alguém, sou feliz. E disse que ele não poderia desistir, tem que lutar. Eu falo no meu passado para dar exemplo para eles, e isto parece ajudá-los e a mim mesma.

C - Bom, na próxima reunião faremos um fechamento do grupo como havíamos combinado.

P7 - Depois a gente vai beber, não é pessoal?

(Falam juntos e levantam-se para ir embora)

4.3.1 - Análise da Relação dos Pais com seus Filhos

Esta sessão nos mostra que os pais, após algum tempo de trabalho grupal, podem falar das preocupações que têm em relação à sexualidade dos filhos. Tendo conversado sobre tantas preocupações em relação ao desenvolvimento deles, sobre as diferenças de personalidade, os sentimentos gerados nesta relação, sobre o controle que querem exercer, o medo de perder o controle, a angústia da separação, agora podem mostrar os temores em relação à definição da sexualidade dos filhos **(11.1)**. Esta temática gera uma ansiedade no grupo quanto à preocupação deles nesta possível definição, será que agiram certo ou errado com os filhos, será que deram condições e recursos para que um filho se torne um homem e uma filha se torne uma mulher. Mostram seus próprios preconceitos em relação à homossexualidade **(11.2)** como algo temível, como uma falha da educação que deram. Evitam aprofundar nesta tema, pois parece haver uma mobilização da adolescência de cada um, e da vivência desta etapa tão conflitante. Segundo Alves (1990), numa frase sobre a lembrança diz: "... vez por outra defrontamos com um rosto, um olhar ou apenas uma voz, um gesto de mão... que sem razões, faz a bela cena acordar". Isto nos remete a pensar que falar da sexualidade dos filhos é falar da própria sexualidade, as próprias cenas vividas em seu desenvolvimento, e, mais que isto, a sua atual decadência sexual. Os filhos estão em fase de definição do seu papel na procriação, e eles, pais, em fase de decadência, de perdas próprias do amadurecimento e envelhecimento. Mostram também que os filhos têm dificuldade de crescer, mantêm objetos infantis, demonstrando que é uma etapa

de transição, que eles apontam aspectos infantis e aspectos de amadurecimento, ficando difícil para os pais se localizarem neste momento: são crianças ou são adultos. Há um comportamento dos pais de incompreensão destas flutuações polares, dependência e independência. No adolescente ou púbere “são necessários permanentes ensaios e provas de perda e recuperação de ambas as idades: a infantil e a adulta” (Aberastury, 1981). Para a autora a definição da sexualidade remete a pensar na separação dos filhos, eles têm um corpo, uma sexualidade, uma personalidade próprios, independentes dos pais. A ansiedade de separação precede o luto pelo corpo do filho pequeno, para eles assexuado, sem desejos, o luto pela identidade de criança e pela relação de dependência infantil. Perder o filho infantil é enfrentar o seu envelhecimento e morte.

Há uma resistência dos pais em aceitar o processo de crescimento dos filhos, pois isto implica em aceitar uma relação com muitas ambivalências e críticas. O crescimento do filho, a definição sexual, a definição de uma identidade obrigam-nos a enfrentar as próprias capacidades e frustrações.

Falam de um cansaço, que parece um cansaço de tomar consciência de tantos processos emocionais típicos desta relação pais-filhos adolescentes **(11.3)**. Utilizam um mecanismo de negação para amenizar a ansiedade de separação. Se se envolveram tanto nesta relação com os filhos, como se separar agora? Como abrir mão deste contato e dependência constante, como mudar esta relação de alguém que pode ir embora e voltar quando quiser? Aceitar o crescimento é estabelecer uma nova relação, de adulto para adulto, que quando não se vêem, quando não dependem um do outro, podem sentir saudade. O

envolvimento entre eles é tão grande e agora vão crescer, ir embora. Ao invés de falarem de saudade falam da sensação de cansaço **(11.4)**.

O sofrimento e as contradições são inevitáveis, diferente do processo anterior, onde tudo parecia mais estável, mais conhecido. Esta etapa exige deles muito mais, emoções diferentes e intensas, e isto gera cansaço como se fossem impossibilitados de enfrentamento e crescimento.

A vivência que têm quando seus filhos são crianças é como na gestação, está junto dependendo da mãe e do pai. Quando está na adolescência ele cresce e vai buscar fora da família a constituição de sua identidade . Os filhos crescem e os pais envelhecem...**(11.4)**.

Falam de pais que abandonam os filhos e remetendo ao desprendimento necessário dos pais para que os filhos cresçam. Esta atitude é vivenciada como abandono, como algo terrificante. Deixar que os filhos saiam, se desprendam é como abandoná-los, e estando nesta condição podem ficar perdidos e sem rumo, e eles, pais, desesperados, solitários **(11.5)**. Estas vivências parecem despertar nos pais sentimentos de ódio e agressividade, ou seja, para haver este crescimento de ambas as partes, há sentimentos mais explícitos de ódio em contraponto ao amor idealizado na relação pais infantis e filhos infantis. Os pais precisam matar simbolicamente os filhos infantis e eles também . Isto parece gerar angústia de aniquilamento. “Se eu coloco o meu ódio, eu destruo”, e o que fica?

Falam de pais que matam filhos , que isto é terrível, mas possível. Há uma revolta expressa nos pais deste processo que é necessário ocorrer, a morte deles e dos filhos infantis **(11.6)**.

Todos estes temas levam a uma compreensão de que é muito “duro” separar-se expresso por P8. Ela ressalta que é difícil imaginar que os filhos não precisem mais dos pais **(11.7)**. Há ansiedade de perda do amor dos filhos, a perda da importância e função que tinham.

“O adulto se agarra a seu mundo de valores” nos diz Aberastury (1981), e o adolescente quer defender os próprios e tende a desprezar os que o adulto quer lhe impor. Os pais relatam isto a partir da fala de P5, mostrando suas opiniões sobre o cabelo de um aluno, e que a partir da própria experiência dele acaba fazendo o que ela propôs **(11.8)**.

Ficam confusos quanto aos seus papéis, se é de tia, avó, avô, mãe, pai. Precisam rever sua função e papel nesta etapa de vida dos filhos.

Uma mãe (P3) volta a colocar que a separação é um fato normal no crescimento e que precisam aprender a lidar com isto, precisam crescer. Se eles sofrem tanto com este fato, os filhos também sofrem? **(11.9)**. A dor do adolescente é pouco percebida pelos pais. Normalmente tendem a desprezar o que os pais dizem e solicitam, mas isto é uma maneira de abafar a depressão típica no despreendimento de suas partes infantis.

Uma mãe (P3) vai trazendo este reconhecimento de que eles sofrem tanto como os pais estas perdas, mas dependendo da idade parecem demonstrar menos, ou de maneiras diferentes **(11.10)**. Percebem que na adolescência já têm mais noção sobre perdas, morte, separação, e que cada pessoa tem um modo diferente de lidar com estes sentimentos, mas com o tempo há uma adaptação **(11.11)**. Falam de um processo inevitável, mas

possível, que separar não levará à morte concreta. É uma readaptação a uma nova forma de relacionamento.

Há sentimentos de ciúmes, pois o filho vai fazer parte de uma infinidade de relações das quais os pais nem sempre participarão. Há sentimentos de rejeição e exclusão, fruto deste afastamento e novos relacionamentos dos filhos. Há revivescência do triângulo edípico, mundo-filho-mãe(pai), e todas as ansiedades e conflitos típicos desta vivência: ciúmes, posse, separação, rejeição, morte **(11.12)**.

Com apontamento da coordenadora sobre estas ansiedades, e a partir deste momento, iniciam falas de conquistas que puderam ter a partir das reflexões que fizeram **(11.13)**:

- É difícil ouvir os filhos.
- Contradizer os filhos faz com que se afastem.
- Pensar antes de falar.
- Pensar na própria adolescência e reelaborá-la ajuda a compreender os filhos.
- Não passar os próprios medos para os filhos.
- Os filhos são diferentes dos pais.
- Ver o que o filho pensa e quer.
- Precisa haver uma coerência entre pai e mãe.
- Precisa haver paciência e tolerância.
- Há segredos dos pais e dos filhos que precisam ser mantidos para manter a identidade.
- Estas vivências com os filhos devem ser refletidas para que haja uma mudança na relação com eles.
- Combinar e fazer contratos com os filhos permite uma relação de confiança.

- É importante ter limites discutidos com os filhos, e a liberdade de expressão.
- É preciso esperança.
- A mudança é gradativa.
- Os filhos têm vontades diferentes dos pais e precisam ser respeitados.
- Os pais tendem a repetir a relação que tiveram com seus próprios pais e isto precisa ser mudado.
- O processo de separação e despreendimento é necessário para o crescimento.
- Crescer é bom mas implica também em sofrimento, em perdas.
- É preciso conversar.

E no final vão falar do quanto se sentem sós neste processo e de como é bom ter amigos para compartilhar e reelaborar estas vivências (11.14).

4.3.2 - Análise da Relação dos Pais no Processo Grupal

Os pais do grupo começam a perceber as próprias diferenças a partir do relato sobre a definição da sexualidade. O grupo está chegando ao fim e parece o fim da fertilização obtida nesta vivência reflexiva. Como vai acabar o grupo? Vai ser relação estéril ou fértil? É um grupo homossexual ou heterossexual? Terão condições de procriar e criar? A fantasia

grupal é de sofrimento para ter um funcionamento mental maduro, fecundo. Mostram muita insegurança em exercer suas funções parentais, refletindo o que Bion (1991) descreveu como dificuldade de utilizar o aparelho psíquico para pensar. Parecem funcionar neste momento segundo o pressuposto básico de “emparelhamento” (Bion, 1975), onde começam a perceber o outro como um objeto total, que é aquele que frustra e que gratifica, fruto de uma posição depressiva, que propicia o diferenciar o eu do outro (Klein, 1957).

Há uma oscilação entre a possibilidade de crescer e não crescer explicitado quando uma mãe (P5) fala que seu filho dorme com urso até hoje e que não se importa com isto, parece bom estar preso a alguns objetos infantis, parecem dar segurança e apoio. Falam do cansaço deste caminhar no grupo e as reflexões ocorridas. Uma mãe (P8) fala explicitamente deste cansaço, desencadeando outras falas a respeito desta sensação e em seguida sobre separações. Parecem expressar a dificuldade de separação deste grupo. Estão cansados de tomar consciência de que para crescer é preciso separar, tornar-se diferente, sair da posição de iguais e homossexuais. No grupo vivem esta ilusão de igualdade, sem conflitos, e nutridos por uma mãe (coordenadora) que não os deixa sofrer. O envolvimento foi tão grande entre os membros do grupo que falam em cansaço ao invés de saudade. Sabem que vão se separar mas não querem ser esquecidos. No fundo parecem viver uma ilusão grupal ao sentimento de euforia, querendo dizer que estão bem juntos e que são um bom grupo (Anzieu, 1994). Eles próprios são adolescentes que cresceram, estão diplomados com sua sexualidade e têm que seguir seu caminho. Isto gera no grupo ansiedade de separação, temendo

perder o amor do grupo, sendo esquecidos, não tendo mais importância.

Quando (P5) fala que “é ridículo fazer a última prova” parece referir-se à última reunião do grupo que vai fazê-los sofrer. Sentem como se fossem ser abandonados pela coordenadora e isto gera muito ódio e agressividade. Começam a questionar sobre isto perguntando como é possível uma mãe abandonar um filho? Na dinâmica grupal a psicóloga-coordenadora exerce a representação psíquica de alguém que vai suprir todas as exigências do grupo. Parecem pedir uma mãe que não os deixe sofrer. Parecem necessitar afeto e atenção e querem receber atenção e cuidados. Demonstram medo e ansiedade para enfrentar esta etapa de vida. Estão com raiva de terminar o grupo, pois se sentem ameaçados, com medo de que sozinhos não tenham condições de caminhar.

Expressam o medo diante da morte do grupo, do seu término, se o que puderam viver nestes encontros vai ser levado para a vida deles, ou se vai ser morto por um pai sem amor. Isto fica evidenciado no relato de uma mãe (P4) quando ela fala da morte de uma criança pelos maus tratos do pai. Este pai parece representar a realidade que lhes parece tão difícil de enfrentar. Por outro lado, se continuarem crianças ficam vulneráveis, sem defesas. Para Anzieu (1994) o pequeno grupo “funciona nas representações coletivas como um lugar de realização imaginária das ameaças do superego e como um lugar real das ameaças da sociedade global”.

Para sair do grupo é necessário enfrentarem a heterossexualidade, as diferenças, a individualidade. Segundo Anzieu (1994) o grupo não tem sexo. Os laços homossexuais e

narcísicos são mais fortes e constituem uma defesa contra a agressividade entre as pessoas. Coloca que “o grupo é uma realidade psíquica anterior à diferença dos sexos”. Sair do grupo é sair desta condição homossexual, passiva, para a realidade heterossexual, dominante na família. Conforme Bion (1975) no pressuposto de luta e fuga expressa esses sentimentos de incapacidade para compreender e revive um componente terrível: uma aproximação com um pai terrível, castrador, que os faz sofrer.

A situação grupal mobiliza nos participantes o Complexo de Édipo, mas que vai ser (re)vivido nas relações fora do grupo, nos seus grupos familiares, pois “só a família pode fazer o indivíduo ascender à organização edipiana (Kaës, 1976). Isto é declarado por uma mãe (P8) quando diz ser “muito difícil a separação”, e o quanto isto gera sofrimento.

Mas vêm a possibilidade de sobreviverem e se adaptarem. um pai (P2) relata como foram suas separações e como, com o tempo, pôde aceitar e adaptar-se. Assim como puderam sobreviver com dificuldade a vivência infantil do Complexo de Édipo.

No início do grupo tinham ansiedades projetadas em situações reais. Agora as ansiedades são geradas por abstrações (sentimentos). Mostram seu crescimento a partir das simbolizações realizadas. Mostram ciúme em ter distantes as pessoas que fizeram parte desta vivência grupal e da coordenadora. Se não estão mais presente, outros podem ocupar seu lugar . Surgem sentimentos de exclusão e rejeição típicos da vivência edipiana. Na fala de uma mãe (P3) sobre o nascimento de um filho que gerou muito ciúmes no filho mais velho e muito

sofrimento para ela, parece reavivar o medo da separação deles no grupo.

As pessoas estão refletindo sobre questões tão fundamentais:

- separação
- ciúmes
- rejeição

Voltam a falar de irmãos, que há diferenças entre eles, rivalidades e agressividade. Isto remete a dizer que ali no grupo buscaram parceiros, irmãos, mas que agora ao se separarem cada um vai ter seu caminho, sua vida diferente um do outro, e os sentimentos próprios das pessoas que crescem e que têm diferenças.

Com a intervenção da coordenadora, apontando que esta era a penúltima reunião e a ansiedade de separação vivida naquele momento do grupo, fez com que os pais entrassem na posição depressiva e começassem a mostrar o que ganharam nesta vivência do grupo. Há sentimentos de gratidão, de criatividade, vontade de mudar com os filhos (o outro que está fora do grupo), os progressos pessoais, a percepção de si próprio, que é difícil crescer mas é bom, realizações, que é preciso separar para crescer. Boa parte do grupo mostra o esforço para lidar com a realidade, e que é preciso aprender a administrar os problemas, que não podem ficar no grupo vivendo um sonho. Uma mãe (P6) fala da continuidade do grupo, que ele não pode acabar, que precisa deste espaço para poder ter “forças” e buscar compreensão de sua realidade. Por um lado mostra que é

necessário continuar trabalhando as dificuldades emocionais próprias na vivência grupal, mas por outro, o medo de ficar só.

4.3.3 - A Vivência do Coordenador

Nesta vivência do grupo, estão mostrando a necessidade de ter um espaço que os contenha, que os acolha e os ajude a crescer. A coordenadora mostrou-se continente aos relatos e experiências que os pais foram trazendo, tendo poucas intervenções verbais, mas com sinalizações aprovativas e incentivadoras daquilo que estava ocorrendo no grupo. Nem sempre é possível transcrever adequadamente o clima emocional no grupo em determinado momento, e este principalmente, uma vez que estávamos chegando ao fim, e se para eles (pais) estava difícil terminar, para a coordenadora também. Esta vivenciou sentimentos associados à sua própria disponibilidade empática em relação aos pais do grupo, e como o grupo foi composto de várias pessoas, estes sentimentos foram múltiplos, compreendendo a expressão de conflitos, temores e dúvidas.

4.4.- Análise Horizontal

A experiência obtida com a realização desse trabalho, tanto em relação à técnica utilizada na condução do grupo, como à análise efetivada a partir do material coletado, trouxe-nos novos

elementos acerca da aplicabilidade da técnica grupal com pais no espaço da instituição escolar, revelando-se muito útil no sentido de possibilitar uma ampliação da compreensão dos estados afetivos que ocorrem na relação pais e filhos.

Procuramos discutir acerca do que percebemos no processo de trabalho com este grupo, para termos a noção de um todo. Temos clareza que diante da pluralidade de sentidos e interpretação, muitos aspectos poderão ficar para serem desvendados.

Os pais do grupo puderam trazer tantos aprendizados, que vemos como fundamental registrá-los e torná-los públicos. Esta experiência permitiu estabelecer, viver e elaborar relações de objeto, modalidades identificatórias e vias de realização do desejo.

Esperamos que este estudo possa servir à outros profissionais que trabalham com grupos e nas escolas, que possam ter uma compreensão mais ampla dos conflitos que os pais vivenciam no seu dia a dia, na relação com seus filhos adolescentes, e mais do que isto, as saídas que encontraram para um melhor relacionamento.

4.4.1 - A Relação dos Pais com seus Filhos

Os pais que formaram o grupo de reflexão, de um modo geral chegaram ao mesmo com considerável nível de experiência de grupo em suas vidas, por exemplo, com experiências relacionadas com os filhos, família de origem, trabalho.

A fala dos pais voltou-se para a temática proposta ou seja, as preocupações relacionadas aos filhos adolescentes: as relações estabelecidas, a compreensão do desenvolvimento, o modo de agir e pensar, as diferenças de idade e sexo, a colocação de limites, posturas mais adequadas, definição da sexualidade, o medo da separação.

Ao chegarem ao grupo falaram das incertezas que têm e da dificuldade de compreensão quanto aos filhos e quanto a eles próprios. Mostraram todo esforço para participarem do mundo do filho através de tentativas de diálogo aberto, mas sentem o distanciamento que vai sendo criado nesta etapa da vida, e ficam incertos se isto ocorre por dificuldades deles (pais), ou por dificuldades dos filhos. No processo de trabalho conseguem integrar estas partes, podendo observar o que é de cada um.

Trouxeram a incerteza quanto a educação que passam aos filhos, se estão certos ou errados, colocando em julgamento o modo de serem pais, afinal é uma nova vivência para eles, mesmo para aqueles que têm filhos maiores e que já passaram por esta fase percebem que cada vivência é única e exclusiva.. Eles sabiam ser pais de crianças pequenas e dependentes, mas agora ficam incertos e temerosos, preocupados e desesperados porque não sabem se o que oferecem pode ser útil, ou totalmente desprezível, como muitas vezes sentem.

Com o decorrer do processo de trabalho no grupo percebem que há dificuldade de lidar com a separação de filhos dependentes para independentes, e que há dor e sofrimento nesta vivência, tanto para eles como para os filhos. Eles correm o risco de perderem a função de pais e conseqüentemente a

própria identidade. Se deixam de ser os protetores e controladores, o que lhes restam em relação aos filhos?

Estas preocupações fazem com que comecem a buscar uma nova compreensão dos fatos, e mais do que isto, uma reorganização interna da função pai e mãe, o lugar que devem ocupar na vida dos filhos adolescentes, e fazem isto, não somente contando o que acontece neste momento, mas relembando a própria história como adolescentes que foram. Para estarem como pais de adolescentes precisam do reconhecimento da subjetividade de dois sujeitos: pai (mãe) e filho. Os filhos têm que deixar de ser a tela de projeções dos pais, dos anseios depositados neles. Precisam utilizar outros mecanismos que não sejam mais os de ataque, cisão, idealização, que tanto comprometem o reconhecimento deste filho como um indivíduo único, inegalável, separado deles pais. Precisam passar de uma relação fantasiosa de poder, controle e satisfação narcísica, para uma relação real, onde os filhos ainda precisam de certos cuidados e preocupações dos pais, porém, com um certo distanciamento. O respeito às novas idéias que vão se formando, diferentes das idéias dos pais, mostram a percepção de que são diferentes.

Após tantas vivências experienciadas e lembradas, o resgate da própria vida de adolescente, a troca de idéias com os parceiros do grupo, as verbalizações espontâneas no grupo, o ouvir e ser ouvido, o olhar e o ser olhado, levou-os a dar o aval último da sexualidade a eles próprios e aos filhos. O auge do trabalho foi a compreensão de que seus filhos são sexuados, que estão em fase de definição sexual, e que este é um fator determinante para saberem se tiveram sucesso ou não nas

relações estabelecidas com eles. A menina tornando-se mulher e o menino tornando-se homem, pareceu representar para os pais um sinal de sucesso, mas isto é vivido com muitas angústias e ansiedades, afinal isto significa que os filhos buscarão seus parceiros sexuais, e não investirão tanto neles. Perceberam isto, mas como os filhos estão em desenvolvimento, correm o risco de fracassarem, caso os filhos venham a definir-se sexualmente como homossexuais. Deparam-se com o fato de que os filhos estão ingressando no seu próprio mundo, e que neste mundo cabem pais diferentes daqueles pais infantis.

No decorrer deste processo entraram em contato com adolescente que foram, que parecia encoberto pela personalidade adulta. Desvelou-se aspectos que haviam esquecido em suas histórias de vida, que não permitiam reconhecer: inabilidade para lidar com separação e afastamento, temores quanto ao envelhecimento, as escolhas que fizeram no decorrer da vida, medo da perda de poder e controle, medo da perda de amor e reconhecimento, e tantos outros, que só puderam ajudá-los a compreender os filhos, e aceitá-los como indivíduos separados deles. Percebemos que os pais, em seu desenvolvimento, têm uma falta de lembrança do que foi vivenciado na própria adolescência, e no grupo puderam relembrar a história, não somente os fatos, mas também as emoções; isto foi um fator fundamental para compreenderem os próprios filhos e a eles próprios: o reconhecimento de que passaram pelas mesmas vivências que os filhos estão passando, as escolhas que fizeram em suas vidas como resultado das experiências como adolescentes, a busca incessante por uma individualidade, o desenrolar da sexualidade, os desejos, a formação corporal, as idéias predominantes, e tantas outras. Enfatizaram que as

vivências que tiveram na adolescência nem sempre foram permeadas de afeto e compreensão de seus pais, e o quanto isto dificultou suas vidas, sendo assim também precisam de cuidados para desenvolverem as suas capacidades e potenciais como pais. Moreira (1996), fala com ênfase da importância da imagem internalizada de um bom pai e mãe no mundo emocional do indivíduo, e o quanto isto determina caminhos futuros. Estes pais mostraram que querem ser bons para seus filhos e que para isto precisam de um lugar para refletir e aprender.

Percebemos o sofrimento que sentem neste processo: o desprender-se de velhos modelos introjetados, entrar em contato com vivências tão esquecidas, a tomada de consciência dos aspectos bons e ruins de suas vidas buscando integrá-los, para um novo posicionamento na relação com os filhos.

Foi muito significativo a presença de um homem no grupo, e este pareceu ser bem aceito pelas mulheres em função de exercer a função de cuidados exclusivos da filha. Colocamos isto porque nos chamou a atenção de outros pais não se inscreverem para participarem do grupo, uma vez que isto estava previsto na abertura de inscrições. Em nenhum momento este pai (P2) interferiu no sentido de colocar limites no grupo, ou seja posições masculinas, e sempre se posicionou de acordo com as colocações feitas pelas mães. Isto nos levou a pensar que as mulheres tendem a assumir os cuidados dos filhos e deixar os pais fora desta relação. As mulheres queixam-se da ausência dos pais no dia a dia na relação com os filhos, sentem-se sobrecarregadas, sozinhas, porém parecem colocar impedimentos para aproximação deles e aceitar as posições diferenciadas que podem ter em relação a educação dos filhos. Pensando na família também como

um grupo, será que não se faz necessário um espaço preservado para refletirem constantemente sobre o que querem de suas vidas e na relação com os filhos? E mais do que isto buscarem juntos (pai e mãe) um novo posicionamento como cônjuges, afinal os filhos irão aos poucos embora.

4.4.2 - A Relação dos Pais no Processo Grupal

Ao analisar este trabalho com os pais, percebemos que eles chegaram muito regredidos, expressando incessantemente a necessidade de serem orientados e dirigidos, com dificuldade de pensar e lidar com os próprios conflitos. Esta dependência na coordenadora, como bem nos colocou Bion (1975), reflete o quanto precisam de ajuda para poderem amadurecer como pais, de pais infantis para pais de adolescentes. Durante o processo vão vivenciando os pressupostos de fuga e luta , quando as situações são extremamente conflitantes em relação as vivências com o próprio grupo, tentando negar os conflitos ou mostrando o quanto conseguem resolvê-los, e emparelhamento quando procuram soluções e criação de novas experiências nas relações estabelecidas.

Entendemos que estas pessoas têm suas carências, conflitos não elaborados em suas próprias vivências como adolescentes, e que isto foi revivido na situação grupal. Os fenômenos percebidos e analisados nos levou a pensar sobre “quem são os pais de adolescentes?” e “ainda podemos continuar esperando deles um saber total?” ou podemos vê-los como pessoas em desenvolvimento e que não têm respostas prontas na

relação com os filhos?” Falamos disto com tal ênfase porque percebemos que no acompanhamento de pais em clínicas e escolas, qualquer problema que ocorre com clientes adolescentes, há uma tendência à culparem os pais, como se eles fossem os únicos responsáveis pela formação da personalidade e identidade dos filhos.

No grupo tiveram a oportunidade e um espaço preservado e assegurado pelas regras de funcionamento grupal, para falarem e expressarem seus conflitos com profundidade. Demonstraram a necessidade de respostas rápidas, com isto ficaram mobilizados a contarem as situações de vida; a vivência grupal trouxe esta possibilidade de ser um espaço afetivo e continente, onde cada um pode falar de si, pode ser olhado em sua individualidade (Coelho, 1997). Com esta maneira parecem aprender a olhar o outro e conseqüentemente seus filhos em suas individualidades.

No grupo puderam colocar suas imagens interiores e angústias. Como nos diz Anzieu (1994), o grupo é um lugar de fomentação de imagens internalizadas, e que expressas podem ser compreendidas e analisadas. No grupo os sentimentos invadiram as pessoas, os agitaram; a expressão de seus desejos, medos, angústias, ora os excitaram ora os paralisaram, apontando que são seres em movimento, dinâmicos, e que precisam conhecer estes mecanismos para qualquer processo de mudança em suas vidas. O ser humano existe pelo sentimento de sua unidade, corpo e psiquismo, e em sua formação há uma imagem real e imaginária que precisa ser desvelada para compreensão das formas como se colocam no mundo e nas relações que estabelecem. A partir das trocas que foram efetuadas entre as particularidades de cada um do grupo, muito pode ser reelaborado e transformado, e isto pudemos perceber nas últimas reuniões, em

que foram apresentando as compreensões que tiveram sobre si próprios, e sobre os filhos (Anzieu, 1994).

O grupo pareceu fornecer um ambiente social tangível para a descoberta e experimentação de novos e mais satisfatórios modos de relacionamentos, assim como já colocou Ginnot (1979) em trabalhos realizados com grupos de crianças. Passaram de uma posição esquizo-paranóide, onde sentiam-se ameaçados ao colocar em evidência seus pontos fracos, para uma posição depressiva onde foi possível superar muito de suas angústias, da imagem fragmentada que tinham de si, para uma totalidade, onde pode surgir sentimentos positivos e destes ações e pensamentos mais ajustados. Pode nascer um corpo vivo no grupo, segundo a metáfora de Anzieu (1994), que tem uma unidade e que proporciona o pensamento ativo, dinâmico, e gerador de transformações. Partindo desta metáfora, pensamos que no grupo familiar há esta vivência de unidade pais e filhos e quando vai havendo o desprendimento dos filhos (membros do corpo) pelo próprio crescimento e busca de identidade. É como se este corpo despedaçasse, e isto faz com que sofram muito pelo medo de aniquilamento, que deixem de existir. Há surgimento no grupo da angústia da unidade perdida, aquela ilusão de que o corpo com a mãe é único e indivisível, fazendo ressurgir fantasias mais antigas e primárias de desmembramento; é como se fossem ficar despedaçados, e conseqüentemente mortos, como nos diz Anzieu (1994). Os pais foram percebendo que mesmo os filhos saindo e se distanciando, este organismo (corpo) sendo vivo, tem a possibilidade de manter sua unidade e integridade de uma nova maneira. No grupo puderam viver entre eles esta experiência de separação, saindo inteiros com novas propostas de vida, até

mesmo a criação de espaços para se cuidarem e refletirem sobre suas vidas além da questão da paternidade e maternidade.

Os pais do grupo perceberam suas próprias histórias, seus limites, preconceitos, concepção de educação, e principalmente o potencial que possuem para resolver dificuldades. Eles próprios foram resolvendo os dilemas apresentados e pareceu que aos poucos se sentiam menos culpados por qualquer fracasso que julgavam ter como pessoas. Isto mostrou-nos que puderam sair da posição de filhos dependentes, para assumir com maior tranquilidade a função de pais, responsáveis pelas ações. Puderam vivenciar no grupo a multiplicidade de determinações das dificuldades nas relações que estabelecem (não somente com os filhos), que determinam o modo de ser atual. Puderam desmistificar a onipotência que cada um traz consigo, tendo um reconhecimento das reais possibilidades e limitações, levando-os a pensar, trocar idéias, ser mais verdadeiros. O grupo pareceu propiciar com que lidassem com verdades, sobretudo àquelas mais desagradáveis, reconhecendo-as, ouvindo-as e procurando avaliá-las de formas diferentes do habitual.

As falas muitas vezes foram repetitivas, assim como fazem em suas vidas, mas mostraram-se criativos ao proporem novas formas de se posicionarem com os filhos e com os cônjuges. Puderam aprender a aprender, a partir do pensar, refletir, reparar, elaborar, tarefa muitas vezes recusada pelas pessoas.

4.4.3 - A Vivência do Coordenador

Relatar e analisar um manuscrito que leve a compreensão dos processos mentais conscientes e inconscientes do grupo nos conduz a interrogarmos sobre a posição fantasmática que ocupa o psicólogo-coordenador deste grupo, assim como colocou Kaës e Anzieu (1989). Percebemos que este funcionou como um depositário experimentador e experimentado de vivências emocionais. Deparou-se com um fato inevitável na situação grupal que é a presença real dos outros, que não são virtuais personagens de um relato, e sim pessoas reais, que anteciparam, acompanharam e determinaram caminhos. Foi uma situação especial onde coordenador e pais estavam sentados em círculo, cara a cara, trocando palavras, sentimentos, histórias de vida, gestos e movimentos, situação que por si só provocou uma infinidade de fenômenos que pareciam ocultos nos conteúdos manifestos. Além dos assinalamentos, apontamentos e esclarecimentos do coordenador, a riqueza do trabalho deu-se pelo fato dos pais terem participado de uma maneira ativa, opinando, aconselhando, propondo, criticando sobre a fala dos outros. Puderam interpretar, atuar, responder, interferir de múltiplos modos, criando um campo dinâmico de reflexão, pensamento e criação de novas experiências. Todos estes elementos pareceram nomear a dramática dos papéis e possibilitou outro nível de simbolização, diferente das experiências já vividas por este grupo de pessoas. Cada um ofereceu-se como um doador de significação e funcionou como um espelho reintegrante, assim como nos diz Bèjarano (1978) que toda demanda de saber encontrará um outro que se oferece como

doador de significação, e neste grupo não foi diferente, ali estavam coordenador e pais para exercerem esta função. Isto fez com que as transferências e contratransferências não ficassem somente depositadas na pessoa do coordenador. A presença dos outros permitiu um jogo cênico onde tornaram-se objetos de projeções, introjeções, identificações, objetos de escolha e negação, objetos de desejos e rivalidades. Percebemos o grupo como um nó atravessado de inscrições desejantes, conduzindo a uma ilusão da realidade, que criou um universo que pode aproximar o coordenador dos membros do grupo, dando espaço para o descobrimento de tantos aspectos que pareciam encobertos.

Olhando para cada um dos integrantes, escutando-os, assinalando, buscando significados, pareceu propiciar a busca de um caminho para a separação necessária deles com o grupo e deles com os filhos, para o amadurecimento e crescimento necessários para a busca de novos posicionamentos nas relações pessoais.

A coordenadora teve função de sustentáculo do enquadre e foi constituinte do grupo como instrumento, pode olhar e ser olhado, condição esta que antecipou e acompanhou a escuta. Para isto foi necessário um delicado equilíbrio e plasticidade de imersão nos climas transferenciais e contratransferenciais, porém nem sempre teve a capacidade de absorver tudo pela quantidade de estímulos, e segundo Kaës (1976) “são múltiplos gestos, olhares, movimentos, projeções, que sobrepõem a capacidade do analista absorver,... imaginem o impacto contratransferencial de tantas olhadas?”

Muitas vezes isto invocou a um enfrentar o grupo por contra identificação projetiva para aliviar o excesso de emoções e angústias, para redução de energia, embora também tenha possibilitado o grupo para busca e pensamento criativo. Anzieu (1994) fala em relação ao coordenador de grupo que “a transferência se dirige a ele senão como alguém questionado pela situação grupal”, e ressalta que o analista não é somente quem anuncia as regras de funcionamento grupal, mas é fundamentalmente aquele que constitui o grupo como instrumento, que tem uma finalidade e objetivo, ou seja, é nele que é depositado uma série de fantasias e expectativas. Mas como já comentamos, no grupo isto não ficou depositado somente no coordenador. Percebemos que no início do grupo sim, mas com o decorrer do processo isto foi sendo distribuído para todos os integrantes e cada membro passou a ter um papel co-terapêutico, não ficando reduzidos a suportes imaginários.

As colocações da psicóloga-coordenadora tenderam a ocorrer a nível coletivo, porém muitas vezes foi individualmente. Seu papel essencial foi de ajudar os participantes a reconhecerem o que estava sendo vivido em determinada situação, levando-os a descobrirem este jogo de espelhos, que Anzieu (1994) denominou ilusão grupal, reintroduzindo a dimensão da busca, pelo efeito da desilusão, para passarem da vivência do imaginário grupal, para uma vivência real.

Os assinalamentos muitas vezes foram precipitados, porém não pareceram ser obstáculos para a função potencializadora e transformadora do grupo.

Em relação aos registros percebemos que possuem lacunas - foram anotados o que se pode ouvir e ver, mas

raramente as posturas, olhadas, tonalidades de voz. Certos intercâmbios deixaram de ser expressos nestes registros, mas pudemos falar e analisar estas emoções sentidas nestes momentos de tanta riqueza. Percebemos que há um aprendizado que não é somente dos pais participantes, mas para o coordenador que vai aprofundando neste tipo de trabalho com grupos.

Esperamos que através deste processo que vivenciamos, os pais possam ter percebido outros significados para suas vidas, e principalmente na relação com seus filhos, que foi um dos propósitos deste trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

“Mas a experiência interior é conquista, e como tal, para outrem (...). É a alegria suplicante.”

(Georges Bataille)

Este trabalho nos fez acreditar na proposta de aliar a vivência grupal à instituição escolar. Pela demanda que as escolas têm trazido em relação as dificuldades dos pais em lidarem com seus filhos, evidencia-se a necessidade de criação de espaços onde eles possam falar livremente sobre o vínculo com os filhos, enfim, suas experiências dentro do processo de vida afetiva. Observamos que os pais são capazes de reconhecer alguns elementos causais das dificuldades atuais com os filhos na própria história de vida, e vemos que o grupo de reflexão pode proporcionar estas percepções. Nos propusemos realizar a experiência de um grupo de pais na qual fossem sensibilizados aos fenômenos de grupo e conduzidos a descobrir meios apropriados para resolverem alguns problemas que se manifestaram nas reuniões, em relação aos filhos adolescentes.

Segundo Kaës (1976) “o grupo é a formação intermediária que no seio da instituição vincula entre si os sujeitos, de modo que possam depositar nele seus desejos reprimidos e encontrar os meios de realização substitutiva”. Sendo assim, as pessoas

ligam-se à instituição, ao seu ideal e ao seu projeto. Para Térzis (1996) a ausência de experiências com grupos nas instituições educativas afeta o equilíbrio psíquico das ansiedades depositadas, debilitando a confiança no projeto de trabalho. Desta maneira compreendemos que os pais que matriculam seus filhos numa escola, não só esperam dela um espaço de aprendizagem cognitiva dos filhos, mas também aprendizagem afetiva.

O grupo de pais foi um espaço privilegiado para reflexão sobre as relações em geral, ou seja, com os filhos e com a escola. Este modelo de intervenção, o grupo de reflexão, mostrou-se adequado para revelar estados emocionais dos pais na relação com seus filhos, descobrindo formas criativas de lidarem com esta etapa de suas vidas. O fato de ter um número de reuniões pré-determinadas, possibilitou a permanência sistemática das pessoas, mostrando-nos que um projeto com início, meio e fim, possibilita uma organização das famílias para criação de espaços de reflexão em suas vidas. Com esta experiência puderam compreender os processos motivados na relação com os filhos e percepção de que há limites para eles. Outro aspecto observado é que a participação foi espontânea e sistemática, possibilitando a efetivação das regras de funcionamento do grupo. Em outras experiências realizadas com pais em grupos abertos, ou com obrigatoriedade por parte da escola, a participação foi insatisfatória, com demonstração de desinteresse, segundo dados verbais da própria escola.

No início as comunicações dos pais foram precedidas de uma ansiedade persecutória, uma vez que desconheciam os membros pais que constituíam o grupo e a própria entidade grupal, mostrando medo em expor seus conflitos e de serem

julgados. Seguiram à uma situação de frustração introduzida pela psicóloga-coordenadora, que pela sua atitude de escuta e poucas interferências, deixou de dar soluções e permitiu que o grupo as descobrissem por si só. Foram motivados a fazer uso do pensamento, e busca de soluções. Assim, o clima inicial foi tenso e caracterizado por mecanismos de fuga, cisão, negação e agressividade.

A entrada no grupo provocou uma falência dos mecanismos habituais de defesa do eu desencadeando uma regressão massiva dos participantes. Cada pai e mãe confrontou-se com o desconhecido, e esta situação fez com que utilizassem suas defesas mais arcaicas.

As comunicações iniciais foram centradas na psicóloga-coordenadora, que ora era vivenciada como bom objeto ora como mal, alternada e sucessivamente. Porém, gradualmente, observamos que na medida que se sentiram seguros e algumas resistências foram vencidas, puderam dirigir suas comunicações de forma horizontal, ou seja, para o grupo como um todo, com percurso pelos vários níveis de comunicação: experiência subjetiva individual, experiência subjetiva múltipla e comunicação associativa (Cortesão,1971). Desta maneira as reuniões foram enriquecedoras para todos os pais do grupo já que, pareceu trazer elementos para uma melhor compreensão das experiências das relações e vínculos que se estabelecem nos convívios.

A vivência grupal também trouxe a possibilidade das pessoas perceberem que suas vidas são dinâmicas, e que há necessidade de rever velhos padrões, pensando e aprendendo. Não há curso para aprender a ser pai ou mãe pois esta vivência é um processo contínuo e faz-se necessário espaço para reflexão. O

grupo de pais pareceu propiciar aos integrantes do grupo o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o que vivenciam, possibilitando a reestruturação daquilo que parecia estar cristalizado. Pudemos observar, acompanhar e analisar este processo ocorrendo na experiência apresentada neste estudo.

Em termos de contratransferência, podemos dizer que, no contato com o grupo de pais pudemos compreender suas verdadeiras mensagens e tolerar os momentos em que se desencadeavam os mecanismos destrutivos.

Acreditamos que medidas preventivas ou remediativas sejam necessárias em qualquer comunidade, e com outros tipos de demandas como já vem mostrando alguns trabalhos realizados por diversos profissionais e que algumas foram citados na Introdução nos itens **1.2** e **1.6**: grupo de reflexão de pais anterior ao atendimento de filhos em psicoterapia, família com filhos drogadictos, alcoolistas, estudantes universitários, professores, gestantes, pessoas portadoras de câncer, ou seja, qualquer tipo de demanda onde as pessoas precisem de ajuda.

Diante desta experiência nos perguntamos como em pleno século XX, este tipo de recurso, que se origina na psicoterapia de grupos, seja tão pouco utilizada num país como o Brasil que têm uma enorme população e tanta necessidade na área da saúde. Timidamente tem aparecido novas grupalidades, e isto pode mudar com uma nova percepção da realidade e um ajuste nos campos referenciais teóricos. Com esta experiência apresentada, acreditamos que o trabalho com grupos possibilite o colher transformações e crescimento nas relações pessoais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M.. *Adolescência Normal*. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve, Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ALVES, R. - *Tempus Fugit*, São Paulo: Papirus, 1990.
- ANZIEU, D.. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. Trad.de Anette Fuks e Hélio Gurovitz, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- ANZIEU, D; MARTIN, J.Y.. *La dinâmica de los grupos pequeños*. Trad. de Marina E. Arater de Hombria, Buenos Aires: Kapelusz, 1971.
- ANZIEU, D.; BÉJARANO, A.; KAËS, R.; MISSENARD, A.; PONTALIS, J.B. *O trabalho psicanalítico nos grupos*. Trad.de Cunha, Lisboa: Ed. Moraes, 1978.
- ARCANJO, C.M.A.. Experiência com grupos de alunos pós-graduados: estudo psicológico. *Dissertação de Mestrado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, Campinas, 1993.
- ANGELI, O.A.. Experiências de grupos de reflexão com alunos médicos: um estudo psicológico. *Dissertação de Mestrado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, Campinas, 1997.

- ARRUDA, S.L.S.- Vivências clínicas de um grupo de mães, cujos filhos estão em ludoterapia. *Tese de Doutorado à Universidade Estadual de Campinas*, Campinas, 1991.
- BALES, R. *Interacion process analysis*, Cambridge: Ed. Mass, 1950.
- BÈJARANO, A.. Resistência e transferência nos grupos. In: Anzieu, D. et al. *O trabalho psicanalítico nos grupos*. Trad. Ana Maria Cunha e Marta Ulrich, Lisboa: Moraes, 1978.
- BETTINI, R.V.. Grupo de pais em instituição: uma experiência de intervenção. *Dissertação de Mestrado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, Campinas, 1997.
- BERNARD, M.E.. Los grupos psicanalíticos de reflexion en la formação de analistas grupales. *Rev. Grupal*, 1: 41-46, 1991.
- BION, W.R.. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*, São Paulo: Imago e Edusp, 1975.
- _____. *O aprender com a experiência*, Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BLAYA, A.M.. O primeiro hospital psiquiátrico do Brasil. In: *Análise do seu funcionamento e dos problemas*. (Arquivos da Clínica Pinel), Porto Alegre, 1962 .
- BLEGER, J.O. *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. Trad. de Rita Maria M. De Moraes, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993.

- BLEGER, J.O. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Trad. de Emília de Oliveira Diehl, Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BOLETIM DE SAÚDE MENTAL.. Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Campinas, São Paulo, v.1, 1984.
- BOWLBY, J.. *Formação e rompimento dos vínculos afetivos*. Trad. de Álvaro Cabral, São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- BUDNIK, R.H.. Algunas reflexiones sobre los grupos de reflexion. *Rev. Psicologia y Psicoterapia de Grupo* ,2: 155-172, 1987.
- BURROW, T.. O método de grupo da análise. *Rev.Psychoanalytic*, 14:268, 1925.
- CASSORLA, R.M.S.. Jovens que tentam suicídio. *Tese de Doutorado à Universidade Estadual de Campinas*, Campinas,1981.
- COELHO, A.; CYRÍACO, E.. Grupo de sala de espera: relato de uma experiência no Ambulatório de Psiquiatria e Psicologia do Adolescente do Hospital das Clínicas da UNICAMP-Campinas. *Anais do Congresso Latinoamericano de Psicoterapia Analalítica de Grupo*,Buenos Aires, 1994.
- COELHO, A.. O grupo de pais enquanto cuidadores. *Anais do Congresso Luso-Brasileiro e Psicoterapia Analítica de Grupo*, Guarujá, 1995.
- _____ . Cuidando dos cuidadores: uma experiência institucional com grupo de pais de adolescentes .

- Dissertação de Mestrado à Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.*
- CORTESÃO, E.L.. *Grupoanálise: Teoria e técnica*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- DAVIDSON, B. & NEUBURGUER.. M.. Habia una vez una familia. *Anais do XI Congresso Latinoamericano de Psicoterapia Analítica de Grupo*, Buenos Aires, v.2, 1994.
- DELAROSSA, A.. *Grupos de Reflexión*, Buenos Aires: Editorial Paidós, 1979
- EFFRON, M., PITZER, M. STANE, M.. Promocion de la Salud Mental en los Grupos Humanos. *Anais do X Congresso Latinoamericano de Psicoterapia Analítica de Grupo*, Buenos Aires, 1992.
- EIGUER, A.. Um divã para a família: do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica, Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERRARI, A.T.. *Metodologia da pesquisa científica*, São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1982.
- FIORINI, V.M.L.. Níveis de Experiência de um Grupo de Psicoterapia em Enfermaria. *Dissertação de Mestrado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1995.*
- FISCH, M.A.P.. Grupo de Pais - Reflexão de uma proposta. Artigo interno sem publicação (1995).
- FOULKES, S.H.. *Introducion to group-analytic psychoterapy*, New York: Grime Atratton, 1948.

FOULKES, S.H.; ANTHONY, E.J.. *Psicoterapia de grupo*, Rio de Janeiro: Bup, 1967.

FREUD, S.(1909) “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”. *Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Trad. de J. Salomão, Rio de Janeiro: Ed.Imago. 1980, v.X.

_____ (1912) “A dinâmica da transferência”. *Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Trad. de J. Salomão, Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1980, v. XII.

_____ (1915). “Luto e melancolia”. *Ed. Standart das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Trad. de J. Salomão, Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1980, v. XIV.

_____ (1913). “Totem e tabu”. *Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Trad. de J. Salomão, Rio de Janeiro: Ed.Imago, 1980, v.XIII.

_____ (1920). “Além do princípio do prazer”. *Ed. Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud*. Trad. de J. Salomão,, Rio de Janeiro: Ed. Imago, v. XVIII.

_____ (1921). “Psicologia de grupo e a análise do ego”. *Ed. Standart das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Trad. de J. Salomão, Rio de Janeiro: Ed.Imago,1980, v.XVIII.

_____ (1923). “O Ego e o Id”. *Ed. Standart das Obras Psicológicas de S. Freud*. Trad. de J. Salomão, Rio de Janeiro: Ed. Imago, v.XIX.

- FUNKEL, L.A.. Serão as mães sempre insuportáveis? Uma experiência de trabalho. *Cadernos CBIA*, 2: 53-55, 1993.
- GONÇALVES DA LUZ, F.. O uso do grupo de reflexão em instituição hospitalar: uma experiência pessoal. *Rev.da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo*, p.84-87, 1995.
- GREINBERG, L.; LANGER, M.; RODRIGUE, E.. *Psicoterapia de grupo: Enfoque Psicanalítico*, Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitário, 1976.
- GUIRADO, M.. *Psicologia Institucional* ,São Paulo: EPU,1987.
- HALTON, A. & MAGAGNE, J.. *Abrindo espaço para os pais: Psicoterapia com famílias, uma abordagem psicanalítica*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- JACQUES, E.. *Temas de psicanálise aplicada*, Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- KAËS, R. & ANZIEU, D.. *Crônica de um grupo*. Trad.de Hélio Acevedo, Barcelona/España: Gedisa S.A., 1989.
- KAËS, R.. *El aparato psíquico grupal*. Trad. de Hélio Acevedo, Barcelona: Editora Granica, 1976.
- KAPLAN, H.I; SADOCK, B.J.. *Compêndio de psicoterapia de grupo*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Dayse Batista, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- KLEIN, M (1957)..*Inveja e gratidão: estudo das fontes do inconsciente*. Trad. de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Ed.Imago, 1984.

- KRUEGER, R.A.. *El grupo de discussion: guia práctica para la investigacion aplicada*, Madrid: Ediciones Pirâmide, S.A., 1988.
- LADRIÈRE, J.. *A articulação do sentido*, São Paulo: Epu-Edusp, 1977.
- LAPLANCHE & PONTALIS.. *Vocabulário de Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes ,1986.
- LAZZEL, E..The group treatment of dementia precox. *Rev. Psychoanalytic*, 8:168, 1921.
- LEWIN, K.. *Resolving social conflicts*, New York: Harper & Brothers, 1948.
- MALDONADO, M.T.. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*, Petrópolis: Ed.Vozes,1986.
- MARTINS e BICUDO,M.A.V... *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*, São Paulo: Moraes, 1989.
- MARSH, L.C. Group treatment of psychoses by psychological equivalent the revival. *Rev. Ment Hygiene*, 15:328, 1931.
- MELLO FILHO, J.. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- MELO, S.A. de.. *Aspectos Emocionais de um grupo de enfermaria: o grupo como instrumento de investigação. Dissertação de Mestrado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, Campinas, 1994.
- MENNINGER, W.V.. Lessons from military psychiatry for civilian psychiatry. *Rev. Ment Hygiene*, 30: 571, 1946.

- MOREIRA, M.J.. *O grito dos drogados*, São Paulo: Lemos, 1996.
- MORENO, J. L.. *Psicodrama*, São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.
- MUNIZ DA SILVA, L.. Grupos de Reflexão: aplicações. *Rev. Grupal*, 2: 61-66, 1992.
- OLIVEIRA JR, J.F.- Relações Inconscientes ao acontecer grupal. In: MILLER DE PAIVA, L. e colaboradores, Séculos XX e XXI: *O que permanece e o que se transforma*, São Paulo, Ed. Lemos, 1996, p.159-163.
- PICHON-RIVIÉRE, E. . *O processo grupal*. Trad. de Marco Aurélio F. Velloso, São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- .. *Teoria do Vínculo*. Trad. de Marco Aurélio F. Velloso, São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- PINCUS & DARE.. *Psicodinâmica da família*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- PONTALIS.. Le petit groupe comme objet. In: Pontalis et al *Les temps modernes*, 211, 1963.
- PRATT, J.H. Resultados obtidos no tratamento da tuberculose pulmonar pelo método de classe. *Brit M. Journal*, 2: 1070, 1908.
- REZENDE, A.M.. *Psicanálise e filosofia das ciências*, São Paulo: IDE, 1993.
- ROJAS, M.C.. Patologias de fim de milênio. Trabalho apresentado no XI Congresso Latino- Americano de Psicoterapia Analítica de Grupo, Buenos Aires, 1994.

- SCHILDER, P.. The analysis of ideologies as psychotherapeutic method. *Am. J. Psychiatry*, 93:601, 1936.
- SLAVSON, S.R.. *Tratado de Psicoterapia Grupal Analítica*, Buenos Aires, Ed.Paidos, 1976.
- SOIFER, R.. *Psiquiatria infantil operativa: psicologia evolutiva e psicopatologia*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- TÉRZIS, A.I.. O método grupanalítico: processo e suas regras. *Trabalho apresentado na Jornada "Amor e Ódio" realizado pela Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo de Campinas*, Campinas, 1993.
- _____. *Psicoterapia de grupo nas instituições. Trabalho apresentado no III Congresso Luso-Brasileiro de Grupanalise e Psicoterapia Analítica de Grupo*, Guarujá , 1995.
- _____. O grupo de reflexão em um curso de pós-graduação: estudo psicológico. *Rev. da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo*, 4, São Paulo, 1995.
- _____. Experiências sobre a instituição acadêmica: um modelo de intervenção. *Rev. da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo, ABPGAG*, 3: 76, 1996.
- VALLE, M. del C.. Padres y niños en grupos paralelos: grupo e juego. *Rev. do XI Congresso Latinoamericano de psicoterapia analítica de Grupo*, 3: 87-92, Buenos Aires, 1994.

VILHENA, J. de (org.).. *Escutando a família: uma abordagem psicanalítica*, Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1991.

----- . Era uma vez uma família - Da psicanálise da família. *Dissertação de Doutorado à Pontifícia Universidade de São Paulo*, São Paulo, 1984.

VINOGRADOV, S.; YALON.. *Manual de psicoterapia de grupo*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

WENDER, L.. The dynamics of group psychotherapy as an outpatient treatment in a psychiatric clinic. *Am J. Psychiatry*, 23: 415, 1949.

WOLF, A; SCHWARTZ, E.K. *Psychoanalysis in groups*, New York: Grune & Stratton, 1962.

WINNICOTT, D. *A família e o desenvolvimento do indivíduo*, Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1980.

ZELSMAN, M.. Padres e niños en grupos paralelos. Un abordage necessário. *Anais do XI Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Analítica de Grupo*, Buenos Aires, 1994, p.347-353.

ZIMERMAN, D.E. *Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo*, São Paulo: Mestre Jou, 1971.

----- . *Fundamentos básicos das grupoterapias*, Porto Alegre: Artes Médicas , 1993.

7. ANEXOS

7.1. Ficha de Interesse

Grupo de Reflexão de Pais de Adolescentes

(Pesquisa sobre Grupos de Pais).....

Nome: Sr..... Idade

Sr^a..... Idade

Nome dos filhos: 1. Idade Série

2..... Idade Série

3..... Idade Série

Endereço: Rua..... Nº

Cidade Tel

Período de Disponibilidade:

manhã () tarde () noite ()

Dias da semana:

2^a () 3^a () 4^a () 5^a () 6^a ()

Expectativas em relação ao grupo de pais:.....

.....

.....

7.2. CONTRATO - Pesquisa sobre Grupos de Pais

Por meio deste documento particular de contrato de pesquisa, o Sr.....e Sr^a....., pais (e/ou responsáveis) de concordam em participar da pesquisa que será realizada através do grupo de pais com objetivo também de conscientização, e se declaram cientes das condições abaixo estipuladas.

A identificação dos sujeitos é exclusiva do pesquisador e, no caso de publicação de qualquer material sobre a pesquisa, os nomes serão alterados. O material obtido segue os preceitos éticos inerentes a uma pesquisa psicológica.

Para facilitar o registro e análise do material, este será gravado com a permissão dos sujeitos expressa por este contrato. A coleta deste material se dará na, onde os participantes pertencerão ao grupo de pais e onde serão gravadas todas as reuniões que se realizarão em três meses. A pesquisa será realizada em decorrência da dissertação de mestrado, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

O comparecimento nas reuniões será de responsabilidade

Data:

Cidade:

Sr.....

Sr^a.....

Pesquisadora:.....